

“NUNCA SE DEIXE APANHAR”

A vida de **Jamil Snege**

Franco Caldas Fuchs

“NUNCA SE DEIXE APANHAR”

A vida de **Jamil Snege**

Franco Caldas Fuchs

Curitiba, 2006

Para cada um de vocês: Renato, Margareth e Fernanda.

Esta é a mais doida, a mais insana das touradas. Um jogo cuja regra máxima é: **NUNCA SE DEIXE APANHAR**. Você deve representar todos os papéis, mas não se deixar apanhar por nenhum. É a única maneira de continuar a crescer. Recusar o rótulo. Jogar no lixo a etiqueta que se apressam a colar na sua testa. Não deixar que sua performance ganhe a fixidez das coisas mortas. Se você faz coisas de médico, e alguém insiste em ver apenas o médico em você, construa imediatamente uma casa. Se você faz versos, aprenda a manejar um arado. E se encherem suas mãos com sementes, atire-as para o alto e sopra uma flauta. É em sua extrema fluidez que a vida se mostra mais generosa.

JAMIL SNEGE, *Como eu se fiz por si mesmo*, p. 267.

SUMÁRIO

Introdução,	7
1. Com a corda no pescoço,	9
2. Uma sexta-feira da paixão,	13
3. Os que partem, os que chegam,	15
4. Medo da chuva,	18
5. A queda,	22
6. Padre Jamil?,	24
7. Menino virando homem,	26
8. A farsa é o antídoto da idade,	29
9. Suicídio na ilha da ilusão,	32
10. Guerra da Coréia,	34
11. A Baiúca,	36
12. A marcha das 12 horas,	39
13. “La Dolce Vita”,	45
14. A grande cagada,	48
15. De pára-quedas no Rio De Janeiro,	54
16. Eterno retorno,	62
17. Um Niágara de água gelada,	68
18. Contos de Repente,	70
19. Sociologia em tempos de ditadura,	72
20. Aventuras pelo sul do país,	76
21. Os amigos da Boca,	82
22. Um tempo sujo,	85
23. Quem poderia imaginar?,	91
24. O casamento,	94
25. Nomes sonoros terminam com “el”,	97

26. Com a morte na alma, 102
27. Os primeiros terremotos, 106
28. A Mulher Aranha, 108
29. Um caso de amor incurável, 112
30. Estrela excêntrica, 115
31. Enfim, a separação, 117
32. Cordel, 121
33. Ficção Onívora, 125
34. A morte do pai, 128
35. Kid Malu está na cidade, 130
36. Crise de meia-idade, 135
37. Jogo duplo, 138
38. Começando com o pé direito, 140
39. Nasce o “Pimpo”, 144
40. Uma banana para a publicidade, 146
41. Quando políticos viram lutadores de boxe, 151
42. O Exército Brancaleone, 157
43. A porção feminina do Turco, 161
44. Ócio criativo, 168
45. O fim de uma era, 171
46. Amigos e livros, 175
47. Um “alien” dentro do peito, 178
48. Os custos do Jacaré, 181
49. Indignação/Resignação, 184
50. As luzes, 188
Apêndices, 191
Obras de Jamil Snege, 203
Bibliografia consultada, 205
Agradecimentos, 207

INTRODUÇÃO

Como se verá adiante, para o desespero do seu pai, que era tipógrafo e umbandista, desde cedo os maus espíritos impeliram Jamil Antônio Snege para a anarquia e a literatura. Com 16 anos começou a escrever em jornais. Aos 18, provocou um incêndio num treinamento militar. Expulso do exército em Curitiba, foi virar pára-quedista no Rio de Janeiro em plenos anos 60. De volta a sua cidade natal, depois de mais uma passagem rápida pelo jornalismo e até pela sociologia, entraria definitivamente na propaganda, colhendo sucesso e prestígio nesse meio.

Paralelamente à atividade publicitária – que ele repudiava, considerava apenas o seu ganha pão –, Jamil se dedicaria à literatura, sua verdadeira vocação. E por diversos fatores – o espírito dos anos 60, consideração à arte, timidez, enfim, digam o que quiser – faria isso sempre de forma independente. A maior parte de seus onze livros, que perpassaram por diversos gêneros: romance, poesia, conto, teatro, etc., ele publicou por conta própria, ou senão, por editoras pequenas, de amigos, o que acabou restringindo de forma drástica o alcance de sua obra a um maior número de leitores pelo país.

Apesar de tudo, mesmo à margem do mercado editorial, Jamil se corresponderia com os grandes nomes da literatura e da crítica, e seria admirado por eles (para se ter uma idéia, a escritora Hilda Hilst chegou a dedicar-lhe um poema; tal agrado definitivamente não é para qualquer um). Esses também completavam o time dos seus “500 leitores fiéis” que, segundo Jamil, faziam mais barulho do que todos os leitores do Paulo Coelho juntos.

Dito isso, exponho aqui um dos objetivos dessa biografia: tentar justamente expandir os 500 gatos pingados, procurando difundir a vida, a obra e, sobretudo, a verve do “Turco” para fora dos limites de Curitiba e além.

Mas antes que se inicie a jornada por essas páginas, gostaria de deixar registrado: como uma biografia definitiva do Jamil, “Nunca se deixe apanhar” ainda não está encerrada. A pesquisa para composição deste livro começou no início de 2004 e foi interrompida no final de 2006 para que este trabalho fosse apresentado à banca do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Paraná. Entre o período citado, cerca de 100 pessoas foram entrevistadas, algumas mais de uma vez, entre familiares, amigos e colegas que conviveram com o Jamil. (É verdade que ficaram faltando ainda alguns personagens chaves, como a última esposa Vera Lúcia Bachmann, o filho Jean Snege, e políticos como Roberto Requião, Jaime Lerner e Tony Garcia).

Com relação ao espólio literário do Jamil, todos os seus livros publicados foram consultados, assim como uma soma considerável das crônicas e outros textos apenas veiculados na imprensa. De seus trabalhos publicitários e relacionados ao marketing político, por uma questão de falta de acesso, apenas uma pequena parte (porém significativa) chegou ao meu conhecimento.

Era isso. Sem mais delongas, boa leitura!

Franco Caldas Fuchs

COM A CORDA NO PESCOÇO

Seis e meia da tarde já é noite escura. Em pleno inverno curitibano, com o frio e um vento que corta gelado, quem pode não se arrisca a sair de casa nesta segunda-feira, 10 de julho de 1939. Mesmo assim, um homem sozinho, parado na esquina da rua Engenheiros Rebouças com a Nunes Machado, parece indiferente a essas intempéries.

Visivelmente nervoso, olha para um lado e para outro da rua. Coça a cabeça, cruza os braços, põe a mão no bolso, enfim, faz todos os trejeitos daqueles que estão a esperar por alguém ou alguma coisa há bastante tempo.

O homem agora, pelo visto, dará uma espiada na outra esquina. Talvez a pessoa por quem ele tanto espera surja da rua 24 de maio, quem sabe? Nesse caminhar, sem nenhum motivo aparente, esse moço de bigodes e com aparência árabe estaca no meio da quadra. Pára diante de um chalé, o de número 2645, e, por alguns segundos, durante os quais sua fisionomia torna-se ainda mais intranquã do que dantes, fica a contemplar suas janelas iluminadas. Ele então respira fundo e anda.

Porém o que haveria de tão especial nessa casa pela qual esse sujeito acabou de passar? Melhor seria poder nela entrar e investigar. Para a nossa surpresa, a porta está destrancada. Estamos na sala e constatamos que, pelo menos aqui, não há nada de anormal. A decoração é simples (mesa, cadeiras, uma espreguiçadeira, etc.), como já se poderia prever de um chalé modesto como os outros deste bairro. O estranho é não haver alguém por perto. Ou melhor, há, mas deve estar em outro cômodo, como se comprova a seguir.

Do quarto dos fundos brotam ruídos esquisitos. Mais especificamente gemidos, gritos de mulher, entrecortados por vozes baixas, igualmente femininas.

Estirada na cama de casal, uma mulher entra em trabalho de parto. Ao seu lado estão uma senhora e uma moça jovem que tentam a todo custo trazer algum alento para a pobre. Infelizmente, é só isso que elas podem fazer, tentar acalmá-la, visto que nenhuma das duas é parteira. Chamam-se Carolina e Linda, e são apenas, respectivamente, mãe e irmã de Anna, a mulher prestes a dar a luz. A parteira está atrasada, e era por isso que José Snege, marido de Anna, andava lá fora desesperado.

O bebê, em contrapartida, não esperará por ninguém. Seu corpo já começa a despontar – pelos pezinhos –, o que torna a situação ainda mais delicada. Carolina não tem outra alternativa a não ser tentar puxar a criança, no que é ajudada pela própria Anna. Linda, por sua vez, corre até a cozinha apanhar uma tesoura e barbante. Ao retornar para o quarto, encontra a mãe e a irmã em pânico diante de um bebê mudo. É tudo uma questão de segundos.

“Morreu, morreu”, Anna repetia desolada.

Carolina, porém, percebeu a tempo o cordão umbilical enrolado no pescoço, e com a tesoura que a filha lhe trouxera, acabou com o sufoco da criança que, por fim, pôde inspirar o ar livremente pela primeira vez. Seu choro coincidiu com a chegada de José e a parteira.

“Calma que a parteira já chegou”, ainda vinha gritando José.

“E o teu bambino também”, respondeu Carolina, para a surpresa do genro.

José empalideceu, mas logo foi acalmado pela notícia da esposa:

“É um menino, José! Venha ver o seu filho!”

Diante disso, a parteira Helen Graschen, alemãzona rechonchuda e faladeira, sentou-se também na cama junto a eles, explicando com seu português arrevesado que estava atendendo outro parto ali nas redondezas, que por isso não viera antes e... com o peso dela, a cama quebrou. Foram todos para o chão: Helen, José, Anna e o bebê que, com o susto, desatou a berrar ainda mais.

Passado esse ligeiro constrangimento, só restaria a Helen dar os parabéns àquelas corajosas mulheres (depois de cortar devidamente o cordão umbilical que elas, inexperientes, haviam deixado muito comprido).

Tanto Anna como a criança poderiam ter morrido, como acontecia naquela época em muitos partos do tipo pélvico, isto é, quando os pés ou a bundinha do

neném estão voltados para a vagina da mãe; ou então, o bebê poderia ter ficado com seqüelas graves – paralisia cerebral, por exemplo, por falta de oxigenação – em decorrência do cordão umbilical enrolado no pescoço. Acima de tudo, naquela noite, mãe e filho tiveram sorte.

Por completa influencia paterna, o infante – que depois desse atribulado nascimento repudiaria até o fim da vida o uso de gravatas e outros adereços que lhe apertassem a garganta – foi batizado de Jamil Antônio Snege.

José tinha visto um filme no cinema com um personagem chamado “Jamil”¹, e gostara tanto que acabou colocando esse nome no filho. Além disso, Jamil em árabe queria dizer “belo”, “lindo”, “bonito”, o que não era nada mau. O nome do meio, “Antônio”², era como todos chamavam o próprio José, e o Snege³, por fim, indicava a ascendência síria de sua família.

A casa em que o pequeno Jamil nasceu pertencia aos avós italianos, Isidoro e Carolina Bassani. No final do século XIX, os dois haviam deixado o Vêneto e migrado para o Brasil em busca de trabalho e melhores condições de vida. Antes de aportar por essas plagas, o casal passou um breve período em Buenos Aires, na Argentina, onde eles tiveram o primeiro filho. Só depois partiriam para Curitiba, instalando-se numa área conhecida na cidade como “buraco de criar sapo”.

Assim era chamada a rua Engenheiros Rebouças bem como os arredores do bairro, também de nome Rebouças⁴. A região era um charco constantemente alagado pelo rio Água Verde e outros riosinhos menores. Nesse ambiente bastante rústico, apinhado então de batráquios, viviam muitos italianos como os Bassani, mas também poloneses, ucranianos e russos.

¹ Possivelmente interpretado pelo ator mexicano Ramon Novarro, que fez sucesso nos anos trinta encarnado heróis árabes. Nos filmes “The Arab” (1924) e “The Barbarian” (1933) seu personagem chamava-se Jamil.

² Apesar desse nome não ser registrado. Ele se chamava apenas José Murad Snege e ninguém sabe dizer de onde veio esse “Antônio”. A partir de agora é assim que também me refiro ao pai do Jamil.

³ Na gramática árabe “Sunayj”, que significa “címalo”.

⁴ Homenagem aos engenheiros Antônio e André Rebouças, responsáveis pela construção da estrada de ferro Curitiba – Paranaguá.

Anita, como Anna era chamada na família, nascera e se criara ali com mais sete irmãos – Alfredo, Alberto, Eduardo, Feliciano, Henrique, Leonora e Linda. Depois que se casou, ela, que tinha morado com Antônio numa casa alugada não muito longe daquelas cercanias, voltaria a morar com os pais logo que engravidou, visto que assim poderia contar com os cuidados preciosos de Carolina.

Dessa forma, na época do nascimento do Jamil, viviam sob o mesmo teto os patriarcas Isidoro e Carolina, Antônio e Anita, Linda (isso por um curto período, até ela se casar com Irani Fonseca, amigo de Antônio) e depois ainda viriam morar com eles o irmão Henrique, sua esposa Carmem, e a filha pequena deles, Beatriz.

A casa era grande, possuía três quartos, mais sótão e porão, o que dava para acomodar relativamente bem toda essa gente. Nos fundos do terreno havia um galpão onde Antônio, que trabalhava como tipógrafo na 5ª. Região Militar, acabaria montando um prelo manual. Dessa forma ele podia fazer alguns bicos para complementar a renda da família. Eram tempos difíceis aqueles, e todos tinham de se ajudar. Isidoro, aos setenta anos, ganhava muito pouco de aposentadoria, ele que sempre trabalhara na construção civil. Henrique seguia os mesmos passos do pai, era pedreiro, e sua esposa também ajudava no orçamento trabalhando fora. Por fim, Carolina e Anita ficavam em casa cuidando de Beatriz e Jamil.

Quando chegava a tarde, Anita dava banho no filho e na sobrinha e costumava sair para passear com eles no campo do “5 de Maio” (time de futebol da liga suburbana) que ficava a algumas quadras de casa. Outro passatempo de Anita, assim como o da maioria dos cidadãos daquela Curitiba de menos de 50 mil habitantes, era ir à igreja.

Anita vinha de uma família fervorosamente católica, religião que por coincidência era adotada pela família de seu marido também. Apesar de serem árabes, os Snege não eram muçulmanos, como se podia imaginar. Inclusive, foi graças a uma missa que Antônio e Anita se conheceram. Anita adorava contar essa história, e o fazia muitas e muitas vezes ao longo da vida, sempre que o feriado de Páscoa se aproximava.

UMA SEXTA-FEIRA DA PAIXÃO

No início da década de 30, Anita trabalhava num ateliê de costura que ficava na praça Tiradentes, e ao voltar para casa de ônibus, descia na rua Marechal Floriano, quase em frente ao quartel da polícia. Coincidentemente, por ali morava uma família árabe (estou falando dos Snege, claro) repleta de moços guapos e espadaúdos. Pelo menos foi assim que Anita os descreveu para as suas irmãs, acrescentando que pelo menos um daqueles rapazes estava sempre de olho nela. Mas como eles eram tantos (eram cinco irmãos: Alfredo, Alberto, Antônio, Oswaldo e Alexo) e como Anita nunca chegaria a parar para observá-los mais atentamente, ela mesma não conseguia distinguir ao certo quem era quem.

Anita só seria devidamente apresentada a Antônio, esse sim o paquerador, algum tempo depois, isso no dia 30 de março de 1934. O flerte acabou acontecendo dentro da Igreja Imaculado Coração de Maria, que ambos freqüentavam, numa missa de sexta-feira santa.

Durante a liturgia, Antônio estava sentado um pouco à frente de Anita e, volta e meia, virava-se para espiar aquela jovem. Entretanto, como ela estava acompanhada das irmãs e mais algumas amigas, nenhuma das moças sabia para qual delas eram destinados os olhares incisivos daquele rapaz.

Depois da celebração, antes da procissão partir, Antônio, que na verdade era um moço bastante tímido e reservado, tomou coragem e se dirigiu até o grupo de mulheres. Com voz baixa pediu licença, apresentou-se e puxou conversa com Anita. Talvez tenha perguntado: “Por acaso você não costuma descer do ônibus perto da minha casa?”, ou coisa parecida. Esperamos que tenha vindo com algo melhor, mas seja lá o que ele tenha dito, foi suficiente para conquistar a simpatia de Anita, que

acabou se encantando com o rapaz. Assim tudo começou. Os dois contavam vinte anos de idade.

Todavia, não pensem que esse romance correria tão tranqüilo assim. Quem não gostou nada dessa história foram as famílias dos dois enamorados. Seu Reskalla Snege, o pai de Antônio, não se conformava do filho não ter escolhido uma moça árabe, da mesma forma que todos os Bassani também ralharam com Anita pelo fato dela estar namorando um “turco”.

É certo que as famílias deram seus pequenos escândalos, porém isso não mudou as resoluções dos dois pombinhos. Eles não iriam se largar por nada nesse mundo, de tal modo que, após quatro anos entre namoro e noivado, Anita e Antônio marcaram o casamento, que aconteceu no dia 5 de novembro de 1938.

A cerimônia e a festa foram realizadas na casa de Anita. Lá montaram um altar, chamaram o padre e reuniram as duas famílias numa celebração modesta, porém a certa altura muito animada. Afinal, estava se juntando uma família de trabalhadores italianos, extrovertidos, passionais por natureza, a uma família de sírios cujo patriarca, Reskalla, era um pândego nato. Gostava de tocar alaúde e de comemorar à farta. Com exceção de Antônio, que era o mais introvertido dos Snege, os outros sete filhos e filhas de Reskalla eram todos festeiros, assim como a sua esposa Said Hadaad Snege, mais conhecida pelo nome de Luiza.

Só nos resta imaginar como deve ter sido o banquete preparado pelas matronas de culturas tão distintas: do risoto ao tabule, do knefe à pastiera di grano, da graspa ao arak, tinha-se de tudo.

3

OS QUE PARTEM, OS QUE CHEGAM

Do nascimento do Jamil, passando pelo rápido flashback do casamento de Anita instantes atrás, nossa história agora avança para 1944. Este ano, apenas para nos situarmos na história, é o penúltimo tanto da Segunda Guerra Mundial, como do Estado Novo de Getúlio Vargas. Com relação ao Paraná, Manoel Ribas ainda era o interventor do estado e, dentro do campo literário local, talvez interesse a você, leitor, lembrar que, em 1944, nascia o poeta Paulo Leminski; Dalton Trevisan já escrevia nessa época (desde 1940, aos 15 anos, ele já editava uma revista chamada “Tingüi”) e a poetisa Helena Kolody estava prestes a publicar seu segundo livro.

Voltemos a falar então do que representou esse ano para o Jamil e sua família. Logo no início faleceriam dois avós, um do lado materno, outro do paterno. Isidoro Bassani foi o primeiro a partir. Com mais de setenta anos, o velho Bassani estava muito debilitado. O trabalho árduo como pedreiro sempre exigira muito dele. Tinha levantado inúmeras casas, muros, pontes. Participara até da construção da estrada de ferro na Serra do Mar. Mas ainda que seu corpo estivesse fatigado, sua cabeça continuava a toda atividade. A família tinha que penar para que ele ficasse quieto. A causa de sua morte, inclusive, teria se dado em parte por causa de sua teimosia.

No terreno de sua casa havia uma vasta horta, com tudo o que se tinha direito: alface, tomate, cebolinha, batatinha, e também um verdadeiro pomar, com diversas árvores frutíferas. Das mais comuns como goiabeira e laranjeira, até marmeleiro. Pois quando a molecada da vizinhança começou a pular na casa de Isidoro para roubar ameixa, ele, que era um italiano de sangue quente, teve um rompante e decidiu decepar a ameixeira com um machado. Lá pela terceira machadada, ao invés da árvore, foi ele quem tombou, vítima de um derrame

cerebral. Carolina só iria encontrá-lo estirado na grama minutos depois, quando foi estender a roupa no varal.

Isidoro ainda sobreviveu, porém o derrame lhe deixou seqüelas. Alguns de seus movimentos ficaram prejudicados e ele, que já sofria de catarata, depois disso ficou praticamente cego. Apesar de tudo, se continuava vivo e lúcido, a deficiência não mudava em nada o seu temperamento. Permaneceu turrão e enfezado como sempre, apenas agora lhe existiam mais impedimentos. Sair de casa, por exemplo. Só acompanhado, mas quase ninguém tinha tempo ou paciência para ele.

Por isso o velho adorava sair com os netos, que o levavam para onde quisesse. O pequenino Jamil, com quatro anos, era um de seus guias preferidos. Era só a família se descuidar que eles já saíam fugidos para a rua. Imagine a confusão que causavam. “Por acaso o senhor viu um velho cego guiado por uma criança de quatro anos?”, Anita ou alguém depois tinha que sair pelo bairro no encalço dos dois.

Além de saírem, ou melhor, de fugirem juntos, conta a tia Linda que Jamil e Isidoro conversavam como grandes amigos. O neto ouvia as histórias que o avô narrava da Itália e ao mesmo tempo balbuciava para ele as suas historietas de criança. Jamil desde pequeno era muito falador. Prestava atenção no que os adultos diziam e depois saía tagarelando, criando sua própria ordem das coisas.

Infelizmente, Jamil não pôde passar muito mais tempo com o avô, que em decorrência do derrame e da própria velhice viria a falecer do coração no mês de janeiro. Mesmo assim, apesar da curta convivência com Isidoro, Jamil lembraria eternamente daqueles momentos de infância ao seu lado, inclusive aproveitando essas passagens em um bom número de suas crônicas.

Depois disso, o próximo ente a desfalcar a família seria a avó Luiza Snege. Isso aconteceria logo em seguida da morte de Isidoro, em fevereiro, no sábado de carnaval.

Luiza estava em casa com Reskalla, enquanto seus filhos se divertiam no baile na União Síria Paranaense. Quando deu meia-noite, os irmãos Snege seriam chamados num canto pelo garçom. Havia um telefonema urgente. Do outro lado da

linha, um médico pedia para que eles voltassem para casa, pois a mãe deles passava muito mal. Na verdade, Luiza já estava morta, vitimada por um infarto.

O mais trágico é que a sua filha Teresinha, na véspera, havia tido um sonho premonitório. No sonho ela aparecia vestida justamente com a fantasia de baiana que Luiza lhe confeccionara para o carnaval. Teresinha estava sentada na parte de trás de uma carroça a qual passava em frente à Igreja do Sagrado Coração de Maria. Era celebrada uma missa e Teresinha conta que, por algum motivo, no sonho, ela sentia que precisava ir até lá. Como a carroça não parou, Teresinha acabou pulando dela e foi cair bem em cima de uma poça de lama que havia na rua. Afundada naquele lodo, quando percebeu, seu vestido havia ficado inteiramente negro.

Pouco antes de sair para o baile com seus irmãos, Teresinha contaria para a mãe sobre esse sonho. Esta lhe responderia:

“Ih, minha filha, hoje alguém vai embarcar...”

Este alguém era ela mesma, ainda muito jovem, aos 49 anos.

Depois de toda essa tristeza, no dia 15 de agosto, tanto os Bassani como os Snege tiveram finalmente um pouco de alento. Com um parto bem mais tranquilo do que o primeiro, Anita deu a luz a uma menina, que em homenagem a avó que ela nunca iria conhecer, foi batizada de Sheila “Luiza” Snege.

4

MEDO DA CHUVA

Era noite e Jamil estava sozinho no quarto. De repente, o pequeno começou a chamar por Anita:

“Mãe, mãe, o nono está aqui! Ele quer falar com você!”

Jamil estava diante do espelho e via, através dele, a imagem de Isidoro. Todos ficaram muito espantados com aquilo.

Tempos depois, foi a vez de uma misteriosa tempestade assombrar o menino. Ninguém sabe das reais dimensões daquela tormenta, nem exatamente quando ela aconteceu. Mas fato é que ela existiu e acabou lhe traumatizando profundamente.

Contava ele então sete, oito anos, e já tinha entrado para o Grupo Escolar Xavier da Silva. Jamil não gostava muito de ir para a escola, ainda mais se a caminho dela percebesse um tempo feio, a possibilidade iminente de chuva. Entrava em pânico.

“Vai chover, mãe? Vai chover, mãe?”, perguntava ele desesperado para Anita, que carregava Sheila no colo. “Quero voltar pra casa!”, choramingava.

Para entendermos como isso foi sério, Jamil chegaria a registrar essa estranha fobia em seu livro de memórias, “Como eu se fiz por si mesmo” (p. 121):

Uma sombra escura alastrava-se dentro de mim. Algo soturno, intrinsecamente mau, ia roendo meu espírito. O primeiro sinal de alarme foi um indescritível medo de chuva. Eu entrava em pânico toda vez que o céu armava um aguaceiro. A chuva passou, mas o medo permaneceu – mórbido, cambiante, procurando no mundo exterior os objetos mais inocentes e transformando-os em seres

imponderáveis. Berinjelas, latas de tinta azul, alguns tipos de cactos. Bastava vê-las ou toca-las. A vista escurecia, a cabeça doía, vomitava, passava dias na cama magro e esverdeado.

Como insinua esse texto, também naquela época Jamil andava sempre adoentado. Tinha crises de febre, problemas de pele. Muito magrinho, era uma dificuldade fazê-lo comer. Nenhum médico conseguia diagnosticar o que ele tinha ao certo. Anita e Antônio temiam pela vida do filho.

E havia na cidade um senhor muito conhecido chamado Abibe Isfer, um carioca de família libanesa que há tempos realizava curas espirituais em sua casa em frente ao Clube Curitibano, no bairro Água Verde. Todos os dias, centenas de pessoas iam procurá-lo ali, sobretudo pais com suas crianças. Sendo assim, por indicação de um amigo da família, Antônio e Anita decidiram levar o filho até aquele senhor.

Ao chegarem na casa de Abibe, os Snege se deparariam com um fila enorme, o que lhes deixaria em dúvida se ainda poderiam ser atendidos naquele dia. Entretanto, assim que Abibe entrou no recinto, antes dele ir para a sua sala e começar os atendimentos, inesperadamente ele parou e se dirigiu até o Jamil. Agachou-se e ficou da altura do menino. Em seguida, pôs a mão sobre a cabeça dele, levantou-se e disse para os pais:

“Essa criança tem problemas sérios, de origem espiritual...”

Antônio ficou surpreso. Anita desatou a contar:

“O menino anda sempre doente, seu Abibe, não come direito...”

Abibe então se abaixou de novo, soprou algumas palavras junto ao Jamil e terminou aplicando lhe um passe. Foi tudo.

Na volta para casa, Anita ainda estava preocupada com o destino do filho, enquanto Antônio não tinha mais dúvidas de que Jamil iria melhorar; ficara realmente impressionado com aquele médium. E se antes era apenas Anita quem freqüentava o centro espírita localizado a poucos metros de casa, o “Mensageiros da Paz”, depois do episódio com o Jamil, Antônio abraçaria definitivamente o espiritismo, passando a freqüentar a Federação Espírita e a se aconselhar com seu Abibe.

Em 1948, Antônio e Anita se mudaram da casa da avó Carolina e foram morar em um outro número na Engenheiros Rebouças. A casa 2828 ficaria ao lado do terreno onde posteriormente seria construída a casa da tia Linda (que a essa altura já tinha um filho, o Roberto Fonseca, um ano mais novo que o Jamil).

Uma das primeiras memórias que a irmã Sheila possui dessa época é a seguinte. Ela tinha quatro anos e brincava na frente de casa com o Jamil e um amigo dele. Eis que veio um táxi descendo lentamente pela rua. Quando Jamil e o outro guri viram aquele carro, pegaram umas pedras no chão e se esconderam atrás de uma árvore. Sheila foi junto.

Quando o automóvel passou, os dois malandros arremessaram uma saraivada de pedregulhos sobre a sua lataria. O motorista parou e eles saíram correndo, deixando Sheila sozinha. Ela lembra que ficou muito apavorada e talvez por isso essa imagem tenha lhe ficado guardada com tanta nitidez.

“Depois a minha mãe ainda teve que se entender com o taxista. O Jamil era muito safado”, conta ela.

Outra vez, ela se recorda que o irmão tinha ganhado uma roupa nova dos pais. Uma camisa bonita, de seda. E na esquina da casa deles havia um morro em que a gurizada adorava descer com um pneu; sentavam em cima dele e vinham deslizando até em baixo.

Pois Jamil foi escorregar nesse morro vestindo, justamente, a camisa nova. Resultado: voltou para casa todo esfarrapado e levou uma tremenda bronca. Seu Snege não batia nos filhos, mas dava cada chamada que era fogo.

Outra diabrura dessa época de criança, quem lembra é a tia Lela. Ela conta que, certa feita, Antônio, Anita e Jamil foram visitá-la em sua casa. Quando eles chegaram, Lela estava no fogão, fritando quibe.

“Pois o Jamil não virou aquela frigideira cheia de óleo em cima de mim? Ele era um atentado! A sorte é que eu estava com um avental grosso”, lembra ela.

Como se vê, a família conta que Jamil era uma espécie de menino hiperativo, estava sempre aprontando o tempo todo e com todo mundo. Volta e meia algum pai vinha reclamar com a Anita que o Jamil tinha feito isso e aquilo como o filho dele. Jamil arrumava confusão na escola, na rua, no futebol (“até que jogava bem, mas

era um fominha”, lembra o primo Roberto Fonseca) e especialmente quando a gurizada ia tomar banho no rio perto de casa.

Como nadavam pelados – para a mãe não descobrir pela roupa molhada que eles estiveram matando aula – Jamil tinha prazer em esconder a roupa dos outros. Era perito nisso. Por causa dele muita criança voltou para casa com uma mão na frente e outra atrás.

Por tudo isso, era natural que quisessem bater no “Turquinho”, como às vezes os piás o chamavam maldosamente para lhe provocar. Mas, incrivelmente, Jamil acabava se safando. Desde cedo sua argúcia era tamanha que, no final, passava a conversa em suas “vítimas” e tudo terminava bem.

5

A QUEDA

Numa bela e ensolarada manhã de domingo, Jamil e seus amigos brincavam pacificamente no terreno em que estava sendo construída a casa do primo Dúlio. Corriam feito loucos por entre entulhos, cimento e pregos pelo chão, atiravam pedras um no outro, enfim, faziam tudo o que as suas pobres mães diziam exatamente para não fazerem. Na verdade, eles estavam era terminantemente proibidos de brincar por lá.

Outra brincadeira interessante e igualmente inofensiva, proporcionada por aquele rústico “playground”, consistia em pular de viga em viga do pavimento que estava sendo levantado. Esse divertimento seguiria faceiro naquela manhã, não fosse o nosso personagem principal calcular mal o seu salto. Nas palavras do próprio Jamil:

Fui brincar numa construção, pulando de viga em viga e errei o pé. Caí de boca na viga, depois caí lá em baixo e fiquei com a cara numa poça de sangue até o meu pai me achar. Não senti dor. Meu pai disse que eu desmaiei. Quando ele me ergueu, tinha umas coisas brancas, parecendo grãos de milho, no meio do sangue. Meu pai juntou aquilo e eu percebi que eram meus dentes. Comecei a chorar, segurando a boca com o lenço do meu pai e levamos os dentes pra minha mãe. Ela tentou pôr os dentes nos buracos da minha gengiva arrebatada, ela chorando mais que eu, meu pai dizendo só meu Deus, meu Deus, ele branco e tremendo enquanto me segurava. Depois me levaram num dentista, ele estava almoçando, era domingo, eu segurando os dentes com a língua, olhando para a cara dele e ele fazendo que não com a

cabeça. Voltei com os três dentes enrolados num algodão e nem sei se guardei ou joguei fora. Não quis me lembrar mais daquele domingo⁵.

Por conta desse desastre, que ocorreu justo na fase em que ele ainda trocava a dentição, Jamil passaria o resto da vida com vergonha dos seus dentes, que ficaram tortos como “estranhas lascas na gengiva”.

Ainda pequeno, na escola teve de agüentar os colegas lhe chamando de “banguela”, “janelinha”. Adolescente, os dentes lhe causariam embaraços com as meninas, colocariam-no em desvantagem em relação aos outros piás. Adulto, os suplícios não iriam terminar. O que é você estar todo animado para um baile, se arrumando, e de repente ver o seu pivô cair no ralo da pia? Jamil teria de lidar com situações como essa e outras piores.

“Ó vida. Quantas horas de vôo na cadeira do dentista?”⁶

⁵ “Minha mãe se veste para morrer”, conto publicado na revista *Et Cetera* nº1 em 2003.

⁶ *Como eu se fiz por si mesmo*, p. 24.

6

PADRE JAMIL?

... Padre Jamil não, que nunca foi nome de padre, padre Antônio, que é o meu segundo nome...

JAMIL SNEGE, *Como eu se fiz por si mesmo*, p. 17.

Antes de entrarmos no capítulo em que Jamil ingressa na sua adolescência, não podemos deixar de mencionar a fase em que ele, assim como quase toda a gurizada do bairro, queria “virar padre”. Mas fora a influência e o incentivo dos claretianos da igreja Imaculado Coração de Maria, havia motivos, digamos, menos nobres para aquele súbito fervor religioso.

Segundo o primo Dúlio, todo mundo queria mesmo era poder usufruir da mesa de pingue-pongue que havia no salão paroquial. Quem fizesse primeira comunhão também tinha acesso livre ao campo de futebol que havia nos fundos do seminário, bem como outros benefícios. Em suma, virar beato tinha lá suas vantagens. Mas para a surpresa de alguns, Jamil acabaria se envolvendo realmente com a coisa, tornando-se até coroinha.

Eu era tratado com uma espécie de menino santo, colecionava montes de corações de Jesus, de amorosas Sant’Anas, de extasiadas Bernadettes. Até um raro Beato Claret, exibindo no canto superior uma cápsula transparente contendo fragmentos de suas vestes, figurava na minha iconografia. Selos, moedas antigas, medalhinhas várias – tudo o que pudesse aumentar o meu fervor era-me

prodigalizado. Eu próprio acreditava naquilo, e não me surpreenderia se de repente um par de asas irrompesse sob minhas omoplatas – não as majestosas asas dos anjos oficiais, mas umas asinhas depenadas de galinha, incipientes, que eu esconderia para não provocar a inveja ou o constrangimento de meus pares.

Assim conta ele em “Como eu se fiz por si mesmo” (p. 18), explicando depois que, só não virou noviço porque, aos seis anos, decidiu que iria se casar. Desde pequeno a idéia do celibato já não o agradava. Havia coisas melhores para se fazer do que rezar.

Agora é importante que se diga que, além do catolicismo, outras religiões marcaram a vida do Jamil. Por um bom tempo ele também freqüentou a escolinha no centro espírita “Mensageiros da Paz”, onde aprendia sobre a doutrina de Alan Kardec. “Nisso Jamil foi igualmente aplicado, sabia mais do que todos sobre o ‘Livro dos Espíritos’”, lembra o primo Roberto Fonseca.

Depois seria a vez da umbanda. Quando Antônio mais tarde adotou essa crença e, inclusive, tornou-se líder de um terreiro, a “Tenda Espírita Yoriel”, Jamil também passaria a freqüentar o culto.

Todavia, apesar dele estar imerso nesse sincretismo, a própria Anita pedia para que o filho não o alardeasse em público:

“Olha, quando te perguntarem na escola sobre a tua religião, diga que você é católico, ouviu bem?”, recomendava ela ao Jamil, que agora fazia o primário no Colégio Iguaçu.

E ela não estava errada nisso, queria evitar para ele qualquer tipo de discriminação. Numa época em que nem o espiritismo era bem-visto, quanto mais a umbanda. Para a sociedade era tudo “macumba”.

MENINO VIRANDO HOMEM

Quando se é criança, há sempre uma época para tudo. Da pipa, do patinete, da figurinha, do jogo de botão e até do ignóbil bambolê. Certos jogos surgem como uma febre, que irrompe súbita e repentinamente. Alguém aparece com a novidade e logo estão todos fazendo. Depois aquilo some, com algumas exceções. Futebol e bicicleta, por exemplo, são atividades eternas, clássicas. Alternam picos de popularidade, mas estarão sempre lá, ao longo da infância e além.

Aqui se inicia, digamos, mais uma moda: a de fumar escondido. Só que dessa mania muitos não iriam largar jamais. Eles tinham dez, doze anos, e tudo começava também como uma brincadeira, a de imitar os adultos. O piá ficava todo posudo com o cigarro entre os dedos, que nem artista de cinema.

Porém numa crônica intitulada “Cigarrinhos”⁷, Jamil revelaria que a primeira coisa que acendeu e tragou não foi propriamente um cigarro. Conta então que ele e a gurizada primeiro começaram a fumar cipó. É, cipó que os feirantes usavam para enrolar suas mercadorias. Palmito, por exemplo. Eles passavam a mão naquelas cordinhas, descascavam-nas e cortavam em tirinhas. Apesar de irritar a garganta, soltava fumaça igual, o que era o mais importante.

Também não demorou muito para que eles estivessem fumando cigarros de verdade, os quais normalmente surrupiavam de algum adulto. (Seu Antônio, por exemplo, fumava, porém mais cigarro de palha). Logo os piás já estavam fazendo até vaquinha para comprar seus próprios maços. As marcas escolhidas eram, obviamente, as mais baratas como “Saratoga”, “Coliseu” e “Negritos”. O problema depois era esconder tais objetos de vício. Guardavam dentro da meia, em buracos, cantos do armário. Dona Anita era experta em desmascarar esses esconderijos.

⁷ *Gazeta do Povo*, 22 de dezembro de 2002.

Normalmente a turma se reunia para fumar, contar piada e inventar moda na casa do Dúlio, onde havia um galpão no qual eles podiam ficar sossegados. Os únicos que não fumavam eram o Pedro Sanson, mais conhecido como “Doca”, e o Carlos “Minhoca”. Jamil, Dúlio e o outro primo, Francisco de Paola, o “Chiquito”, eram três chaminés.

Na tarde de 28 de maio de 1952, uma quarta feira, Jamil chegaria naquela mesma roda de amigos. Com uma fisionomia séria, sacou de um cigarro e disse:

“A mãe teve neném.”

“Menino ou menina, Turco?”, todos queriam saber.

“Guri”, respondeu ele secamente.

“E como se chama?”

“Abdalinha”.

“Abdalinha?”

“É”.

E todo mundo acreditou, achou que fosse Abdalinha mesmo, lembra Chiquito. Mais uma brincadeira do Jamil. O nome do irmão era Iberê Snege⁸.

Com 13 anos, Jamil andava muito folgado. Aprontava a valer no “Colégio Iguaçu”⁹ (que depois ele chamaria ironicamente de “o liceu masculino de Curitiba”) enquanto o seu pai se matava para pagar aquela mensalidade. Na verdade, Antônio fazia uma permuta prestando serviços gráficos para o colégio, e era sempre difícil para ele ir até lá tratar de negócios, e no final ter que ouvir da dona Elisabete Parodi, uma das diretoras, que o Jamil arremessara um apagador pela janela, ou havia tirado sarro de algum professor, promovido a maior algazarra, etc., etc.

⁸ Quando o menino nasceu, Antônio teve a visão de um índio com flecha e tudo ao lado dele. Então teria dito para Anita: “Vamos por o nome de Iberê que é o nome do índio que estava protegendo o nosso filho”.

⁹ O colégio foi fundado pelo educador Alfredo Parodi em 1917, época em que Iguaçu se escrevia com dois “ss”, e não “ç”. Por ali passaram várias gerações de eméritos curitibanos, entre eles os já citados Dalton Trevisan e Helena Kolody.

Sempre que havia algum tumulto, alguma confusão, podia contar: o Jamil estava envolvido.

Até que, numa tarde de dezembro, Antônio voltou do colégio para casa matutando alguma coisa. Anita quando o viu, sabia que o filho deveria ter aprontado algo muito sério. O quê, meu deus?

“Quibe”, Anita chamava Antônio assim às vezes, ele adorava quibe, “o que aconteceu? Alguma coisa com o Jamil?”

Ele explode:

“O que esse menino está pensando da vida? Pois agora vai trabalhar!”

Dias depois, Antônio procura o amigo Armando Sagoff, um armênio dono de uma loja de brinquedos no centro, e arranja com ele o primeiro emprego do Jamil, que inicia o trabalho logo na véspera do Natal como entregador de encomendas.

Jamil dura na loja não mais do que 2 dias. (Descubra como e por que nas págs. 11, 12 e 13 de “Como eu se fiz por si mesmo”).

Depois disso, seu Snege não sossegaria até arranjar outra ocupação para o filho, que acabaria surgindo numa loja de materiais de construção. Segundo Jamil, dentre as suas importantes atribuições naquele novo ofício estavam o preparo do chimarrão do chefe. Jamil era um reles contínuo. O único atrativo desse emprego era ver as moças que trabalhavam lá. Jamil cita nomes, fictícios ou não, de umas tais Mônica e Noely, uma loira e uma morena que surgiam nuas a todo instante em sua cabeça pré-adolescente. Toda vez que isso acontecia ele se trancava no banheiro da firma e não perdoava. Foram naqueles sanitários, diria, que ele constatou, estupefato, que já tinha virado um homem.

Para completar essa sensação de maioridade, logo veio também o primeiro salário. Com o dinheiro, comprou uma escada de presente para Anita – dessas escadinhas domésticas. A mãe era muito baixinha, coitada, precisava. Jamil agora se comportava mesmo como um homenzinho, um gentleman, ainda por cima. Muito responsável. No segundo mês, pediria demissão.

A FARSA É O ANTÍDOTO DA IDADE

Em dezembro de 1954, Sheila tinha 10 anos. Hoje ela se lembra como estava contente naquele fim de ano, principalmente porque Anita costurava um vestido bordô, com uns detalhes em xadrez, para ela usar no Natal. Outra coisa de que ela se recorda era como naquela época os adultos não davam muita confiança para as crianças. Não conversavam, não explicavam sobre nada. De modo que ninguém lhe contou, foi ela quem ouviu os mais velhos comentarem baixinho: “Carolina está com câncer”.

A esposa de Isidoro viria a falecer no dia 24 daquele mês, em consequência de um tumor no estômago. Ao invés do vestido bordô, Sheila teve mesmo de se vestir de luto naquele natal. Toda a família Bassani então se reuniu na casa da tia Leonora para velar o corpo de Carolina. Mas enquanto os adultos choravam do lado de dentro da casa, a criançada ficava do lado de fora conversando e brincando. É claro que tinham ficado sentidos, mais ainda não possuíam uma real dimensão da morte. Roberto Fonseca, por exemplo, guarda na memória a imagem dos primos entretidos com uma barra que o Dúlio (filho da Leonora) havia construído no quintal de casa.

Pois bem, não é por mero acaso que trago a baila esse breve fragmento de recordação. Por causa dessa tal barra, Jamil haveria de sofrer um sério (?) acidente dali a algumas semanas. Isso foi ainda no tempo em que ele trabalhava na loja de materiais de construção. Naquela época, Jamil queria ficar forte, pois, a partir do momento em que já era um homem, estava na hora de começar a impor respeito. Passaria então a fazer exercícios físicos regularmente. Ele conta:

Enquanto a água [do chimarrão] esquentava, eu erguia várias vezes sobre a cabeça uma pia ou uma bacia sanitária, inspirando e expulsando o ar com violência. Nas horas de folga freqüentava uma barra que havia na casa de um primo¹⁰.

O primo, como já disse, era o Dúlio, também conhecido como “Bode”, e nessa barra que ele havia construído – dois palanques e um cano atravessado – eles ficavam se exercitando. Uma das proezas era também saltar até ela de um caixote de madeira colocado à distância. Era uma certa competição, ganhava quem conseguia saltar de uma distância maior.

E aqui é hora de abrir um parêntese. É preciso mencionar algo importante sobre a personalidade do Jamil que não pode ser esquecido: desde cedo ele era um sujeito muito, mas muito competitivo mesmo. Em qualquer jogo que fosse, da sinuca ao reles palitinho, queria sempre ser o primeiro. Imaginem então agora, o Jamil sedento para se tornar “aquele que pulou mais longe do caixote até a barra”. O único porém era que o Bode, com quem ele competia, era um dos melhores da turma nos esportes. Além disso, a barra ficava na casa dele, de modo que ele treinava ali todos os dias. No momento, Jamil perdia aquele certame.

É a vez dele pular. Jamil vai e arrasta o caixote mais para trás. Concentra-se, respira fundo. Prepara-se e salta. Com os braços esticados, a ponta dos dedos chega a triscar na barra. Enquanto isso, as pernas, o resto do corpo, por inércia, continuam a ir para frente. Jamil cai de costas e bate a nuca no chão.

“Jamil, Acorda! Você está bem?”, Dúlio tenta reanimá-lo.

“Ah? O quê? Quem?”, ele responde.

Dúlio ajuda o primo a se levantar. Jamil está pálido, balbucia palavras, frases desconexas. Não sabe o que fazer ou para onde ir. Dúlio lembra que, na hora, até achou que podia ser alguma palhaçada do Jamil, mas de fato, precisou levá-lo até em casa.

“Jamil parecia como se tivesse perdido a consciência mesmo. Ou então estava interpretando aquele papel muito bem”, conta Dúlio.

¹⁰ *Como eu se fiz por si mesmo*, p. 36.

O próprio Jamil levanta essa possibilidade em “Como eu se fiz...” (p. 36). Diz que por causa do tombo ficou com amnésia, mas que também havia provas que davam a entender que aquilo tudo não passava de bazófia. Naquele mesmo dia, descobriram que ele havia roubado uma sacolada de caquis da casa de uma velhinha, além de ter pisoteado o canteiro de alfaces de alguém. Era bem possível que aquela perda de memória fosse mais um de seus truques, um artifício para encobrir suas fanfarronices.

“O Turco tinha dessas coisas. Naquele tempo acho que a gente nem sabia o que queria dizer a palavra amnésia. Talvez ele tivesse lido sobre o assunto e quisesse nos impressionar”, sugere Chiquito, que também estava presente nesse episódio. Mas mesmo se assim fosse, não pensem que o Jamil gostava de aparecer no meio da turma como o mais inteligente. Como o mais louco, o mais ousado, isso sim, porém todos reconheciam que ele tinha mais formação do que os demais. Afinal Antônio, por trabalhar como impressor, sempre possuía muitos livros em casa – principalmente sobre ocultismo – e Jamil por essa época já era um leitor voraz. Dúlio, por exemplo, lembra dele com um livro do tipo “A vida no planeta Marte” debaixo do braço, um livro que era psicografado. Tudo isso só aumentava ainda mais a inventividade do guri.

SUICÍDIO NA ILHA DA ILUSÃO

Bem, falava sobre essa disposição que o Turco tinha, essa vontade de arrumar confusão, de criar algum caso. Isso se intensificaria ainda mais na época em que ele e a turma começaram a freqüentar as chamadas festinhas.

Direto ao ponto, Jamil era tido como um capeta nos aniversários. Citar tudo o que ele aprontou seria tarefa impossível. Os amigos lembram de algumas coisas: como da vez em que ele misturou as bebidas na festa de aniversário da irmã do João Carlos Motter (Jamil adicionara uma pinguinha no ponche do pessoal), da festa junina em que o Jamil, entre outras coisas, deu uma mordida na bunda de uma moça, depois jogou um prato de batata doce para cima, derrubando batata em todo mundo...

“E o Jamil não se preocupava em ser descoberto por essas travessuras. Saía dando risada e ficava por isso mesmo”, lembra o Minhoca. Chiquito conta de um outro aniversário em que o Jamil foi no banheiro da casa e remexeu no cesto de roupa suja até achar a calcinha da aniversariante. Começou a cheirá-la até que alguém viu aquilo e dedurou para o pai da menina. Louco da vida, o sujeito expulsou da festa o Jamil e todo o resto da turma.

O Turco realmente odiava essas convenções sociais e adorava bagunçá-las. Algo banal, mas Doca lembra que o Jamil foi o único que não usou smoking no aniversário dele de quinze anos. Apesar disso, a verdade era que, por trás daquela pose de mal¹¹, da figura expansiva, endiabrada, escondia-se um adolescente tímido,

¹¹ Nessa época, um amigo deles, o Rui Pupi, havia falecido (ele saía para caçar e, por acidente, acabou levando um tiro de espingarda na cabeça). No dia seguinte, quando os amigos foram na casa do Jamil avisar do acontecido, todos se espantaram com a reação do Turco: ele simplesmente tirou uma caderneta do paletó, deu uma risadinha, e traçou um risco. “Jamil, o que você fez aí?”,

sensível, e digo isso sem medo de estar sendo piegas. Poucas vezes Jamil se abria para os colegas e falava seriamente sobre o que estava sentindo. Num desses raros momentos de vulnerabilidade, teria tentado até o suicídio¹²

Uma noite, os amigos estavam numa boate que ficava dentro do Passeio Público¹³, embriagando-se com rabo de galo (conhaque com vermute). Jamil parece que não havia jantado, talvez porque tivesse saído brigado de casa ou então simplesmente não tivera tempo para comer. O fato é que o Turco ficou muito bêbado e, na hora deles irem embora, quando passavam pela infame ponte do Passeio Público (que é baixíssima, sendo que o lago abaixo dela é praticamente um lodo bastante raso), ele começou a gritar:

“Eu quero morrer! Eu vou me suicidar!”

Os amigos, também alcoolizados, tentavam segurá-lo, aos gritos dramáticos de: “Não faça isso, pelo amor de Deus!” Até que eles mesmos se cansaram daquela cena patética e o largaram. Para completar o fiasco, Chiquito aplicou um pé na bunda do Jamil, que acabou caindo na água. Agora não faltava mais nada. Além do Turco chegar em casa tarde, de porre, apareceria todo molhado, para a fúria de Antônio.

Depois desse incidente também, Jamil e Chiquito ficariam uns três dias sem se falar. Mas logo fariam as pazes novamente. Afinal, além de primos, eram sobretudo amigos muito próximos. Inclusive, tinham sido até companheiros em uma guerra.

perguntaram. E ele: “Isso aqui era só uma dividazinha que eu tinha com ele...” Segundo Chiquito, Jamil fazia de tudo só para chocar as pessoas. “Claro que ele tinha sentido a morte do Pupi, mas para ele era preferível fazer aquilo, para todo mundo depois dizer ‘Poxa, o Jamil, não sentiu nada pela morte do amigo’”, conta ele.

¹² Vide *Como eu se fiz por si mesmo*, págs. 48 e 49.

¹³ Inaugurado em 1886, o Passeio Público é o mais antigo parque de Curitiba, tendo sido o primeiro zoológico da cidade. Em 1911, na pequena ilha que lá existe, desde então chamada “da Ilusão”, o poeta simbolista Emiliano Pernetta foi coroado “Príncipe dos Poetas Paranaenses”.

GUERRA DA CORÉIA

Pelas redondezas do Mercado Municipal, entre o início da avenida Visconde de Guarapuava até a altura da João Negrão, existiam, como existem até hoje em Curitiba, uma infinidade de bordéis de quinta categoria. O caso é que, depois de uma certa hora da noite, Jamil e seus amigos, quando não iam para aquela boate do Passeio Público, terminavam por essas bandas. O objetivo deles era claro: aproveitar o máximo das mulheres, gastando o mínimo, quase nada. Mas como?

Já que eram uns duros, não podiam pagar nem uma cuba-libre para as “primas”, eles dançavam com elas. Bolero, tango, o que fosse – elas adoravam. Principalmente se o rapaz fosse bom dançarino. Por isso na hora da performance tinham que caprichar, fazer bossa mesmo. Então tiravam o paletó, ficavam só com o colete por cima da camisa (“era o fino”, como se dizia), inventavam até passos que não existiam, tudo para impressioná-las e quem sabe até seduzi-las. Alguns conseguiam.

E uma noite, Jamil, Chiquito e mais alguns colegas estavam num desses inferninhos, na pista de dança, quando de repente sai de dentro de um quarto uma moça toda machucada, coberta de sangue, chorando muito. Um sargento da aeronáutica, que viera torrar boa parte do seu salário ali, a tinha espancado.

Daqui a pouco, ao virem a colega ferida, um grupo de prostitutas partiu para cima desse sargento, que estava completamente bêbado; quebraram a cara dele e escoraçaram-no dali.

Algumas horas depois, tudo estava calmo novamente. As meninas já tinham tratado das feridas da amiga – ela estava até de volta na pista, faceira, bebendo – quando, súbito, ouviram-se gritos furiosos da rua. Foram ver da janela, lá embaixo

uns dez militares, mais o tal sargento a frente deles, queriam invadir o prostíbulo e cobrar a desforra.

Foi quando a guerra explodiu. As mulheres começaram a bombardear os milicos com cinzeiros, vasos, pratos, enquanto eles, em contrapartida, arremessavam aquilo tudo de volta para cima. Chegou um momento em que, não havendo mais o que atirar, as prostitutas e os clientes que restavam passaram a destelhar a casa e a jogar pedaços de telha.

Esta insana batalha duraria até as nove da manhã, quando finalmente a polícia militar foi acionada e conseguiu debelar o tumulto. No dia seguinte, um jornal popular estamparia a manchete:

“Uma Guerra da Coréia na Visconde de Guarapuava”.

Era 1953, e aquele conflito na Ásia estava em evidência, caminhando para o seu final. Também não deu outra: aquela zona ficaria conhecida para sempre na cidade como “Coréia”.

A BAIÚCA

Depois de Jamil ter abandonado o emprego na loja de materiais de construção, Antônio daria um jeito de colocar o filho de volta no batente, levando-o para trabalhar consigo na tipografia da 5ª região militar. Jamil ficaria lá por um tempo e, quando Antônio se aposentou do exército e montou sua própria gráfica, estaria mais uma vez ao lado do pai.

O que posteriormente seria a respeitável “Gráfica Arco-íris” de Antônio, começou de forma pequena e improvisada, primeiro num porão, entre a rua Doutor Murici com a José Loureiro, e depois onde era um açougue desativado na rua Alferes Poli (ao lado da casa do Chiquito). Antônio basicamente comprava resmas brutas de papel e as remanufaturava, transformando em blocos de papel ofício, guardanapos de pastelaria, bloquinhos de jogo do bicho, etc.

Como ele ainda estava começando e não podia arcar com as despesas dos impostos, esses trabalhos eram feitos clandestinamente, a portas fechadas. Por isso mesmo o lugar não possuía nem nome e Antônio simplesmente o chamava de “Baiúca”. Jamil já explicou uma vez a origem desse termo: “Vem do castelhano bayuca, e é o mesmo que tasca, biboca, birosca – taberna pequena e imunda. Bodega, se preferirem”¹⁴.

Com os empregados, seu Sene também tinha que economizar, portanto botava a gurizada – o sobrinho Carlos Bassani, Chiquito, Cláudio (filho de Zaro Proença, sócio de Antônio) e Jamil – para cortar todo aquele papel e depois sair entregando.

Mas além de trabalharem duro, os moleques também se divertiam. De manhã até logo depois do almoço havia muito o que fazer, porém à tarde, depois

¹⁴ *Como eu se fiz por si mesmo*, p. 50.

que Antônio saía, eles aproveitavam para bagunçar. Uma dos prazeres de se trabalhar na Baiúca residia em espiar a vizinha, uma italianinha muito sensual, lavando roupa. Quando ela se abaixava então, era um show para os piás, que depois corriam para o banheiro render homenagens. Às vezes a mulher até se dignava a trocar algumas palavras com eles, mas sempre para pedir encarecidamente:

“Parem de falar tanto palavrão, pelo amor de deus! Não quero que meus filhos fiquem ouvindo isso!”

Para completar, o Turco inventou de mijar dentro de um cano e mirar bem no meio do pátio da casa da mulher. Pensando que era o filho que estava urinando fora do banheiro, ela ficava louca com o guri, punha-no de castigo, batia nele, para o delírio sádico do Jamil. Outra coisa que o Turco adorava fazer era, com uma motolia, espirar óleo nos alunos do Colégio Bom Jesus que passavam pela rua.

Agora, quando Antônio estava na Baiúca era tudo diferente. Não tinha fuzuê. Iam preparar chimarrão para ele, se comportavam. Além de chimarrão Antônio adorava fumar um palheiro. Então ele sentava, pegava o canivete e ficava um tempão picando o fumo. Perdia uma meia hora para enrolar cada cigarro. Por essas se percebia como ele era minucioso, paciente, e talvez nisso Jamil acabaria puxando o pai.

O fim do expediente era o momento mais esperado pelos gurus, que tomavam um banho na Baiúca mesmo – num cano, que lá obviamente não tinha chuveiro –, arrumavam-se e saíam para a rua XV. O chique na época era ir para algum cinema (existiam vários: Cine Ópera, Cine Avenida, Odeon) e depois ficar subindo e descendo por aquela rua, a pé ou de carro. Era o chamado “footing”.

Muitas vezes Jamil e Chiquito iam paquerar as moças e conversar no “Café Haiti”, que ficava na rua Dr. Murici, esquina com a rua XV. Estavam sempre por lá. E como não tinham muito dinheiro, Jamil acabaria bolando uma aposta para ver se conseguiam livrar mais uns cafezinhos.

Chiquito era um rapaz de um metro e setenta de altura e devia pesar uns 75 quilos bem distribuídos pelo corpo. Não era, portanto, nem magro nem gordo, mas no fim, pesava mais do que aparentava, o que deixava Jamil e os amigos intrigados. Diante disso, o Turco teve essa idéia: achava alguém aparentemente mais rechonchudo que o primo e apostava um café como o Chiquito seria mais pesado.

Iam então até a balança na farmácia da esquina e batata: Chiquito vencia quase sempre, só vez ou outra um gordão lhe desbancava.

Uma noite, depois de um café no “Haiti”, Jamil e Chiquito assistiriam a um filme no Cine Avenida que os deixaria bastante empolgados: chamava-se “Calypso”. A história era estúpida – conflitos raciais, um amor proibido entre uma negro e uma branca numa ilha do Caribe – mas num certo momento apareciam uns criouloes que passavam dançando por baixo de uma vara bem baixa, apenas vergando o corpo para trás e suingando.

No dia seguinte, eles estavam na Baiúca quando começou a tocar no rádio justamente a música daquele filme: “Banana Boat”, de Harry Belafonte:

Day-o, Day-o
Daylight come and me want go home
Day, me say day, me say day, me say day, me say day, me say day-o
Daylight come, and me want go . . .

Como tudo era motivo para eles pararem o trabalho e vadiar, os dois trataram de pegar uma vassoura, colocaram em cima de umas bobinas e foram tentar imitar os caras do filme. Os dois praticariam aquela dança todos os dias – Jamil, especialmente, se transformaria numa fera do “Calypso”, chegando até a apresentar o número em algumas festinhas.

Chiquito e Jamil e nem sabiam, mas a letra de “Banana Boat” falava de situações não muito diferentes das deles. A canção era narrada do ponto de vista de uns estivadores jamaicanos que trabalhavam duro na madrugada carregando bananas para os navios (“Stack banana 'till the morning come”, dizia a canção), e a única coisa que desejavam era poder ir para casa descansar (“Daylight come and we want go home”). Como operários, pobres, e agora como dançarinos, eles encarnavam os próprios jamaicanos.

Por tudo isso se via que o Grêmio Guaíra tinha lá sua organização. Para se entrar para o grêmio, por exemplo, bastava trazer duas fotos 3 por 4 para a carteirinha, pagar uma módica taxa de inscrição e pronto. Depois não havia nenhuma mensalidade a pagar, pois com o dinheiro das festas eles já se mantinham.

O lugar logo viraria o ponto de encontro do pessoal. Volta e meia quem aparecia por lá era o Eddy Althéia, que era um amigo um pouco mais velho do que os demais. Por isso o apelido dele: “Velho”. E como ele adorava comer caranguejo e era um sujeito deveras metódico, sempre surgia com uma lista dizendo: “Lista para caranguejada e cervejinha. Eddy Althéia, tantos cruzeiros, pago.”

A tal lista rodava o pessoal e permanecia como no início, só o nome dele inscrito. Ninguém queria pagar nada. Até o Velho desistir da caranguejada e vir novamente com outra lista: “Lista para churrascada...”

Se quase ninguém topava essas empreitadas que envolvessem dinheiro, o assunto era diferente quando envolvia acampamento ou viagens à praia. Para isso todo mundo era parceiro. Os amigos iam muito a Guratuba e lá ficavam sempre nas pensões mais baratas, como a “Pensão da Sinhazinha”. Para se ter uma idéia, ali os quartos eram divididos só com um pano.

Outro lugar que eles costumavam freqüentar era a “Pensão Media Luz”. De acordo com Dúlio, na verdade nem era bem uma pensão, apenas uns quartinhos grudados uns aos outros no fundo de um restaurante, esse sim chamado “Media Luz”. Definitivamente só havia figuras estranhas se hospedando naquele lugar. Certa feita, Jamil e Dúlio estavam no quarto, cortando unha. Quando saíram, encontraram-se com um homem na entrada da pensão. Este se apresentou, falou que estava no quarto ao lado e aproveitou para dar o seguinte conselho a eles:

“Olha, não fiquem brincando muito com arma descarregada, que quando a agulha bate muito em seco ela acaba quebrando.”

“Ah, sim...”, os dois responderam atônitos.

O vizinho apenas confundira o barulho do cortador de unha com o som de um revolver disparando. Mesmo assim, fora gentil de sua parte.

Dessas excursões, entretanto, alguns dos episódios mais curiosos aconteceriam no “Hotel Beira Mar”. Este era um hotel simples e barato como outros e, além do mais, realmente ficava de frente para o mar. Um outro diferencial era que, se na “Pensão da Sinhazinha”, por exemplo, os quartos eram divididos só com um pano, neste a situação era melhor. Havia paredes mesmo, e estas eram feitas de madeira, o que permitia ao Jamil e seus amigos fazerem buracos e espirrar óleo de bronzear nos outros através dos furos.

Na hora de tomar banho também era a maior algazarra, porque existia um vão entre a parede do banheiro e o teto. Os amigos então aproveitavam para jogar água gelada em quem estivesse no chuveiro. Uma vez fizeram isso com o Jamil e ele saiu do banheiro só de toalha pelo corredor, gritando feito um louco e com um balde d’água na mão. Queria matar os desgraçados. O escândalo foi tão grande que até o “Toninho”, funcionário que era amigo deles, veio pedir para eles manerarem. (O próprio Toninho era uma figura. Bebia junto com os guris, fazia farra, não raro ficava de porre no final da noite, caído pelas tabelas, todo vomitado).

Uma outra noite, Jamil e Dúlio estavam na frente do hotel quando pararam uns sujeitos numa caminhonete. Estes lhes fizeram o seguinte convite:

“Escuta, tem um boto morto na praia do Brejatuba. Nós estamos pensando em ir lá tirar o couro dele e pegar a gordura pra fazer banha. Não querem ir com a gente?”

“Por que não?”, pensaram eles.

“Vocês têm como levar umas facas?”, perguntaram os rapazes. “Lanterna a gente tem. E cachaça”.

Depois de conseguirem dois facões na cozinha, os primos embarcaram na caçamba da caminhonete; Brejatuba ficava a uns sete quilômetros do hotel. Chegando na praia, um dos sujeitos foi iluminando o caminho. Logo dava para ver uma massa informe na areia e, de perto, quase nem precisava mais de lanterna. Sob a luz da lua brilhava um animal de quase dois metros de comprimento.

E começaram a fatiar o bicho. Também não demorou muito para que se achegassem por ali alguns pescadores e curiosos. Como a carne era muita, Jamil e Dúlio distribuíam postas a quem solicitasse, como bons açougueiros. O tempo ia

passando, enquanto eles alternavam goles de cachaça, conversas e distribuição de carne.

Entretidos num papo com um pescador, os guris nem perceberam quando os rapazes da caminhonete, que já tinham enchido um tambor com a gordura do bicho, se mandaram. E lá ficaram os primos naquela praia, “como dois bestas”, lembra Dúlio, sem carona para ir para casa. Eles e a carcaça de um boto morto.

Já era de manhã, quando eles caminhavam pela rua de volta para o hotel. De repente, avistaram um homem de bicicleta vindo na direção deles. Pouco antes de se encontrarem, inesperadamente, o ciclista fez uma curva brusca, atravessou para o outro lado da pista e desatou a correr.

“Que estranho, né?”, eles pensaram.

Reação semelhante aconteceria quando eles passaram na frente da casa de uma mulher. Ao avistá-los, a senhora cerraria a janela imediatamente, assustada.

Eles não entendiam mais nada. Afinal, qual era o problema de dois jovens caminharem cedinho na praia, cobertos de sangue dos pés à cabeça, e ainda carregando um facão cada um?

De todas as viagens que Jamil e seus amigos fizeram, talvez uma das mais incríveis não tenha sido em direção ao mar, mas a um rio, o Rio do Pinto em Morretes. Pedro Sanson, possuía uma casa na região do Anhaia e convidou os amigos a irem até lá a pé, numa aventura por um dos três caminhos que os jesuítas costumavam usar séculos atrás, o chamado “caminho do Arraial”¹⁵.

Para alguns, a idéia parecia maluca demais. Afinal, quantas horas teriam de caminhar? Combinaram então que, os preguiçosos, como o Minhoca, iriam primeiro de trem e aguardariam o restante do pessoal lá.

Sobraram dez corajosos – Pupi, Zeca, Antoninho, Antônio Celso, Douglas, Dúlio, King, Natal, Doca e Jamil – que saíram de Curitiba numa quarta-feira, 2 de abril de 1958, às dez horas da noite, carregando mochilas, empunhando lanternas

¹⁵ Os outros dois são o “do Itupava” e o “de Antonina”.

e, de acordo com o Jamil¹⁶, levando também um farto sortimento de bebidas alcoólicas, seguindo a recomendação de um vizinho pinguço.

Pinga, rum, conhaque, uísque e todas as suas combinações imagináveis. Só não havia água em nossos cantis; o pinguço apregoava: pra quê, se o que mais tem na serra é bica d'água?

Marcharam pela então estrada nova, a BR 277, e nesse início aproveitaram para dar uma boa puxada no ritmo. A cada hora caminhada, apenas cinco minutos de descanso. Com efeito, depois de nada menos do que sete horas, chegaram no “Viaduto dos Padres” na serra do mar. (Segundo Jamil, arrependidos de não terem levado, ao invés de toda aquela pinga, um café bem forte, pois o sono e o cansaço já davam sinais preocupantes).

Mais alguns minutos, estavam num lugar conhecido como “Pilão de Pedra”, o qual marcava o início do caminho do Arraial. Para a sorte deles, ali encontrariam também uma bodega na beira da estrada, na qual pararam e Jamil então pôde beber, finalmente: “o mais divino, o mais maravilhoso café que eu já provei na vida. Acompanhado de imensas fatias de pão, tão densas e nuas que imaginá-las cobertas por qualquer coisa seria até uma heresia”.

Já amanhecia. Refeitos e descansados, começaram a se embrenhar na selva, que estava bastante fechada. A princípio aquilo parecia conduzir a lugar nenhum. A travessia era difícil, o chão escorregadio; tinham que ultrapassar pedras e pequenos rios a todo momento. Fora o perigo iminente de topar com um bando de porcos-do-mato. A certa altura, descobriram uma estranha construção de palha, mas na qual não havia ninguém – era um rancho de caçadores abandonado.

Às nove da manhã, atingiriam o final do vale, onde moravam uns franceses amigos da família Sanson. Então deram mais uma parada, comeram alguma coisa e seguiram viagem. Agora faltava apenas seis quilômetros.

Só por volta das dez e meia aqueles “bandeirantes” alcançariam finalmente a casa dos pais do Doca.

¹⁶ “Até Morretes a pé”, *Gazeta do Povo*, 3 de março de 2002.

A turma passaria 4 dias (era feriado de páscoa) de muita farra, repletos de passeios, banhos de rio e pescarias. No domingo, na hora de voltar para casa, ninguém cogitaria outra forma de transporte que não fosse através do trem. Ao contrário daquelas doze horas de caminhada, agora, de Morretes a Curitiba, eram menos de três horas na confortável e panorâmica “litorina”.

“LA DOLCE VITA”

Em 1958, a maior parte dos amigos do Jamil estudava ou trabalhava. Ou fazia as duas coisas. Durante a semana então, precisavam dormir cedo para levantar cedo no dia seguinte. Isso só não acontecia com o Turco, que dormia de dia e passava a noite acordado. Com dezoito anos, ele havia completado o ginásio e não cursava faculdade. Não sabia que curso escolher. De forma que a sua ocupação nessa época consistia em ir nos finais de semana para o Centro de Preparação de Oficiais da Reserva, o CPOR, que ele havia passado e, de vez em quando, fazer alguns bicos na Baiúca.

Com um enorme tempo livre, Jamil varava as madrugadas imerso em leituras ou então ia para os bares, bater papo. Era o início da boemia, período em que saía pela noite de terninho, gravata e lenço branco na lapela.

O irmão Iberê hoje lembra do Jamil depois chegando em casa, duas, três horas da manhã, o que era motivo de indignação para Antônio. “O pior é que a porta da sala possuía um sininho, que tinha a função de alarme mesmo, e portanto acordava todo mundo”, conta Iberê. Dali a pouco levantava o Antônio de pijamas, para passar um sermão no Jamil.

Certa feita, Antônio levantaria às seis da manhã e encontraria o filho todo arrumado, tomando café. Então teria dito, orgulhoso: “Agora sim! Levantando cedo e indo trabalhar, é isso que você tem que fazer sempre, meu filho”. Jamil não disse nada, mas tinha acabado de chegar em casa.

Justamente nessa época, Jamil seria apresentado pelo amigo João Carlos Motter a um novo colega da turma: um gaúcho simpático e conversador chamado Jorge Gonçalves, que era cantor num programa da Rádio Cultura.

Seria através do Jorge que Jamil começaria sua carreira como colunista social. Na verdade essa história de colunismo surgiria como um blefe do Jorge e do Motter, que certa vez estavam numa festa em Paranaguá e quiseram impressionar umas meninas. Disseram que eram jornalistas da Rádio Cultura e o pessoal acreditou. Percebendo as vantagens daquela profissão, posteriormente Jorge entraria em contato com a direção da rádio, explicando a sua vontade de produzir semanalmente uma crônica social.

A idéia daria certo e logo Jorge recrutaria alguns amigos como repórteres auxiliares, entre eles o Jamil, que passaria até a escrever os programas. Isso significava também que a partir daquele momento a turma toda teria acesso livre às festas da sociedade: Circulo Militar, Thalia, Clube Curitibano... Toda semana, era festa que não acabava mais. Alguns enjoariam daquilo, menos o Jorge, que começou a fazer sucesso. Tanto que, da rádio, ele migraria para o jornal *O Dia*, assinando uma coluna bastante concorrida, intitulada: “De Perto”.

Jamil continuaria trabalhando com o Jorge e, naquela coluna, contam os amigos, ele se esbaldava. Além das tediosas notinhas sobre a sociedade curitibana, o Turco aproveitava para inventar notícias absurdas sobre os colegas. Dizia, por exemplo, que um havia feito uma festa magnífica de aniversário, reunindo mais de cem pessoas num belíssimo jantar, quando na verdade o sujeito passara o aniversário em casa, só com a família. Jamil fazia coisas desse tipo aos montes.

Uma vez, numa festa de debutante no Círculo Militar, os amigos estavam sentados numa mesa, enquanto Jorge e Jamil perambulavam pelo salão, trabalhando. De repente, começa a chegar uísque, vinho, até taça de champanhe na mesa de Minhoca, Doca e Chiquito.

Jamil dissera para alguém do clube que o Minhoca era o diretor de turismo da “Air France”, sendo que, na verdade, ele era apenas um funcionário comum da “Varig”. Não deu outra: além das bebidas que mandavam para eles, o pessoal do clube vinha na mesa interpelar o Minhoca: “É verdade que o senhor vai abrir um escritório da ‘Air France’ em Curitiba?”

Praticamente, Jamil vivia a semana inteira naquela rotina de festas, o que deixava Antônio profundamente irritado e preocupado com o destino filho:

“Isso é uma vergonha, que olheiras são essas? Por acaso acha bonito? Você sabe quanto custa o preço de um enterro?”

Segundo Jamil, esses apelos lhe faziam se sentir como um cadáver ambulante, cujo sepultamento, sempre adiado, ameaçava constantemente as economias do pai.

Meu primeiro sonho de emancipação acenava-me com a gratificante visão de poder custear meu próprio funeral. Nada de motos, carrões, veleiros. Um enterro, modesto porém digno, pago tostão por tostão pela própria vítima – ali jazendo, jovem, com seu perfil de poeta parnasiano adornado por açucenas¹⁷.

¹⁷ *Como eu se fiz por si mesmo*, p. 255.

A GRANDE CAGADA

O sonho de boa parte dos piás era entrar para o Centro de Preparação de Oficiais da Reserva, o CPOR. Diferente do serviço militar convencional, no CPOR só ingressava quem tivesse o segundo grau completo. Tudo bem que eram dois anos de serviço mas, em compensação, o recruta só ia para o quartel nos finais de semana e nas férias, e saía formado como aspirante a oficial.

Jamil e muitos dos seus amigos (como o Doca, Chiquito e Dúlio) acabaram ingressando no CPOR mais ou menos na mesma época, isto é, em 1957. Alguns foram para a cavalaria, outros para artilharia, engenharia, etc. Jamil iria para a infantaria e, no começo, estava orgulhoso de poder fazer parte daquela corporação. Todavia, não demorou muito para ele perceber que estava no ambiente errado.

De fato, é simplesmente absurdo conceber o Jamil, um dos indivíduos mais anárquicos, indisciplinados desse planeta, dentro do exército. E ele próprio conta que, desde o início, não abandonou em nenhum momento o seu sarcasmo, suas ironias e provocações. Pelo contrário. Como ali era uma espécie de elite e portanto havia um bando de eupátridas metidos à besta, ele se sentia obrigado a usar de toda a sua mordacidade contra eles. Era a sua defesa.

Para se ter uma idéia do que estou falando, eis uma de suas brincadeiras: numa aula de armamento e tiro, os soldados precisavam desmontar uma metralhadora peça por peça, lubrificar cada parte com óleo e remontar novamente. Era esse o exercício. Até o Jamil começar com a brincadeira boba de pegar o chapéu “bico de pato” do pessoal e jogar dentro do balde de óleo. Aprontou com um, aprontou com outro, até que todos estavam querendo pegar o Turco e fazer o mesmo com ele.

Jamil tratou de correr. Depois de um tempo o encontraram. Ele estava parado de costas e não percebeu que alguém vinha para lhe dar o troco. Mais que depressa, o afoito capturou o chapéu dele e correu para mergulhá-lo no óleo. Só que para o espanto geral do grupo, Jamil não se irritou com isso. Ao contrário. Morria de rir, apontando para o chapéu. Claro, aquele não era o seu chapéu. Naquele ínterim, enquanto sumia da fúria dos colegas, Jamil surrupiara o chapéu do tenente instrutor. Intencionalmente ficou dando sopa com ele, e os ingênuos haviam mordido a isca. Só agora quando puxaram o chapéu, que viram as estrelinhas, é que eles perceberam a enrascada em que tinham se metido. No final, todo mundo, inclusive o Jamil, acabaria punido por isso.

Outro fato que deixava os militares ainda mais irritados com ele era a sua mania de colocar apelido em todo mundo. O Turco fazia isso desde pequeno e não seria agora no exército que iria parar. A questão é que ele apelidava até os seus superiores, e aquilo acabava pegando. O coronel Sydnei Lima Santos¹⁸, por exemplo. Naquele tempo existia muito sabiá preto, bicho que hoje, na cidade, parece estar em extinção. Como o coronel era negro e andava com o peito estufado, Jamil acabaria lhe chamando de “Sabiá”. A alcunha pegou e logo até os outros oficiais chamavam-no assim. É claro que o Sidney não gostou nem um pouco daquilo.

Então era por essas e muitas outras que, inevitavelmente, Jamil acabava detido. (O que também não era nenhum grande drama, pois como bem lembra Chiquito, na detenção eles aproveitavam para fazer campeonato de pôquer e de outros carteados).

No final de 1958, mesmo aos trancos e barrancos, Jamil estava prestes se formar no CPOR. Pois foi justamente quando aconteceu, o que ele mesmo definiria como: “a grande cagada”:

A grande cagada é um incidente trivial, igual a tantos outros que ocorrem todos os dias na vida de qualquer um. Com uma diferença: a

¹⁸ Sydnei Lima Santos depois seria o fundador da Universidade Tuiti do Paraná.

partir desse pequeno incidente, o rumo todo se altera. A máquina do destino muda bruscamente de curso, foge de controle, até parece que um demoniozinho de baixa patente, desses que Guimarães Rosa via nos redemoinhos, assume o comando. Não adianta depois tentar consertar, amarrar com barbante, colar com durepóxi: você entrou num outro trem, noutra paisagem; as pessoas são outras e até você próprio, tão velho conhecido de você mesmo, mira de dentro do espelho com um fogo inusitado no olhar¹⁹.

Para começar, Jamil já estava preso no quartel por ter desacatado um capitão que fora dar aula em sua turma. Depois de um bate boca na sala, Jamil simplesmente retrucou que o professor não tinha moral para carregar aquelas três estrelas no ombro. Resultado: foi em cana.

O primeiro dia de detenção o Turco passaria bebendo conhaque com um colega. No segundo, tentaria içar algumas mulheres para a caserna. No terceiro é que o desastre aconteceu.

Pela manhã, ele e seus companheiros saíram para Campo Largo da Roseira, município vizinho de Curitiba, para um exercício de tiro. Estavam em uns oitenta soldados e em vários caminhões, carregando barracas, munição, telefone de campanha, e todos os aparatos necessários para destruir o “inimigo”.

Horas depois, o teatro de operações estava pronto e os exercícios haviam se iniciado. O único problema é que, segundo Jamil, aquilo já estava ficando aborrecido:

Dali a pouco começam a voar pedaços do alvo, o pessoal fica excitado, destruir é uma das mais singelas alegrias do homem. Mas faltam braços, pernas, cabeças arrancadas, troncos mutilados. Em vão tentamos vislumbrar uma mão sangrenta nos acenando das alturas. Sem despojos humanos, o interesse descai. E há os intervalos de tiro.

¹⁹ *Como eu se fiz por si mesmo*, p. 75.

Aí você percebe que há moscas, tédio, sol escaldante. Já encheu o saco aquilo²⁰.

Não tendo nada melhor a fazer, Jamil acendeu um cigarro. E como estava ao lado de material altamente explosivo, deixaria todo mundo de cabelo em pé. Diante disso, aí é que o Turco começou a botar medo no pessoal, fingindo encostar a brasa do cigarro numas cápsulas de morteiro.

Eles recuam e seus berros ecoam pelo campo. Você aproxima o cigarro de uma das cápsulas e ela imediatamente se incendeia. Você atira aquela bola de fogo em direção aos caras. Em seguida mais uma, outra, você quer superar-se, são dezenas de tochas acesas que voam em todas as direções. Alguns já correram para longe, outros desviam-se e voltam tentando agarrar você, você os repele ameaçando pôr fogo na caixa toda. Há dezenas de granadas espalhadas pela grama, e há aquele vento vadio, errante, lambendo o capim, e que agora insinua línguas vermelhas por baixo do capim seco, sopra para todos os lados, diverte-se, mau, insuflando as chamas, fazendo-as brotar aqui e ali com uma velocidade espantosa. Em pouco um incêndio de muitas bocas toma conta de tudo, envolve as granadas de morteiro, atinge a central telefônica, queima as barracas, alcança os caminhões. Todos correm, as granadas aquecidas deslizam sobre trenós de lonas, fileiras de homens tentam sufocar o fogo com galhos de árvores, tudo ameaça explodir, mas de repente uma insuspeitada bravura assume o comando daqueles braços, daqueles pés chamuscados, daqueles rostos vermelhos e molhados, e o que se vê é um combate corpo a corpo com o fogo, uma balé macabro, e a grande cagada final se consuma numa imensa clareira de cinza preta e restos fumegantes²¹.

²⁰ Ibidem, págs. 76 e 77.

²¹ Ibidem, p. 77.

É provável que tudo isso, apesar de perigoso, na hora tenha sido mesmo muito engraçado, divertido para o Jamil. Mas eu pergunto: ao voltar para o quartel (que ficava na Brigadeiro Franco nº2300, onde hoje é o Shopping Curitiba), será que ele possuía reais dimensões do que iria acontecer com ele?

Na praça da caserna, a tropa se reuniria para mais uma leitura do boletim. Foi então que o sub-comandante Olivério Monteiro anunciou o seguinte veredicto, no famoso capítulo “A Justiça e a Disciplina”:

“...Pela irresponsabilidade, por ter colocado a vida dos colegas em risco, por falta de idoneidade moral com o oficialato da reserva, seja desligado do CPOR o aluno Jamil Antônio Snege”, e os símbolos de sua farda foram arrancados um a um, diante de todo mundo.

Aí o Turco caiu em si. Como iria encarar os pais em casa? A poucas semanas de se formar, Anita já tinha até preparado a farda branca para a formatura. Chiquito, que estava presente nessa hora, lembra de ter visto o Jamil com os olhos mareados, afinal tinham acabado com ele. “Mesmo assim o Turco agüentou firme”, garante o primo.

Jamil deixaria até a última hora para contar aos pais que havia sido expulso. Antônio, quando soube daquilo, ficou demolido. Tudo que um pai poderia sonhar, ver o filho receber a espada num baile de gala, Jamil jogara pelo ralo.

Por outro lado, os verdadeiros amigos tratariam de transformá-lo num herói. A lenda do guri que tinha posto fogo no exército corria. E cada um acrescentava mais um detalhe incrível ao feito. Diziam alguns que, enquanto o capim queimava, Jamil imitava Nero, tocando lira, ou então, debochadamente, fingia apagar o fogo com um lençinho.

Apesar desse apoio dos amigos, isso não mudava em nada a crítica situação em que Jamil se encontrava naquela altura da vida. Além de ter ficado marcado como o incendiário irresponsável por toda a família, pelos vizinhos, pelo bairro inteiro, teria que servir mais um ano de exército agora no corpo de tropa e, pior: como soldado raso. Essa era a punição prevista em regulamento.

Seu futuro permanecia negro e incerto, até que ele soube da notícia de que um tenente chamado Luís Fernando da Silva Pimpão estava recrutando voluntários

para o curso de pára-quedismo no Rio de Janeiro. Jamil perceberia ali uma saída minimamente honrosa para o seu problema. Se tinha que servir mais um ano de exército sem que lhe reconhecessem os seus direitos, que fosse longe de Curitiba, longe daqueles que lhe apontavam o dedo quando passava. Servir no Rio de Janeiro então, com praia, sol, mulheres, seria melhor ainda. Sem falar que moraria sozinho, provaria pela primeira vez o sabor da independência.

Para o desespero de Anita e Antônio, que também não queriam ver o filho se jogando de aviões, Jamil já havia tomado a sua decisão.

DE PÁRA-QUEDAS NO RIO DE JANEIRO

O Rio de pernas abertas me espera. A última gonorréia a penicilina já banuiu da memória. Estou pronto para tudo.

JAMIL SNEGE, *Como eu se fiz por si mesmo*, p. 82.

De malas prontas em frente de casa, Jamil abraçou o pai, os irmãos, deu um beijo na mãe e partiu para a rodoviária. Pegou um ônibus e viajou até Paranaguá. De lá, embarcou num rebocador que o conduziu até um navio de guerra ancorado fora da barra. Chegaria na baía de Guanabara no dia seguinte pela manhã.

Era quase meio-dia quando finalmente pôde pisar em terra firme. Perto do cais, o caminhão do exército lhe aguardava. Quarenta minutos depois, na zona oeste do Rio de Janeiro, Jamil procuraria uma instalação na brigada dos pára-quedistas, ao lado Base Aérea dos Afonsos.

O primeiro dia foi só descanso, conhecer as instalações do quartel. No segundo, Jamil assistiu com os outros recrutas ao tradicional filme sobre a história do pára-quedismo no Brasil. Em 1931, o argelino Charles Astor (ex-membro da legião estrangeira, acrobata, lutador de jiu-jitsu e ótimo escritor), então radicado no país, formaria os primeiros pára-quedistas civis no aeroclube de São Paulo. Posteriormente em 1944, o capitão Roberto Pessoa tornaria-se o primeiro militar brasileiro pára-quedista, obtendo o seu brevê nos Estados Unidos, em Fort Benning, na Geórgia. O exército enviaria ainda mais 34 militares para lá, os quais, ao retornarem ao país, passariam a integrar a Escola de Pára-quedistas do Exército

Brasileiro, atual Centro de Instrução Pára-quedista General Penha no Rio de Janeiro.

O vídeo diria ainda mais, mas interrompo por aqui para esclarecer que isso seria tudo o que eles teriam de teoria dentro do curso. A partir dali já começava o batente, ainda na fase dos exames médicos e físicos. Depois de verificar batimentos cardíacos, visão, audição, dentição do recruta, era hora dele desempenhar uma série de infinitas flexões, barras, cangurus e polichinelos, além de precisar correr cem metros carregando um saco nas costas, saltar em altura e em distância e ainda subir numa corda sem o auxílio dos pés. Para todas essas provas havia um índice mínimo a ser atingido e muitos foram eliminados ali mesmo.

Passada a bateria de exames, Jamil seria incorporado ao batalhão de infantaria e ficaria treinando nesse grupo até ser selecionado para o curso específico de pára-quedismo.

Talvez você imaginasse que Jamil fosse apenas aprender a saltar de avião. Não. Lembrem-se que isso não era só um curso de pára-quedismo. Jamil treinava para ser um combatente aeroterrestre, isto é, um soldado especializado em determinada arma, no caso dele a infantaria, e que além disso saltava de pára-quedas. Entenda que o pára-quedismo era só um meio para um fim, de modo que desta arte em si, o que se aprendia ali era o básico: colocar o equipamento e sair do avião.

Outro conceito enganoso que talvez se possa ter: quando pensamos nessa insana atividade que é saltar de aviões, é natural que logo venha a nossa mente a figura do indivíduo flutuando por um certo tempo no ar, até que ele tenha que puxar a fatídica cordinha, o chamado punho de comando. Pois isso também não seria correto de se imaginar no caso do Jamil.

Para começar que, no pára-quedismo militar, os saltos são feitos a baixa altitude: 400, 360 metros. Saltos de guerra mesmo são feitos mais baixos ainda, a 100 metros. Isso para que haja a menor dispersão possível da equipe na hora da aterrissagem, e também para que o soldado atinja o solo rapidamente, pegando o inimigo de surpresa, sem chamar a atenção.

Justamente porque os saltos são rápidos, é que os pára-quedas abrem sozinhos, tão logo se salta do avião, sem que ninguém precise puxar o punho de

comando. Na mochila do pára-quedas existe uma fita amarela de quatro metros que é enganchada num cabo de aço preso no forro da aeronave. Quando você salta, essa fita se estica toda e com isso rompe-se o cordão de ruptura que aciona o pára-quedas automaticamente. A única cordinha que existe para ser puxada, ninguém gostaria de usá-la, que é a do pára-quedas reserva.

Finda essa breve digressão técnica, voltemos ao Jamil. Não demorou muito para que o nosso intrépido recruta logo se arrependesse de estar ali. Os treinos começavam a ficar cada vez mais puxados e a disciplina era muito mais rígida do que ele imaginava. Tanto que logo no começo avisavam para o novato: “Aqui você só tem direito de falar três coisas: ‘sim senhor’, ‘não senhor’ e ‘quero ir embora’”.

Ainda por cima, o Turco tinha que agüentar as provocações dos “pés de pombo”. Só podia usar o boot vermelho quem já possuísse o brevê de pára-quedista. Quem calçasse botas pretas normais de soldado era visto como pior do que calouro na universidade. Era discriminado, humilhado o tempo inteiro.

Na hora do descanso, Jamil não podia nem aproveitar sua tão sonhada estadia na cidade maravilhosa. A Vila Militar, além de não oferecer obviamente o menor conforto, ficava longe do centro e da na zona sul, onde se concentrava toda a agitação. Além do mais, ficasse ele marcando bobeira pelo quartel. Logo era intimado a fazer algum serviço sujo, do tipo limpar banheiro, lavar panela, abrir valeta. Por isso mesmo, assim que Jamil pôde, foi procurar uma pensão para morar. Era melhor empenhar o soldo irrisório – mais a pequena ajuda mensal que recebia do pai – num muquifo qualquer perto do movimento, do que ficar mofando no limbo.

Eram tantas as adversidades que, dois meses depois de chegar no Rio, Jamil pensaria em largar tudo.

Entro na sala do subcomandante para pedir o meu desligamento do Núcleo. Não agüento mais essa vida. Sou jornalista, ex-aluno de CPOR, mereço um destino melhor.

- Você está encagaçado - rugiu o sub.

Um major magricela, alto, calça desbotada. Levantou-se, andou de um lado a outro, golpeando o cano das botas com uma varinha, igual

faziam os maiores da Metro ou da Columbia Pictures. Eu fodido ali, à beira de um colapso nervoso, e o major fazendo o herói. Ele já sabia que eu tinha sido escorraçado do CPOR de Curitiba, minha ficha militar era negra.

- Você não tem é culhão para ser pára-quedista - ele bramiu, atirando um olhar altaneiro sobre o monte de merda em que eu me transformara.

- Culhão eu tenho major. Não tenho é saco...

Ele deu mais uma volta completa pela sala, parou de repente, voltou-se, apontou a varinha entre meus olhos.

- Se você tiver culhão, eu mesmo vou espetar o brevê no teu peito!²²

Eram coisas desse tipo que faziam os recrutas não desistirem, continuarem firmes. Os oficiais mexiam com a alto-estima, punham na cabeça deles que eles eram heróis e eles acreditavam. Depois daquela conversa, Jamil passaria a dar tudo de si.

A partir desse dia, o imbecil aqui encheu-se de brios e pôs se a correr, subir em cordas, engolir areia, erguer toros de madeira, atravessar fossos, escalar redes de cabos, viajar pelo espaço preso por um arame de aço. Flexão, barra, agachamento, canguru, polichinelo – o mais feroz era eu, o mais sujo e suado; eram meus culhões que estavam em jogo²³.

Nesse período em que o treinamento se intensificava, mais desligamentos iam ocorrendo. É provável que tenham restado menos de vinte recrutas depois do último Teste de Verificação Física (TVF). Jamil estava entre eles. Doze quilos mais magro.

²² *Como eu se fiz por si mesmo*, página 82.

²³ *ibidem*, p. 83.

Os saltos então foram marcados. Antes do avião decolar eram definidos o grupos e a ordem em que cada soldado iria saltar. Quem coordena essas coisas é o chamado Mestre de Salto. No ar, é ele quem dá a voz de comando e também quem pula primeiro.

Os soldados embarcam e se posicionam em fila nas duas laterais do avião – o do Jamil, possivelmente, um C- 47²⁴. Quando ele atinge a altitude ideal, neste caso 1200 pés (360 metros), acende uma luz verde, que indica a hora de saltar. O Mestre de Salto então se levanta e grita: “Atenção equipe, preparar!” Nesse momento, todo mundo checka o seu equipamento. Quando o Mestre diz: “Levantar!”, “Enganchar!”, é hora de prender a fita do pára-quedas no cabo de aço. Ao comando de “Verificar!”, o soldado de trás olha se o pára-quedas do colega da frente está correto e vice-versa. Ao indicar “À porta!”, todos se encaminham para a saída do avião e só pulam depois que ele disser “Já!” e saltar.

O pára-quedista demora em média um minuto até atingir o solo. Então é a vez da segunda equipe repetir todo aquele procedimento, depois de aguardar a aeronave fazer uma volta e sobrevoar novamente o ponto onde eles devem descer, e assim sucessivamente, até todos saltarem. É tudo muito organizado.

Alguém talvez deseje saber: e se um soldado amarelar na hora “h”? Bem, se o Mestre de Salto de uma equipe pular e algum soldado não for atrás, quem vai conversar com esse recalcitrante é o Mestre de Salto da próxima equipe, que tentará resolver a situação. Se mesmo depois de uma conversa o indivíduo não quiser saltar, tudo bem, porém lá em baixo o bicho pega. Mas isso de amarelar é coisa rara. Exatamente porque o treinamento é tão intenso, são feitas tantas peneiras, que quem sobra está mais do que preparado para aquela situação.

Jamil confidenciaria certa vez ao amigo Luiz Carlos Zanoni que, num desses saltos, ele já havia descido, quando presenciou o drama de um colega cujo pára-quedas não abriu e ele se espatifou no chão. Imagine nesse caso como deve ter sido

²⁴ Como um avião de suprimentos, o C-47 pode carregar até 2.700 kg de carga, bem como um jeep totalmente equipado ou um canhão de 37 mm. Como transporte de tropas, pode levar até 28 soldados totalmente equipados para combate. Como transporte médico, é capaz de acomodar 14 pacientes deitados e 3 enfermeiras.

a tensão, o sufoco de ter que saltar novamente com a aquela tragédia viva na memória.

No total, Jamil deve ter dado oito saltos, que era a média. Cinco obrigatórios do curso e depois mais três. Assim, finalmente marcariam o dia de sua brevetação. Jamil seria o pára-quedista número 6549 a ser formado pelo exército brasileiro.

Farda luzidia, queixo erguido, lancei um olhar altaneiro para o major que abria caminho em minha direção. A banda lascava o hino do pára-quedista e meus culhões respondiam com um frêmito de júbilo. O major, sorriso de pai orgulhoso, pára diante do ex-monte de merda e espeta-lhe no peito a gloriosa insígnia de asas distendidas. Foi o dia mais cinematográfico da minha vida, só comparável em emoção àquele em que, um ano antes, o CPOR condecorou-me o rabo com o chute que amarrotou minha reputação²⁵.

Depois de receber a boina, a insígnia (que tanto a do soldado como do general é a mesma, sem distinção) e o “pé de pombo”, Jamil agora ficaria mais relaxado na caserna, a maratona diária de testes havia terminado. Era só uma questão de esperar até o seu desligamento do exército, hora então de começar a pensar em outras carreiras. Depois de ter se tornado oficialmente um pára-quedista, Jamil tencionava virar marinheiro. O problema foi que não conseguiu dispensa do núcleo de pára-quedismo no dia para fazer o teste na Marinha.

Mas se as artes da guerra não lhe abriam mais oportunidades, a comunicação social retornava a sua vida, quando um amigo lhe convidou para conhecer a agência J. Walter Thompson. Jamil foi até lá alguns dias, porém infelizmente não pôde fazer nenhum estágio, visto que só tinha folga do quartel nas quartas-feiras à tarde. Nessas condições, o único trabalho que conseguiu arranjar foi à noite, no jornal Tribuna da Imprensa, então dirigido por Carlos Lacerda.

²⁵ *Como eu se fiz por si mesmo*, p. 83.

Prédio Velho, máquinas velhas, mesas velhas – tudo banhado por uma luz de necrotério, assim era a Tribuna da Imprensa. Só havia homens na redação. Homens verdes, macilentos, hepáticos. Nada comparável às trescalantes coxas diurnas da J. Walter Thompson. A única coisa estimulante era a chegada do próprio Carlos Lacerda à redação. Carlos Lacerda, a figura controvertida, um dos mitos de minha geração. Nessas horas eu deixava de ruminar o meu texto e espantava-me com o homem. Espantava-me. É este o termo²⁶.

Porém logo o exército lhe atrapalharia a vida novamente. Como acordava às cinco da manhã, à noite tinha sono, não conseguia trabalhar direito. Segundo ele, alguns dias de detenção no quartel serviram-lhe de pretexto para a suspensão do estágio na Tribuna. (Anos mais tarde esse mesmo jornal teria contos publicados desse ex-estagiário em seu suplemento literário. Textos inquietantes, extraídos de um pequeno livro intitulado “A Mulher Aranha”).

Em 1960, quando finalmente recebeu baixa do exército, Jamil morava no Catete, numa pensão que já havia sido a casa do presidente Arthur Bernardes. Ocupava um quarto no térreo, individual, com direito a comida e roupa lavada, o que para ele era um luxo, bem diferente do que estava habituado.

Até então, Jamil havia morado nos mais lastimáveis pardieiros, dividido cubículos com amigos; certa vez, dormira até na praia como um mendigo, coberto por jornal. Comparado com aquela época, levava agora vida mansa, sentia-se um magnata, ainda mais que recebia um reajuste de salário retroativo do quartel.

No momento fora convidado a trabalhar num jornal chamado “A Noite”, que estava prestes a reabrir, e enquanto a labuta não começava, aproveitava bem suas férias merecidas: ia a praia, passeava, conhecia pontos turísticos, freqüentava livrarias e “tentava comer gente”. Namorava uma baiana num pensionato em Santa Teresa e uma espécie de cafetina, de 42 anos. Segundo Jamil, não era difícil

²⁶ *Como eu se fiz por si mesmo*, p. 9.

sobreviver sem dinheiro no Rio: “bastava ter vinte anos, pinto duro, disponibilidade”. No final tudo dava certo.

23 de dezembro de 1960. Jamil estava na praia de Copacabana, deitado na areia, tomando sol, quando, súbito, ouviu alguém lhe chamar. Reconheceu aquela voz: era o seu amigo Reginaldo Linhares, de Curitiba. Os dois bateram um papo e dali a pouco Reginaldo lhe contou que estava voltando para casa naquele dia.

“Por que você não volta para Curitiba também?”, perguntou ele. “Vai passar o natal com os teus pais! A quanto tempo você está fora de casa? Mais de ano!”

“É mesmo”, pensou Jamil, e a saudade lhe bateu forte. Lembrou dos camaradas, da família, e por fim acabou cedendo àquele impulso. Arranjou um ônibus no dia 23 mesmo, e chegaria em Curitiba na véspera do Natal.

Sheila lembra do irmão desembarcando na rodoviária todo bonito, forte, bronzeado, e ainda usando uns sapatos diferentes, bicolores. A família se alegrou com a volta do filho pródigo e logo o Turco estava junto dos amigos contado as suas histórias.

Sobre a experiência no Rio, Jamil diria décadas depois:

“Foi uma experiência muito importante para mim, porque houve uma quebra de status violenta. Eu era aluno do CPOR, colaborador de jornais, tinha uma coluna assinada; inclusive, já cometia minhas pequenas peças literárias... Então de repente eu sou atirado num corpo de tropa. Não reconheceram os meus direitos. Fui incorporado como soldado raso, “pé preto” – porque no pára-quedismo quando você entra, você calça aquele boot preto, e é discriminado em função disso. (...) Então eu passei uns oito meses assim, abrindo valeta, fazendo todas essas tarefas. Aquilo para mim foi bom no sentido em que tirou qualquer nascente arrogância que eu poderia ter.”²⁷

²⁷ Entrevista concedida a José Wille no programa “Memória Paranaense”, de 1998.

ETERNO RETORNO

Curitiba devolve-me ao mundo, às aparências, às transparências, às opacidades. Volto aos lugares que sempre freqüentei, às pessoas, aos ritos familiares.

JAMIL SNEGE, *Como eu se fiz por si mesmo*, p. 96.

O ano de 1961 começava e Jamil já sentia a dureza de estar desempregado e um tanto sem perspectivas. Todo dia, uma nota de 50 cruzeiros deixada por Anita no armário da cozinha o lembrava que ele precisava arranjar uma ocupação imediatamente. 22 anos e ainda vivendo da mesada dos pais... que coisa terrível.

Sem muitas opções, Jamil retornaria para sua antiga rotina de boemia e também para o colunismo social, novamente ao lado do amigo Jorge Gonçalves. Jorge agora além de possuir uma coluna no jornal Correio do Paraná, apresentava um programa no canal 12 e tinha grandes planos para o futuro. Entre eles, a idéia de criar uma espécie de assessoria de imprensa. “Jotaquatro Publicidade” ficou sendo o nome dessa empreitada na qual, além do Jorge, trabalhavam mais outros três “jotas”: João Carlos Motter, Juarez de Senna e Jamil.

No entanto, o negócio duraria poucos meses. Jorge estava no auge do alcoolismo e precisou ser internado numa clínica. Foi o fim da Jotaquatro e o início de mais uma fase difícil para o Jamil, que caiu em si e percebeu a burrada que havia cometido em ter voltado para Curitiba.

Assim ele decidiu fazer uma rápida viagem para o Rio Janeiro, para ver se por lá conseguia alguma oportunidade. Acabaria descobrindo que a Rio Gráfica

Editora²⁸ precisava de um representante para suas revistas: justamente em Curitiba. Jamil achou aquilo irônico: ia para o Rio de Janeiro e o mesmo Rio lhe devolvia para a sua cidade natal. Jamil preferiu não discutir com o destino e acabou voltando como representante da editora. Mais tarde, em seu “Tempo Sujo” (págs. 52 e 53), ele mofaria desse “Eldorado” carioca:

Se não existisse o Rio, o que seria de nós? Todos querem ir par ao Rio. Um dia o curitibano abre as janelas para a Guanabara, desperta a mulher que dorme com ele e vai para a praia. A mulher também é intelectual, lê só livros estrangeiros, faz poemas ou é atriz de cinema. Quando volta da praia e almoça, chega o editor. Entrega-lhe um cheque enorme e implora pelos originais. O intelectual curitibano entrega-os sob promessa de receber, além do sinal de contrato, dez por cento sobre o preço de capa. À tarde há um giro pelas galerias de arte, visita amigos, dá autógrafo no elevador. Um só, porque tem pressa: dali a pouco haverá uma estréia e ele é convidado especial. A mulher que está ao seu lado já não é a mesma (quem seria a que o acompanhava na galeria de arte?); é outra, longos cabelos, alta, parece que um manequim francês. À saída, coquetel e esticada na boate. (...) Assim sonham os pobres diabos intelectuais nas madrugadas curitibanas, depois do segundo gole. Sonho sonhado à custa de bebida barata, paga pelo amigo.

De volta a Curitiba, numa visita a alguns amigos que trabalhavam no jornal Diário da Tarde, Jamil encontraria na redação o jornalista Calil Simão. Calil, que também era colunista social e conhecia o Jamil desse meio, avisou o colega que planejava criar uma nova revista mensal. Uma revista de sociedade mas também com espaço para política, artes e cultura. Chamaria-se “Planalto”, e era para sair já em dezembro. Calil precisava de um redator-chefe: “Será que você não aceitaria?”

²⁸ A Rio Gráfica Editora depois passaria a se chamar Editora Globo. Na época, ela tinha a importância da Editora Abril hoje.

Jamil aceitou na hora e logo daria adeus à história de vender assinaturas da Rio Gráfica. A partir de então, batia cartão no décimo oitavo andar do edifício Mauá, na José Loureiro, 113. Ali era a redação de Planalto e Jamil trabalhava lá sozinho com o Calil, editando as matérias que outros colaboradores de peso enviavam – medalhões como Vasco Taborda, Valfrido Piloto e Leônidas Butim. Para as ilustrações, o Turco chamaria o amigo João Carlos Motter, que seria responsável pelo projeto gráfico das primeiras revistas.

Praticamente 60% do conteúdo de Planalto era mesmo sobre a sociedade paranaense, sobretudo a curitibana, e amenidades, com textos do tipo: “fulano convidou quarenta garotas e outro tanto de rapazes para um ‘dinner’. Motivo: comemorar ‘birthday’”. O uso de anglicismos era simplesmente absurdo. O restante da revista era preenchido com textos sobre literatura, teatro e política. Algumas coisas de qualidade, mas quase tudo num tom morno demais.

Uma das poucas coisas que destoavam disso eram as produções do Jamil. Apesar de que, como editor da revista, inevitavelmente ele também era responsável por algumas seções de se dar dó, afinal a cobertura de festinhas de quinze anos também fazia parte de sua alçada. Porém no meio de toda aquela futilidade ele se destacava com seus textos assinados. Publicava poemas, uma crônica na última página e ainda escrevia uma provocante coluna, intitulada “Only for Men”, na qual assinava com o pseudônimo de “Mister J. Himself” (só podia ser em inglês!). A página levava uma ilustração do Motter, que desenhara um Jamil estilizado, de cartum, fazendo pose com um cigarrinho. A primeira coluna começava assim:

Há um imenso mundo que pertence à mulher; este, onde nós homens, nos vemos obrigados a aceitar essa invasão que se processa lenta e inexoravelmente aos nossos domínios.

E continuava num tom pseudo-machista:

Nossos antigos privilégios já não são mais nossos. Não são raras as vezes que as mulheres estabelecem recordes de velocidade, decidem questões difíceis e fumam nossos cigarros. E tomam nosso uísque

importado. Em vista dessa sublevação, só nos resta que nos conformemos com esta página de PLANALTO, onde elas “não” botarão os olhos. (...) Uma seção para o cavalheiro, semi-didática, onde estudarmos técnicas de persuasão, subterfúgios, desculpas, etc., que serão as armas psicológicas com que lutaremos.

A coluna seguiria discorrendo sobre importantes temas, tais como “Drinks” e “Secretárias”, quase como que verbetes de um dicionário canalha. Jamil passava a receita de bebidas, sugeria lugares onde procurar as garrafas caso as mulheres as tivessem escondido, ensinava táticas de como sair com a secretária sem levantar suspeitas e por aí a fora.

A estréia de uma das “melhores revistas sociais do país” – palavras da própria Planalto, claro – aconteceu no dia 1º de dezembro de 1961 num coquetel promovido no Grande Hotel Moderno, com a presença de várias autoridades, entre elas o vereador Elias Karam, que saudou a revista em nome da Câmara. Jamil posa para fotos com os diretores da revista: Calil Simão, Ildemar França e Alfeu Medeiros.

Nessa época, o Turco saía da redação e ia direto para as bocadas da noite. No final, iria dormir no Hotel Carioca: “Com a putinha desdentada que me promete passionais navalhadas se me flagrar com outra mulher”, diria ele. Mas isso até ele começar a namorar com a secretaria da revista: “Uma loirinha de olhos de água, signo de peixes, por quem desfaleço de paixão”. Ele abandona então a bandalheira e passa a namorar sério, como um bom moço, na sala da casa da menina e vigiado pela futura sogra.

A Planalto seguia fazendo um certo sucesso e nela Jamil continuava com toda a liberdade. Prosseguia em suas provocações como “J. Himself”, tratando de tabus como “Infidelidade”, “Boates”, “Amor Livre”, ao mesmo tempo em que publicava poemas dramáticos, quase byronianos, sobre personagens da boca do lixo, todavia com uma linguagem ousada e uma formatação completamente solta:

VERMELHO, O CÉU

Noite

Silêncio. Sonhos.

Pálpebras cerradas.

Musica de cabaré: tango.

Bêbado levando a passeio andrajos e frustrações.

Névoa.

Luz bruxuleante na esquina.

Vidas de orvalho.

Súbito, grito.

Carro que passa, corpo jogado.

Movimento.

Asfalto molhado, sangue.

Gente feia em volta. Guardas.

Dinheiro na mão, impuro.

Seios à mostra, pernas.

Alguém pergunta um nome: Sandra.

De tal.

Sandra só. Morte.

Assassinato. Flor desfolhada no asfalto.

Sirene. Aventais brancos.

Corpo recolhido.

Gente feia se dissipa,

volta aos retângulos de acesso à bebida. Portas à fumaça.

Risos e vício.

Perdida uma estrela, noite foge.

Bruma se evola, sol nascente.

Cheiro de manhã.

Céu tinto de sangue, vento de

sangue na terra.

Primeiros ruídos.

À parede, alguém chora a morta.

Passos em direção ao jardim.

Lua, emotiva, se esconde atrás do prédio.

Mãos trêmulas colhem duas rosas. Brancas.

E as pétalas, puras e macias, caem.

Sobre o sangue, junto à calçada, como o

perdão. Tingem-se.

E fenecem pureza, pétalas brancas, em pecados, sangue.

... e lágrimas.

Jamil duraria quatro números na revista. A última edição de que participou foi a de março de 62. Ninguém ousaria continuar a coluna “Only for Men”, e quem assumiria o seu cargo de redator-chefe seria o escritor Valfrido Piloto.

Meses depois Jamil migraria para a “Imprensa Nova” que Ubaldo Siqueira e Idelmar França estavam fundando. Nela colaborariam grandes nomes do jornalismo paranaense, tais como Luiz Geraldo Mazza, Adherbal Fortes, Aramis Millarch, e o então crítico de cinema Sylvio Back. Comparada a Planalto, a Imprensa Nova era uma revista mais séria, com menos colunismo e mais jornalismo de verdade. O primeiro número saiu em maio de 1962 e já na página 3 denunciava a má iluminação nos bairros periféricos de Curitiba, tão diferentes do centro iluminado da “cidade sorriso”.

UM NIÁGARA DE ÁGUA GELADA

1º de abril de 1964. Curitiba em estado de sítio. Ruas fechadas, carros de combate circulando, dez horas da noite não se podia mais sair de casa. Enquanto a revolução estourava, Jamil possivelmente estava num bar no centro da cidade, muito provavelmente o Trocadero, um boteco que parecia um canudo – tinha só uns três, quatro metros de comprimento, um balcão e um corredor – e era ponto de encontro de intelectuais e estudantes. Jamil não participava de nenhum movimento político organizado (também nunca se filiaria a nenhum partido ao longo da vida), mas nem por isso deixaria de estar perplexo diante daquela situação.

Numa entrevista em 1998, Jamil falaria sobre o que representou para ele, como jovem, o golpe militar:

“Nós criamos, até de uma maneira quase religiosa, que o mundo se encaminharia para um socialismo. Essa era a nossa crença. Nós praticávamos uma política, eu, particularmente, mais na área da cultura, em que nós acreditávamos que, utopicamente, chegaríamos a um estado sem as desigualdades sociais, a um estado libertário, de manifestação de tudo que era humano. Então, claro, quando houve esse arrolhamento, quando houve aqui o golpe militar de 64, aquilo foi um grande Niágara de água gelada sobre nossas intenções, nossas pretensões. Aquilo nos encolheu de tal maneira que acho nós nunca recuperamos o antigo ardor dos anos sessenta”²⁹.

A vida seguia. Jamil fazia seus freelances como jornalista, publicava contos, poemas. Inclusive já era membro da Academia José de Alencar, a convite de seu

²⁹ “Memória Paranaense”, 1998.

presidente, Vasco Taborda. Com ele Jamil chegaria a organizar nessa época a “Feirinha do Autor Paranaense”, em frente ao Trocadero.

Naquele ano, o Clube Sírio Libanês convidou o Jamil, que além de sócio, era então um jornalista conhecido, para participar da escolha da miss do clube. O lugar neste dia estava apinhado de jovens bonitas, mas entre elas, Jamil se interessaria por uma que nem concorria a nada, apenas acompanhava uma amiga. Esta moça, chamada Alice Ruiz, contava então 18 anos, era modelo e trabalhava no Banco Comercial do Paraná. Para completar, ainda adorava literatura.

Diante deste último detalhe, depois de apresentados, Jamil botaria o charme da erudição para funcionar e logo a tinha conquistado. Segundo Alice, o namoro começou quase que instantaneamente.

Com 25 anos, Jamil levava então aquela vida pacata. O namoro com Alice seguia firme, as duas famílias tinham sido apresentadas, os dois pensavam até em se casar. Porém ao mesmo tempo, a “dolce vita” do colunismo não lhe servia mais. Jamil nunca ficara completamente à vontade em meio àquela elite curitibana. Estivera nisso mais por uma questão de oportunidade. Era uma forma de um jovem suburbano como ele freqüentar festas, conseguir garotas, se divertir e ainda ganhar algum dinheiro.

Jamil possuía ambições maiores. Há tempos havia enveredado pelo caminho da intelectualidade e pretendia agora se aprofundar em alguma coisa, definir um rumo novo para sua vida. Foi então que pensou em fazer uma faculdade. E, segundo ele, para compreender melhor o país em que vivia, optou pela Sociologia. Em fevereiro de 1965, Jamil passaria no vestibular daquele curso na Faculdade Católica.

CONTOS DE REPENTE

Os primeiros contos do Jamil a saírem em livro chamavam-se “O Expresso” e “As Luzes”, e faziam parte da antologia “Contos de Repente”. Jamil e mais dois amigos, Fernando Salviatti e Ayrton Sisti, foram os responsáveis pela edição, da qual participaram mais quatorze autores locais.

Jamil e Ayrton trabalhavam na editora de guias de compras do Fernando e acabaram lhe convencendo, malandramente, a entrar no mercado da literatura também. “Ah, o terrível vício literário”, diria Jamil.

Nascia então a “Delfos Editora”, que funcionava no mesmo escritório em que eles trabalhavam, no Edifício Rio Branco. O lançamento de “Contos de Repente” aconteceria em julho de 1965, numa tarde na Livraria Ghignone, com direito a coquetel e autógrafos.

O livro, assim como a antologia de contos “7 de Amor e Violência”, organizada por Walmor Marcelino um ano antes, teria um papel importante no cenário curitibano, dando voz a jovens escritores num momento em que muitos se calavam, temendo a ditadura.

Uma tarde ~~ligo~~, liga na Delfos um garoto de quinze anos: um tal de Wilson Bueno, que já publicava contos na Gazeta do Povo e queria conhecê-los. Que viesse, Jamil respondeu. Quando Wilson chegou, lá estavam Aylton Sisti, Moacyr Pereira e Jamil. Wilson lembra que foi muito bem recebido por todos, principalmente pelo Turco, que adorava conhecer gente nova, sobretudo quem escrevia e quem era de Curitiba. “Claro, era mais um que poderia se juntar ao bando, tornando a ‘máfia’ ainda maior”, brinca Wilson. “Jamil sempre foi uma figura muito aglutinadora”.

Depois de conversarem, Jamil disse para o menino voltar outro dia e trazer os seus textos, pois eles pretendiam fazer uma nova antologia em breve, um “Contos de Repente 2”, talvez. A verdade é que novos livros nunca mais seriam editados pela Delfos, que logo acabaria fechando e trazendo prejuízo para o pobre Fernando Salviatti. Todavia, iniciava-se aí uma sólida amizade entre Wilson e Jamil que duraria mais de 40 anos.

SOCIOLOGIA EM TEMPOS DE DITADURA

Havia esquecido de mencionar que, mal ingressara no curso de Sociologia em 1965, Jamil acabou trancando a matrícula. Ele voltaria em 1966, ano de que trata esse capítulo. A amiga, então colega de classe, Itaira Susko, lembra-se dele entrando na sala de aula pela primeira vez:

“Nunca vou me esquecer: foi a única ocasião que eu vi o Jamil de terno! Sem gravata, mas com a calça azul marinho, paletó. A barba bem aparada. E ele possuía mais cabelo na época. Jamil entrou na sala e já olhou com aquela cara – ele tinha um ar... ele te olhava com um sorriso meio irônico.”

Na hora em que o Jamil entrou, Ita conta que a irmã dela, Elci, lhe disse baixinho: “Uma bicha!” Mais tarde, já amigos, quando conversavam sobre as primeiras impressões que cada um teve do outro, Jamil daria o troco, revelando que quando bateu o olho em Elci, a primeira coisa que pensou foi: “Uma puta!” Os dois tinham esse jeito desbocado e gostavam de se provocar.

A amizade entre os colegas da turma começaria mesmo uma noite na cantina, quando o Aylton Sisti, que também cursava Sociologia, chegou com um exemplar do “Contos de Repente”. O pessoal viu o texto do Jamil e ficaram ali, conversando sobre o livro. Depois da aula, iriam todos assistir a um filme na cinemateca do Colégio Santa Maria.

Aos poucos a patota ia se formando: Jamil, Ita, Elci, Olinda Teles, Márcia Paciornik, Arnaldo Goltcher... e o Turco logo começaria a pôr apelido em todo mundo. Poucos foram poupados, entre eles o “Pépe”, que era um representante farmacêutico, bem mais velho do que ele. Jamil queria apelidar a Olinda, que era toda moderna, envolvida com balé, teatro, de “Maga Patalógica”. Acabou ficando só “Maga”. Outras duas vítimas preferidas do Jamil eram a Dionéia Bonfim e o

Arnaldo. A Dionéia, Jamil apelidou de “Teresinha”. Ela tinha um estilo diferente, vinha com uns chapeuzinhos, e o Jamil não perdoava. Ela entrava na sala, ele gritava: “Teresinha: ú, ú!”, que nem o Chacrinha.

O Arnaldo, Jamil chamava de “Abacuc”, que era o personagem judeu do filme “O Exército Brancaleone”, e também, pelas costas, de “Gegê”: a gorda Goltcher. Jamil aprontava bastante com ele, ainda mais porque os dois se conheciam a algum tempo, desde antes da faculdade. Inclusive fora o Jamil quem convencera o Arnaldo, que estava tentando Medicina, a fazer Sociologia.

Quando Arnaldo, que era judeu, decidiu namorar uma moça católica, isso renderia também uma ótima história para o Jamil. Arnaldo namorava a garota havia mais de ano e estava pensando em se casar. Um dia, finalmente, ele quis apresentar a namorada para a mãe, que era a típica mãe judia: forte, protetora, tradicionalista. E o detalhe é que ela era diabética.

Jamil então começou a espalhar a seguinte história aos colegas: depois de Arnaldo ter contado sobre o casamento para a mãe, a velha virou-se para ele e disse: “Arnaldinha pode casar com quem Arnaldinha quiser. Mamãe não se mete. Mas depois do casamento de Arnaldinha, mamãe senta na sala e come um quilo de chocolate!”, e Jamil imitava a mãe do Arnaldo, inventava um sotaque.

Era por essas que muitos detestavam ou amavam o Jamil. Ninguém ficava indiferente a ele. Jamil provocava muito os amigos e, por conta disso, era alvo de muitas brincadeiras também. Elci era uma que gostava de rivalizar com ele. Um dia ela foi até uma lojinha de magia e voltou repleta de armadilhas. Tempo depois na faculdade, na hora do intervalo, Jamil queria fumar e pediu um fósforo a Elci. Riscou o palitinho e este explodiu na sua mão.

Outra vez foi Ita quem lhe pregou uma peça: “Jajá, quer uma bala?” Jamil aceita. Mastiga, mastiga, e nada dela se dissolver. “Que bala esquisita!”, ele pensa. Cospe: um pedacinho de cortiça. Segundo os amigos, quando Jamil sacaneava muito, ele até tolerava que brincassem com ele, afinal, sabia que merecia. Ele só não gostava quando aprontavam com ele na frente de gente desconhecida. Aí ele ficava uma fera.

A faculdade para o Jamil tinha uma conotação diferente do que para aos mais novos. Para ele a coisa era mais relaxada, afinal já era um sujeito maduro,

bem informado, de muitas leituras. Não precisava estudar tanto. As provas eram descritivas e ele tirava vantagem disso fazendo uso de seus dotes literários. Definitivamente não era um aluno exemplar. Faltava o máximo que podia e chegava freqüentemente atrasado. Matérias que não o interessavam nem um pouco, do tipo “História do Cristianismo”, “Doutrina Social da igreja”, ele preferia passar desenhando, escrevendo, trocando bilhetinhos com a Olinda, o que conseqüentemente fazia com que ele ficasse sempre abaixo da média, depois tendo que ir para os exames finais.

Em compensação, quando entrava a parte de “Antropologia Cultural”, por exemplo, “Sociologia Rural e Urbana”, que ele gostava, aí se tornava um aluno participante, se destacava. No saldo final, com esses altos e baixos, Jamil passaria sempre por média, sem reprovações.

Em 1966, Jamil ainda teria duas experiências distintas com revistas culturais. Primeiro, decidiu fundar uma, ao lado do amigo Wilson Bueno, a qual batizou de “Oficina”. Em uma entrevista para a “Revista Quem” nos anos 80, Jamil comentaria sobre essa empreitada:

“Nós, sempre duros, estávamos emergindo de uma crise econômica muito séria. Não, não sabíamos vender terreno dentro d’água, então nos ocorreu de fazer uma revista cultural. O Bueno saiu a campo vendendo assinaturas. O Fernando Horilca [outro amigo do Jamil] que na época morava aqui, também”.

Sendo assim, eles aproveitaram principalmente para “morder” os velhinhos das letras, que gostavam deles. Gente como o Vasco Taborda, por exemplo, chegou a fazer três assinaturas; o Altivo Ferreira, médico, beletrista, comprou igualmente.

Numa noite, amealhavam o equivalente a uns setenta reais de assinaturas. O “Bar Okey” então virou uma festa: era sanduíche, espetinho, bebidas... No dia seguinte, até bateu um pouco de remorso em Wilson Bueno:

“Poxa, Jamil, e a revista?”, pergunta ele.

“Wilson, lembra aquela pizza que comemos ontem? O cafezinho, os refrigerantes? Então, não estava bom? A revista foi isso”, explicou Jamil.

Depois seria a vez do Jamil se envolver com a “Revista Forma”. Essa sim, existiu de verdade e foi editada pelos artistas plásticos Cleto de Assis e Philomena

Gebran. Muitos que colaboraram em “Contos de Repente” – Cleto, por sinal, havia feito a programação gráfica do livro – participaram da “Forma”, seja com artigos ou contos. Foi o caso de, entre outros, o jornalista Luiz Geraldo Mazza, o escritor e pintor Nelson Padrella, e o próprio Jamil. Na edição número dois, na última página da revista, após o conto “Lamentações de Curitiba” de Dalton Trevisan, figurava o seu “Noite/ Nove”. Eram nove “takes”, parágrafos curtos, que delineavam o tipo de vida e a personalidade de um velhinho suburbano. Esse conto depois reapareceria em “A Mulher Aranha” com o nome de “01144”.

Os quatro primeiros Atos Institucionais já haviam sido lançados, e com eles a repressão comia solta. Havia militares infiltrados em todas as áreas da sociedade, principalmente nas faculdades. O que dizer então no curso de Sociologia, no qual eram estudados abertamente inúmeros teóricos de esquerda, como Marx, Durkheim e Gramsci.

“Quase todos do nosso curso eram bastante críticos, mas a gente tinha que se cuidar com o quê e com quem falava. A gente sabia que em todas as salas havia um militar infiltrado”, lembra Ita, que viu colegas serem tirados da classe para conversar e que nunca mais voltaram. Alguns professores também deixavam o curso, como o César Muniz, por exemplo, que foi se exilar na França.

Sendo assim, havia muita pressão na faculdade, inclusive sobre os freis franciscanos, seus diretores. Estes, depois de uma reunião na PUC do Rio de Janeiro, decidiram por bem fechar o curso de Sociologia. Não haveria mais vestibular. A turma do Jamil seria a última daquela faculdade, que a partir de 1967, passou a adotar o nome de Faculdade de Administração e Economia, a FAE.

Além daquela notícia nada agradável para um futuro sociólogo, um infortúnio ainda maior, no campo pessoal, viria afligir o Jamil na virada daquele ano: o fim do seu namoro com Alice Ruiz. Jamil não chegou a comentar o assunto com os amigos, mas todos sentiram que ele havia saído bastante machucado da relação. Jamil tornara-se mais amargo, mais ferino que o habitual.

AVENTURAS PELO SUL DO PAÍS

1967. Uma noite, apareceria na faculdade o pessoal de um tal de Centro de Investigação Social Político e Econômico, o CISPE, recrutando alunos para atuarem como pesquisadores de campo. O CISPE desenvolvia várias atividades relacionadas a pesquisa, fossem elas de opinião pública, de mercado, e também prestava assessorias em diversas áreas.

Jamil e sua turma (Ita, Elci, Olinda, Arnaldo...) preencheram uns formulários e foram admitidos. Por ser mais velho, mais experiente, e já um escritor, Jamil seria alçado à condição de coordenador das pesquisas e dos textos – que depois se mostrariam empoladíssimos, quase barrocos, dir-se-ia até.

Um dos primeiros trabalhos que eles tiveram que fazer foi o seguinte: visitar os chamados “municípios modelos”, que eram as regiões rurais que ofereciam boas condições de moradia, trabalho, saúde, etc., a sua população. Eles ficariam mais ou menos uma semana em cada cidade, entrevistando agricultores, colonos, donos de fazenda, e ganhariam uma boa grana boa por isso.

Dos amigos, Ita e Elci permaneceriam na sede do CISPE em Curitiba prestando apoio logístico, enquanto Jamil, Olinda, Arnaldo e Iracê Dantas (uma socióloga carioca, que logo virou amiga) viajariam com uma equipe de agrônomos, professores, engenheiros e outros técnicos.

O CISPE possuía uma estrutura de grande porte e contava com uma frota de uns quarenta jipes para os pesquisadores. Pois Jamil tornaria-se motorista de jipe também. Ele adorava, principalmente porque ficava com o carro a sua disposição. Inclusive, foi ele quem dirigiu a “Rural” que levaria parte da equipe ao primeiro município: São Miguel do Oeste, em Santa Catarina.

Chegando lá, montaram base num pequeno hotel e, no dia seguinte, já começou a labuta. Jamil deixava os colegas nas fazendas e depois ele mesmo ia dar cabo de sua pesquisa, que consistia em passar questionários para os agricultores com perguntas sobre o que eles plantavam, que tipo de criação possuíam, número de empregados e coisas assim.

Ao final da tarde, Jamil passava recolhendo todo mundo e eles voltavam para o hotel. Tomavam banho e depois era hora deles se reunirem para jantar. Aí as histórias corriam soltas. Era gente contando que tivera que fugir de boi, que caíra do cavalo, cobras que tinham deixado as mulheres de cabelo em pé, enfim, os “causos” pululavam diariamente e Jamil era um dos que adorava narrar suas experiências pitorescas no campo. Certa vez ele chegou no hotel dizendo que havia experimentado as delícias de um subproduto do milho.

“Que subproduto? Pamonha?”, perguntaram.

“Não, o sabugo mesmo”.

E começou a contar que, naquela tarde, no meio de uma pesquisa, sentira uma vontade danada de ir ao banheiro. Ora, na chácara em que ele estava, banheiro era que não haveria. No máximo a tal da “casinha”. Pois chegando nela, obviamente, papel também não tinha, só sabugo para se limpar. Todo mundo tirou o maior sarro dele mas, segundo Olinda, o Jamil era tão tenebroso que eles nunca sabiam se o que ele falava era mentira ou verdade. “Urbanóide” como ela era, Olinda não podia imaginar que aquilo fosse assim mesmo.

Até que uma vez, ao cair da noite, Olinda havia terminado seu trabalho quando também lhe surgiu aquela vontade irrefreável. Meio ressabiada, perguntou então para o responsável da fazenda onde era o sanitário: “Olha, moça, a casinha é logo ali, depois daquele galpão”, respondeu ele. Olinda entra e está tudo escuro. Ela ainda teme bichos escondidos ou então cair no buraco fundo da latrina.

Mesmo com medo, ela consegue se aliviar, porém, no final, a dúvida lhe assalta, inevitável: e o papel? O único que ela trazia consigo era o seu formulário de pesquisa. Foi quando ela se virou para o lado e obteve a resposta para o seu dilema: em forma de pirâmide, um montinho de sabugo no chão, justamente como o Jamil havia descrito.

Olinda agora esperava Jamil na entrada da propriedade. Ele chega com o jipe, ela sobe no carro. Jamil percebe que a amiga está com uma cara estranha. Até que Olinda desabafa: “Acabei de ser apresentada ao subproduto do milho!”

De volta a Curitiba, Iracê, Olinda e mais um pessoal preparam a tabulação das pesquisas, enquanto o Jamil cuida da redação final e da conclusão do trabalho. Nas horas vagas e finais de semana, Jamil aproveita a “Jipa Maluca”, como ele dizia, para passear com os amigos. Ele, Murilo Schimim (outro colega do CISPE), Iracê, Elci, Ita e Olinda então compravam pão, salame, vinho, e iam fazer um piquenique lá para as bandas de São Luís do Purunã. Jamil conhecia recantos bonitos, cachoeiras. Chegando no lugar, lanchavam, conversavam, até o Turco inventar moda:

“Agora todo mundo vai gritar! Vamos pôr tudo para fora”.

Era uma espécie de terapia do grito que ele estava tentando promover. Perplexos, todos urravam até ficarem roucos e, de fato, depois se sentiam mais leves. Mas nem tudo eram flores entre os amigos que, por terem personalidades fortes e muito diferentes, volta e meia discutiam também. Uma vez, eles haviam passado um final de semana na praia e voltavam para casa. Iracê e Elci estavam brigadas com o Jamil. Sentadas na parte de trás do jipe, as duas cantavam abraçadas, não davam bola para ele, que estava dirigindo. Até que o Turco olhou pelo retrovisor e, com a malícia que lhe era característica, mandou essa:

“Hummm, as lésbicas! Por que vocês não se beijam na boca? É uma nova experiência...”

Iracê devolveu na mesma moeda:

“Porrr que (carioca, ela falava puxando bem os erres) você não come merrrda? É uma nova experiência!”

Pronto. Jamil ficou tão desconcertado com a resposta que meteu o jipe num barranco. Todos pálidos de susto, Jamil desceu do carro louco da vida:

“Aqui ninguém come merrrda!”, gritava.

Nova viagem. Agora para Campo Mourão, cidadezinha do centro-oeste paranaense. Lá eles ficariam numa espécie de hotel fantasma, de madeira, muito

freqüentado por caixeiros viajantes. Enquanto faziam a reserva dos quartos numa salinha improvisada que servia de recepção, Jamil sumiu. Dali a pouco voltou, eufórico, puxando Olinda para um canto:

“Maga, Maga, venha ver um negócio que eu descobri!”

Jamil havia encontrado nos quartos várias rolhas tapando buracos nas paredes.

“Jamil, como é que você foi descobrir isso?”, diz a amiga perplexa.

Em seguida, quando os quartos então foram definidos, Jamil logo descobriria igualmente que, no cômodo ao lado do das mulheres, dormia um casal de namorados. Não deu outra: Jamil já queria convencer a Olinda e as outras moças a deixarem ele fazer um buraco na parede delas para espiar os dois.

“Jamil, mas você está louco?”, diz Olinda. “E se pegam a gente? Nos botam porta a fora, perdemos salário, emprego...”

A Milú, filha do cônsul da Holanda, que trabalhava com eles, ficava louca com o Jamil por causa dessas. Acabaram não deixando ele fazer buraco nenhum. Só que, de tanto dar idéia sobre espionar os outros, é claro que todo mundo ficou com vontade de fazer o mesmo. Inclusive Olinda. Ela e mais algumas amigas então decidiram espreitar o Turco, pois na parede do quarto dele também havia umas rachaduras.

Pois bem, o que as moças viram acabou sendo nada de mais: um homem de cuecas, deitado na cama, lendo até altas horas da madrugada. O curioso foi que, um dia depois, no refeitório, Olinda flagrou o Jamil fazendo uma gozação com um colega. Primeiro alguém tinha contado de um sujeito que levantou de cueca e o seu parceiro de quarto fez um comentário elogioso sobre tal vestimenta. Ouvindo isso, Jamil então criaria uma história:

“Imagine se isso tem cabimento? Homem tem que vestir alguma coisa! Vê se pode, um ficar desfilando para o outro de cuecas. E de repente um passa e roça no outro! Em quarto de homens, dormir de cueca é coisa suspeita”.

Enquanto Jamil falava isso, Olinda chegou e ficou olhando para ele com cara de quem sabia que ele mentia:

“Olha Jamil, não sei não, hein...”

Outro dia de manhã, Olinda vê que o colega de quarto do Jamil já saiu para o café. Ela e mais uma amiga então dão uma batidinha na porta do Jamil e vão entrando. Jamil ainda está deitado, meio sonolento. Elas se aproximam da cama e puxam a coberta dele. Jamil, óbvio, está só de sunga.

“Porra, Maga!!!”, ele esbraveja.

Elas saem correndo, enquanto Jamil fica possesso, muito bravo. Por conta disso, permaneceria um tempão sem falar com a Olinda. Ainda mais que ela saiu contando para todo mundo que o tinha visto pelado. Aí os colegas foram à desforra, aproveitaram para descontar tudo o que o Turco havia aprontado: “Olha os gambitos do Jamil”; “O Turco é peludo que nem macaco”, provocavam.

Tempo depois, Olinda foi se desculpar. Viu que ele tomara aquilo muito a sério. “Essa coisa do nu, não era uma coisa que ele levava numa boa. Jamil sempre foi muito magrelo, estava sempre de jeans e de camisa de manga comprida. Nunca era visto de bermuda ou de braço de fora”, lembra Olinda.

Os dois fazem as pazes. Jamil aproveita então para tirar uma dúvida:

“Naquele dia no refeitório, que eu tirei sarro de quem dormia de cueca no mesmo quarto com um homem, como é que você sabia que eu estava mentido, que eu também dormia de cueca?”

“Ah, sei lá, Jamil. Imagina se você tem cara de dormir de pijama, de shorts. É lógico que você ia dormir de cueca.”

“Não Maga, você está mentindo.”

Olinda abre o jogo:

“Tá, Jamil... eu vi você pelo buraco da porta.”

O Turco começa a gargalhar que nem um maluco. Acha aquilo o máximo.

“Escuta, e quem mais me viu?”

Olinda começa a contar...

“E fulana também?”, perguntava ele. “Quem mais? Essa também? Nossa, e o que ela achou? Ela chegou a ver os meus pêlos pubianos?”

A partir daí, toda vez que o Jamil encontrava com uma colega que o tinha espiado, ele dava um jeito de provocá-la e lembrar do acontecido.

Depois de Campo Mourão, Jamil realizaria uma viagem ao último município modelo, Ibirubá³⁰, no Rio Grande do Sul, e trabalharia então mais algum tempo no CISPE, até a empresa passar por uma crise e começar a atrasar os salários. Quando cessaram os pagamentos de vez, Jamil e seus amigos decidiram entrar com um processo trabalhista na justiça. Várias audiências depois – que serviam sempre como um pretexto para eles tomarem um café juntos e colocarem o papo em dia – acabariam ganhando a causa.

³⁰ Jamil conta esse episódio rapidamente em “Como eu se fiz por si mesmo”, págs. 122 e 123.

OS AMIGOS DA BOCA

“Boca Maldita”³¹, assim é conhecido em Curitiba o trecho ao longo da diminuta Avenida Luís Xavier, na fronteira com a rua XV. Nos anos 60, ali ainda se concentravam os principais cinemas (“Avenida”, “Palácio”, “Odeon” e “Ópera”) e cafés da cidade. A Boca era um clube do bolinha, no qual moços de toda estirpe, principalmente os ditos “intelectuais”, discutiam política, cultura, futebol, e, sobretudo, adoravam falar mal da vida alheia. Sobre a Boca daquela época, Jamil traçaria este ácido panorama:

São as paixões do baixo-ventre o assunto preferido na Boca (nome comum a todos os terríveis cafés masculinos da João Pessoa³²) (...). Não há freqüentador de café em Curitiba que não tenha deflorado suas virgens ou dormido com a mulher de algum notório. São terríveis, os freqüentadores da Boca. Em cada grupinho existe um líder garanhão, secundado por um líder intelectual. Às vezes o mesmo cara acumula as funções; noutras, o líder intelectual morre de amores pelo rapaz forte da pastelaria e delega poderes heterossexuais a outro, que então se encarrega da enfadonha tarefa de deitar fêmeas. Aí, dividem fraternalmente o comando do grupo³³.

³¹ Em 13 de dezembro de 1966, a Boca Maldita foi transformada em instituição por Anfrísio Siqueira, seu eterno presidente.

³² Entre 1930 a 1966, a Avenida Luis Xavier era chamada de João Pessoa.

³³ *Tempo Sujo*, p. 35.

Era na Boca que o Turco se encontrava praticamente toda noite, por volta das 22 horas, com seus amigos: Arapoti Lins, Ernani Santiago, Fernando de Paola, Aramis Millarch, Aroldo Murá, Dalton Trevisan, Fábio Campana... a lista do pessoal é vasta. E como não tinham mais nada para fazer, ficavam caminhando e conversando. Iam até a Universidade Federal, na praça Santos Andrade, e voltavam. Faziam esse percurso repetidas vezes, contando histórias, discutindo literatura e se encontrando com outros conhecidos pelo caminho.

Quando não estavam nessas caminhadas peripatéticas, permaneciam pelos cafés, e isso até eles fecharem, por volta da meia-noite. Então partiam para algum bar (o “Okey” era um dos poucos estabelecimentos abertos de madrugada) ou iam para a casa de alguém. Muitas vezes a noite terminava no apartamento do casal Rodrigo Cid (que era cenógrafo de televisão) e Irínia Kleins (uma importante dançarina). Lá se reuniam sobretudo artistas, jornalistas e publicitários (Nelson Silva, Ari “Pára-raios”, Paulo Vítola, Marinho Galera, etc.), e cada noite um dos convivas tinha que cozinhar alguma coisa. Por essa época, Jamil já preparava a sua famosa sopa de cebola, que ele batizaria como: “Sopa a Jamil”.

Outro ponto de encontro importante para aquela turma era a livraria Ghignone, na rua XV. Jamil bateria cartão por lá quase toda tarde, e encontraria fazendo o mesmo, gente como os poetas Manuel de Andrade e Liberalino Estevão, o jornalista Walmor Marcelino e o livreiro Aristides Vinholes.

Jamil era daqueles que lia no mínimo um livro por semana: Salinger, Cortázar, Kierkegaard, Sartre, Joyce, a salada era imensa. Desde cedo, o Turco adquiriu o hábito de ler os livros em pé, na própria livraria. Lia trechos de cada obra um pouco por dia. No final do mês, havia lido uns três volumes, brincando. Quando sobrava dinheiro, Jamil também comprava livros – possuía até uma conta –, mas muitas vezes os ganhava de cortesia do seu José Ghignone, por publicar resenhas de lançamentos na Gazeta do Povo.

Em 1967, um dos grandes amigos do Jamil, e também freqüentador assíduo da Boca, viria a falecer. Este seria o publicitário Moacyr Pereira, o qual era visto por todos como uma grande promessa da literatura. Seu grande sonho era viver apenas como escritor, mas enquanto aquilo não era possível, ele continuava na

publicidade, trabalhando na S. J. de Mello. Como redator de propaganda, Moacyr também se destacava, e foi praticamente ele quem introduziu o Jamil nesse métier.

Moacyr era um sujeito bastante afetuoso, contam os amigos, mas um pouco tímido, introspectivo. Jamil sadicamente se aproveitava disso e, por vezes, comportava-se como um verdadeiro carrasco. Vivia tirando sarro do Moacyr, principalmente da sua calvície (apesar do próprio Jamil nesta época já envergar belas “entradas” pela testa). Só o chamava de “Careca”.

Até que o Moacyr simplesmente sumiu da cidade. Ele, que também era formado em direito, havia passado num concurso para juiz-substituto no interior do Paraná, e se mudou sem nem se despedir do pessoal. No final do ano, seria para todos um tremendo choque saber da notícia que ele havia se suicidado na cidadezinha de Jaguapitã, PR. Os familiares de Moacyr, entretanto, chegaram a especular que ele tivesse sido assassinado³⁴. Afinal, ele não deixara nenhuma carta testamento e vivia um período de ascensão profissional. Ao que parecia, não havia motivos para aquele ato. A menos que ele estivesse num estado de depressão profunda, mas disso ninguém possuía conhecimento.

Jamil ficaria muito abalado com a perda repentina do amigo e abordaria esse assunto mais tarde, tanto em “Tempo Sujo” como em “Como eu se fiz por si mesmo”. Numa entrevista³⁵, ele também revelaria um fato curioso ligado àquele falecimento:

“Uma bela noite eu cheguei em casa sentindo uma opressão muito grande. De repente, sentei-me à máquina e me pus a escrever algo que dei o nome de: ‘À espera do morto’. Uma história que descrevia uma figura chegando a um determinado local... Essa figura seria o Moacyr, que no dia seguinte, soubemos tinha morrido. Eu tive um contato parapsicológico com a morte dele, foi estranhíssimo.”

³⁴ Tal qual o personagem de um dos contos que o próprio Moacyr havia publicado em “Contos de Repente”. No conto “As cartas demoram”, um médico chamado Paulo (espécie de alter ego do Moacyr), sai de Curitiba para trabalhar numa cidade do interior e acaba falecendo por lá. O conto dá a entender que ele tenha sido assassinado por questões políticas, mas também termina de forma nebulosa.

³⁵ *Revista Quem*, 1980.

UM TEMPO SUJO

Há tempos Jamil vinha ruminando a idéia de escrever o “romance de sua geração”...

Romance, sim. Sobre esse tempo de merda que a gente vive. Romance sem genialidade, sem frescura, sem porra nenhuma. Livro de superfície, sem “análise profunda da sociedade”, sem “densidade psicológica”, sem virtuosismos. Livro pro cara ler na privada, quando não tem outra coisa a fazer além daquilo que está se juntando debaixo dele...³⁶

Em 1968, Jamil era um homem maduro, entrando na “idade da razão”, e com pleno domínio do seu texto. Sentia que já estava na hora de plasmar as suas angústias em literatura, denunciando aquele “tempo absurdo, americocêntrico”. Depois de algumas madrugadas de intensa atividade, Jamil conceberia naquele ano seu “Tempo Sujo”, que se não alcançou o volume do romance que talvez ambicionasse (contava apenas 56 páginas, o suficiente para ser considerado uma novela), mesmo assim traçava um panorama deveras crítico da juventude da qual fazia parte.

Jamil, inclusive, se colocava dentro do livro, porém na figura do jornalista Otavinho, inegavelmente seu alter ego. O enredo de “Tempo Sujo” se resumia então a episódios fortuitos da vida daquele rapaz (festas, embates amorosos, conversas com amigos, etc.) e suas tentativas de levar Noema, sua colega de faculdade, para a

³⁶ *Tempo Sujo*, p. 22.

cama³⁷. Os outros personagens eram os próprios amigos do Jamil, descritos minuciosamente como tais e inclusive com seus respectivos nomes. Desde a dedicatória do livro, o Turco já brincava com isso, escrevendo: “Às personagens, que me pouparam o trabalho de inventá-las”.

Todavia, é claro que muita gente não gostou de ter sua imagem refletida pelo espelho grotesco (ou fiel) da novela. O amigo Fernando Horilka, por exemplo, a quem Jamil dizia que espiava a própria irmã tomando banho, chegou a dar queixa na polícia por calúnia e difamação.

Naquele período, Jamil mantinha contato com o diretor de teatro Oraci Gemba, que pretendia editar escritores, poetas e dramaturgos novos, sob o selo de seu grupo, o “Escala”. Ficou combinado que “Tempo Sujo” seria o primeiro livro daquela empreitada. O seu lançamento foi realizado então no início do ano na galeria³⁸ “Toca”, recém-criada por Cleto de Assis e Philomena Gebran. Localizada próxima às ruínas no bairro Alto São Francisco, onde antes era a garagem de um prédio, a “Toca” havia se transformado em parada obrigatória dos artistas e intelectuais locais, e também de quem vinha de fora e estava de passagem pela cidade. Naquele espaço exíguo, as pessoas se encontravam para bater papo, ver exposições e até performances teatrais.

Segundo o próprio Jamil (“Como eu se fiz por si mesmo”, págs. 153 e 154), em sua noite de autógrafos, muita gente interessante compareceu à galeria: jornalistas, críticos, artistas, e, principalmente, mulheres:

³⁷ Posteriormente, Jamil lembraria numa entrevista o momento de perplexidade pela qual todos se encontravam, não só em relação à política, às ideologias, mas com relação à sexualidade, a liberação sexual feminina. Era natural então que o sexo ocupasse uma papel importante naquele livro. O mesmo se verificava numa outra obra que se desenvolvia paralelamente na cidade, só que na área do cinema. O diretor catarinense, radicado em Curitiba, Sylvio Back, rodava seu primeiro longa metragem, “Lance Maior”, retratando justamente a vida de três jovens num triângulo amoroso. Também ali os tabus do casamento e da virgindade eram postos em xeque.

³⁸ Outras duas galerias de arte importantes para o cenário cultural daquela época eram a “Cocaco” e a “Acaiaca”, das quais Jamil também era freqüentador assíduo.

Momento glorioso: Arakém Távora me entrevistou e eu, na febre da excitação, jurei arrastar para a cama pelo menos três das mulheres que me fitavam à distância.

As três jovens chamavam-se “Malala”, apelido de Maria Helena Maciel, Vitória Líbia e Luiza Helena. Malala era uma moça ligada às artes plásticas e, segundo os amigos, uma paquera do Jamil na época. Já Vitória Líbia e Luiza Helena eram duas amigas, universitárias, que estavam sempre juntas e eram até muito parecidas fisicamente. Vitória e Luiza haviam comprado o livro e depois foram pedir um autógrafo para o autor. Os três começaram a papear e logo Jamil se ofereceu para deixar as duas em casa. Vitória morava no Alto da XV e Luiza no Batel. Eles foram a pé, obviamente, e aproveitaram assim para dar uma esticada na conversa. No caminho, combinaram que, no dia seguinte, todos se encontrariam no “Palhoça”, um barzinho perto da Reitoria que tocava MPB.

Dois dias depois, Jamil aparece na saída da faculdade de Luiza, para a surpresa dela.

“Esperei você no ‘Palhoça’... Por que você não foi?”, pergunta ele.

Luiza explica então que não pudera ir, pois sua mãe tinha voltado de viagem. De fato, ela só fora ao lançamento do “Tempo Sujo” porque a dona Ivete Nascimento não estava em casa. Luiza vinha de uma família bastante tradicionalista de Paranaguá e, mesmo aos vinte e três anos, era proibida de sair à noite. Para se ter uma idéia, quando a mãe de Luiza depois encontrou o “Tempo Sujo” no quarto da filha – um livro que já começava com uma frase como: “Por nada é que não vai abrir as pernas e deixar-se tomar” (a respeito de Noema) – quis rasgá-lo em pedaços imediatamente: “Não admito esse tipo de coisa dentro da minha casa!”, gritava ela.

Tal episódio é bom para ilustrar também como foi a recepção daquela novela pelos segmentos mais conservadores da literatura, a “Academia Paranaense de Letras”, por exemplo. Para muitos, “Tempo Sujo” foi considerado uma imoralidade total. Mas talvez por isso é que tenha vendido como picolé na praia. Os mil exemplares se esgotaram em pouquíssimo tempo. Nunca, em toda a futura carreira

literária do Jamil, uma edição se venderia em tão pouco tempo. Não sobrou livro nem para ele guardar em casa.

Numa entrevista concedida à Gazeta do Povo em 19 de março de 2000, Jamil afirmaria ter até recebido naquela época o convite de republicar a obra por uma editora carioca:

Fui ao Rio de Janeiro, cheguei diante do edifício da editora, parei na porta e alguma coisa não permitiu que eu entrasse. Acabei voltando a Curitiba sem fazer o contrato. Não entendi essa certa relutância, mas, depois, ao longo do tempo, acabei compreendendo que era simplesmente uma forma de não me programar de acordo com os interesses do mercado livreiro. Ficando livre, me liberei do compromisso de ter que produzir livros. Todos que fiz até hoje foram espontâneos. Sou um escritor tardio porque nunca apostei na literatura como solução de mercado, mas como uma necessidade íntima de produzir alguma coisa.

Começava em “Tempo Sujo” um posicionamento de independência editorial que perduraria até o final da vida do Jamil. O Turco editaria seus livros sempre por conta própria ou então por pequenas editoras de amigos. Dizia-se nem um “autor auto-editado”, mas um “autor auto-impresso”:

Explico a diferença: editar é uma operação de mercado, que supõe colocar um determinado produto industrial nos canais de acesso ao consumidor. Não faço isso, absolutamente. Simplesmente imprimo meus livros – o que significa algo bem diverso. Imprimir é apenas reproduzir tecnicamente um original, obter dele um certo número de cópias e ficar de posse de um simulacro de livro. Um livro objetual, fenomênico, mas apenas um simulacro – pois carece de um valor mercadologicamente aceito³⁹.

³⁹ “Impressões de um autor auto-impresso”, *Jornal Nicolau*, novembro de 1988.

Após essa digressão, que se estendeu mais do que eu previa, voltemos para Luiza. Jamil começaria a aparecer todos os dias na saída da faculdade dela e inevitavelmente acabava a deixando em casa. Pelo caminho, o Turco jogava charme, recitava poemas, fazia a sua corte. Dona Ivete já começava a perguntar para a filha quem era aquele moço que aparecia sempre com ela. Luiza dizia que era um professor.

Até que um dia, os dois enamorados estavam na frente do portão da casa de Luiza, quando Ivete surgiu de repente e os interpelou, à queima roupa:

“Escute, o que o senhor está fazendo aí com a minha filha? Qual a sua intenção com ela?”

“Calma, eu não estou abusando da sua filha”, tentou apaziguar Jamil. “Eu quero namorar com ela. Namorar sério”, fez questão de frisar.

“Ah é? Então façam o favor de namorar dentro de casa. Eu não quero ninguém aí na frente para depois os vizinhos ficarem comentando”.

Os dois entraram envergonhados.

“Vocês ficam namorando aí no escuro, eu até pensei que o senhor era negro”, arrematou Ivete.

“Não, não”, Jamil deu risada. “Eu sou é descendente de árabes”.

E assim o namoro teve início, agora com o assentimento de Ivete e do seu Manoel Eugênio Nascimento, pai de Luiza.

Jamil e Luiza namoravam na casa dela, das seis da tarde até umas oito da noite, quando Ivete começava a pigarrear e a dar indiretas de que era hora do Jamil partir. Esse período de namoro seguia então meio morno, mais teórico do que prático, para os padrões de hoje. Os dois se viam diariamente, conversavam bastante, mas nada de beijos ou amassos. Luiza era uma moça tímida e, a começar por suas roupas, sempre bem comportadas, já se imaginava uma figura cândida, imaculada. Essa imagem lhe valeria até o apelido de “sinhá moça”, dado pelo poeta Paulo Leminski.

Um dia, Jamil e Luiza estavam próximos às ruínas no Largo da Ordem e Luiza se recorda que o Jamil disse um poema muito bonito para ela – sobre os

cisnes que viviam juntos até morrerem. Luiza ficou tão tocada e confusa com aquilo, que começou a chorar. Jamil lhe deu um beijo na testa e eles voltaram para casa. O primeiro beijo pra valer só aconteceria dias depois. Eles estavam perto da casa de Luiza, na rua Coronel Dulcídio, e conversavam animadamente sobre algum assunto, quando Jamil, de chofre, virou-se para ela e lhe arrebatou um beijo na boca, daqueles cinematográficos.

E como Luiza, que até então confessara nunca ter beijado ninguém de verdade, mesmo assim respondera ao ato com tanta desenvoltura, Jamil a provocaria, chamando-a de “Lulu bico doce do Batel”.

QUEM PODERIA IMAGINAR?

Apesar de estarem oficialmente namorando, Luiza lembra que nunca tinha certeza se Jamil voltaria a vê-la no dia seguinte. Ela se sentia insegura por ser mais nova do que ele (tinha sete anos a menos) e porque sabia o quanto Jamil era irrequieto, imprevisível.

Esse sentimento ficou ainda mais forte quando na metade de 1968 Jamil fez uma rápida viagem para o Rio de Janeiro. Possivelmente foi nessa ocasião que ele visitou, ou melhor, deixou de visitar, a tal editora que queria republicar “Tempo Sujo”. Jamil também reencontraria o amigo Wilson Bueno e a ex-namorada Alice Ruiz, que estavam morando no Rio.

Sendo assim, quando Jamil retornou a Curitiba, para Luiza foi uma surpresa que ele viesse procurá-la novamente, isso porque ela achava que o Jamil tinha era reatado com a Alice. No entanto, logo no primeiro dia que eles se reencontraram, Jamil ainda perguntaria de repente, num tom que Luiza achou só podia ser de brincadeira:

“Você não quer se casar comigo?”

“Sim, e por que não?”, respondeu ela também brincando. “Não estou fazendo nada de mais no momento”.

No dia 7 de junho, Jamil apresentaria a namorada pela primeira vez à família Snege. A ocasião, infelizmente, não era das mais animadas. Foi no velório do patriarca Reskalla (morto aos 77 anos, em decorrência de um estágio avançado de diabetes) e que aconteceu na casa de Antônio.

Logo a beleza de Luiza suscitaria comentários espirituosos dos tios e primos do Jamil, que pelos menos descontraiam o ambiente:

“Poxa, Jamil, escolheu uma princesa!”; “Escuta, Antônio, foram buscar a tua nora na Síria, é?”, brincavam.

Realmente, apesar de Luiza não possuir nenhum sangue árabe, ela tinha feições que bem podiam passar como tal. O tom da pele, o cabelo bem negro. Um jeito tímido, porém altivo. Depois de um tempo, quando foram tomar café na cozinha, Antônio pediria um momento em particular com a nora para submetê-la a uma verdadeira sabatina:

“Quem são os seus pais?” “O que eles fazem?” “Onde você mora?” “Qual a sua religião?” Antônio queria saber tudo sobre ela, o que deixou Jamil irritado. Luiza mesma não ligou. Tirou de letra esse primeiro contato com o sogro, que no final, acabou satisfeito com a escolha do filho.

“Acho que ele pensou que eu fosse a mulher que iria endireitar o Jamil”, lembra Luiza.

Enquanto isso, por parte da família Nascimento, continuava uma pressão muito grande para que Luiza não se envolvesse com o Jamil. Dona Ivete sempre ralhava: “Meu deus do céu, minha filha, esse homem é um boêmio!”. Até que em julho, eles foram passar as férias na praia de Matinhos. Na cabeça dos pais de Luiza, seria bom que a filha ficasse um tempo longe daquele moço.

Contudo, essa espécie de “fuga” acabou não adiantando, pois num final de semana Jamil iria atrás da namorada. Chegaria no apartamento dela num sábado à tarde e a convidaria para uma passeio. Ao cair da noite, sob um céu estrelado e uma lua que brilhava, os dois sentados num rochedo junto ao mar, não poderia haver atmosfera mais romântica: Jamil sacou duas alianças do bolso e pediu Luiza em casamento. Ela, que já tinha dito sim uma vez de brincadeira, o repetiu novamente, agora a sério.

Os dois voltaram para o apartamento de Luiza, e Jamil se encarregou de comunicar à família sobre o noivado.

“Mas e quando vocês pensam em se casar?”, queria saber dona Ivete, perplexa.

E Jamil, laconicamente:

“Logo”.

“Mas como? Minha filha nem tem enxoval preparado!”

Essa pressa em se casar obviamente levantou dúvidas na família se Luiza já não estava grávida, o que se mostraria depois algo completamente infundado. Mas já estava tudo decidido. Jamil retornou para a sua pensão (seria inimaginável que a família Nascimento deixaria-o dormir na casa deles) e no domingo voltou para Curitiba.

Chegando na cidade, ao contar a novidade para os colegas, ninguém podia acreditar que o Turco fosse mesmo se casar. Jamil lembra da repercussão da notícia:

O primeiro reflexo negativo foi a onda de protestos e detratações em que me vi envolvido. Minhas antigas amiguinhas não podiam admitir que um cara que escrevera “Tempo Sujo”, defensor da liberdade e da rebeldia contra o sistema (assim me supunham), pudesse trair tão miseravelmente suas convicções. Um delito imperdoável casar de padre e papel assinado justamente quando, após um árduo processo libertário, as mulheres conquistavam o direito de sentar na tarraqueta sem dar satisfações a ninguém.⁴⁰

Por ocasião do noivado e também para que todos pudessem se conhecer, combinou-se que as famílias Nascimento e Snege passariam juntas a passagem do ano novo na casa do Jamil. Luiza se recorda que, quando os seus pais entraram na casa, que se depararam com um ambiente agradável, aquele jardim florido, tudo muito bem organizado, dona Ivete olhou para o seu Antônio e disse:

“Nossa, eu pensei até que o Jamil não tivesse família!”

“Para você ver, dona Ivete”, explicou Jamil, “até os malditos possuem família!”

⁴⁰ *Como eu se fiz por si mesmo*, págs. 157 e 158.

O CASAMENTO

Depois que a galeria “Toca” fechou em 1969, o principal ponto de encontro da *intelligentzia* curitibana passou a ser uma choperia diferente que abriu na Rua Cruz Machado. Era a “Velha Adega”, criada por um artesão chamado Victor Sieczko, mais conhecido como “Polaco Victor”, o qual tinha o talento de transformar casarões abandonados em verdadeiras tavernas medievais. Victor confeccionava móveis rústicos, pendurava adereços como espadas, escudos e brasões no teto; colocava até teias de aranha falsas nos cantos das paredes. Assim era o estilo da “Velha Adega”, um lugar onde só se ouvia música clássica.

Por essa descrição dá para se imaginar como o ambiente era bastante teatral, o que acabava estimulando os seus frequentadores a realizarem verdadeiras performances. De repente, levantava um sujeito e declamava um poema do Castro Alves, por exemplo. Até algumas peças seriam montadas lá, dirigidas pelo teatrólogo e escritor Wilson Rio Appa e interpretadas pela jovem atriz Denise Stocklos. Outro pupilo de Rio Appa e também habituê do lugar era o escritor Cristovão Tezza⁴¹ (que depois viraria pupilo do Jamil), na época um guri de 17 anos.

Quem trabalhava e morava na Velha Adega era um grande amigo do Jamil, o escultor e pintor Nelson Matulevicius, conhecido por todos como “Nelson Barbudo”. Tal figura, inclusive retratada em “Tempo Sujo”, era um daqueles sujeitos que enriqueciam ainda mais o folclore do bar. A começar que, a cada dois chopes servidos, Nelson bebia um, contam os amigos. Também reza a lenda que, certa vez, depois de uma noite de trabalho, houve uma chuva muito forte que começou de madrugada. Preocupado com goteiras que pudessem estar

⁴¹ Segundo Tezza, a Velha Adega lhe serviria de inspiração para o bar “Bodega”, que aparece em seu romance *Trapo*.

encharcando a Velha Adega, Victor saiu de casa e foi até lá conferir a situação. Para a sua surpresa, encontraria tudo alagado e o Nelson dormindo tranquilamente, boiando em cima de uma marquesa (móvel que lhe servia de cama).

Nelson era também uma espécie de segurança da casa. Um dia, um jogador do Coritiba estava no bar e começou a arranjar confusão. Mexeu com as mulheres, provocou o pessoal e, resumindo, queria briga. Até que o Nelson pegou uma espada da decoração, bateu com ela na mesa e partiu para cima dele. Foi quando Victor lhe segurou e disse:

“Calma, deixa ele ir embora. Este não vai durar muito tempo...”

Dali a alguns meses, esse jogador seria morto numa briga. Victor acreditava que tinha o poder de prever a morte das pessoas. Além do falecimento desse jogador, previu o de mais sete, inclusive o de sua mulher e o do seu próprio irmão. Dom ou maldição, Victor diz que o seu pai já possuía essa mesma faculdade, assim como a sua avó.

Bem, foi nesse bar de malucos que o Jamil fez questão de sortear, para que nenhum amigo ficasse magoado, os padrinhos do seu casamento. Os contemplados foram o pintor João Ozório Brzezinski, Nelson Barbudo, o designer Jorge Menezes e os jornalistas Aramis Millarch e Aroldo Murá.

Definidos esses nomes, começaram então as discussões sobre algo mais complicado: o tipo de ritual que o casal faria. A família de Luiza queria que ela se casasse na igreja. Católica, obviamente. Já seu Antônio queria que eles se casassem pela igreja Ortodoxa, enquanto o Jamil e até mesmo Luiza, por eles, não casariam em igreja nenhuma. Viveriam juntos e pronto.

Acabaram por chegar a um meio termo. Primeiro, casaram-se no civil. Isso foi na tarde do dia 4 de fevereiro de 1969. Jamil interrompeu o expediente na Victo Johnson Publicidade, agência na qual fazia alguns freelances, e se mandou para o fórum.

No dia seguinte, pela manhã, casaram-se no religioso. Mas nada de igreja. Fizeram uma cerimônia reservada na própria casa de Luiza e chamaram o padre Mazzaroto, da paróquia Santa Teresinha, para ministrar o enlace. Estavam presentes: Antônio e Anita, Sheila e Iberê, Ivete e Manoel, os irmãos de Luiza, e

mais os padrinhos do casamento, com exceção do Nelson Barbudo, que precisou viajar a Santa Catarina para fazer um trabalho de última hora.

Diferente da tradicional “roupa de guerrilheiro” – calça e camisa jeans surrados – Jamil figurava no altar com um galante paletó, calça social, e sem gravata, importante dizer. Luiza, por sua vez, estava com um vestido branco de noiva, mas certamente não tão pomposo como sua mãe queria.

Depois de ditos os “sins” e do almoço oferecido aos convivas pelos anfitriões, era hora dos recém-casados partirem para a lua-de-mel que aconteceria num hotel em Balneário Camburiú, SC. Na hora da despedida, alguns estranharam o fato de que, junto com os noivos, entrassem no DKW Vemag que Jamil havia emprestado do pai, mais três jovens: Iberê, Sheila e uma amiga dela. Jamil aproveitaria para deixar Iberê na casa que o tio Irani havia alugado em Balneário, enquanto Sheila e amiga dela ficariam em Guaratuba, que era caminho.

Após aquela viagem cansativa, de terem entregado as crianças, Jamil e Luiza finalmente chegaram ao hotel, ansiosos para ficarem a sós. Mas não seria dessa vez. Na correria do casamento, Jamil esquecera de fazer a reserva do quarto e, agora, em plena temporada de verão, não havia mais vagas disponíveis nem naquele nem em nenhum outro hotel que fosse decente em Camburiú.

Desapontados e com um pouco de fome, os dois foram a um botequim pensar no que iriam fazer dali em diante. Pois qual não é a surpresa deles ao encontrarem o Nelson Barbudo, belo e formoso, degustando um pastel no lugar. Nelson explicou que estava a fazer um busto do presidente Kennedy para um prédio ali perto. Se eles quisessem, inclusive, poderiam ficar no quarto dele, apesar deste só ter um colchão; porém dava para se arranjar... Jamil e Luiza agradeceram a generosidade do amigo, mas acharam melhor irem mesmo para a casa da tia Linda e do tio Irani.

Sendo assim, Jamil e Luiza passariam a primeira noite de núpcias separados, uma vez que naquela casa cheia de parentes, havia apenas dois quartos: o das mulheres e o dos homens. Só a partir do dia seguinte é que eles teriam um pouco de sossego e intimidade, quando Jamil conseguiu reservar um hotel na praia de Itapema, a meia hora de Camburiú.

NOMES SONOROS TERMINAM COM “EL”

Os recém-casados foram morar na Engenheiros Rebouças, ao lado dos pais do Jamil, num sobrado nos fundos da casa da tia Linda. O lugar era pequeno, possuía apenas quatro peças – quarto, sala, banheiro e cozinha –, mas era o suficiente para os dois, e também para acomodar a porção de amigos que passaram a lhes visitar.

Segunda Luiza, a princípio muita gente pensou (seu Antônio era um deles) que, com o casamento, Jamil deixaria a boemia. Pelo contrário. Jamil acabou trazendo a boemia para dentro de casa. “Jamil saía, ficava até uma hora da manhã na rua e depois chegava com todos os amigos”, conta ela.

Ao contrário da casa do Paulo Leminski, que também era ponto de encontro de uma outra turma de artistas e intelectuais, na casa do Jamil não rolavam drogas nem bebedeira. O álcool, Jamil já havia constatado que lhe fazia mal,⁴² e outras substâncias também não o interessavam. Jamil se considerava em estado de “euforia”, de “loucura”, naturalmente, sem precisar de nenhum aditivo. Portanto a única coisa se consumia bastante em sua casa era chá e, principalmente, café, o que estimulava nele ainda mais o prazer de fumar um cigarro, este sim, o seu único vício.

Em 1970, Luiza engravida. O parto está previsto para o mês de junho, em plena Copa do México. O país está em polvorosa e Curitiba não foge à regra. No dia 7 daquele mês, depois da vitória da seleção contra a Inglaterra por 1 a 0, Luiza começa a sentir que o momento derradeiro se aproxima.

⁴² Certa vez, Luiza teve que levar o Jamil para o hospital depois de alguns copos de Martini. Segundo o médico, o organismo dele não metabolizava bem o álcool.

No dia seguinte, perto da meia-noite, Cleto de Assis, sua esposa Nádia e Nelson Matulevicius estão na casa de Jamil e Luiza, quando ela começa a sentir as primeiras contrações. No final, todos acabam indo juntos até o Hospital São Lucas, no bairro Juvevê, e por lá ficam aguardando durante a madrugada pelo nascimento. Todavia, ainda não era hora. O parto só aconteceria por volta das oito da manhã, justamente quando Jamil e os amigos haviam saído para tomar um café. Desse modo, a primeira pessoa que visitou Luiza e o bebê foi o avô Antônio Snege, que ficou radiante com a surpresa de que a nora tinha dado a luz a um menino. Surpresa igual para Luiza, que estava certa de que seria uma garota, a qual chamaria de “Salima”. Como era um piá, nesse caso quem escolheu o nome foi o Jamil, que gostava particularmente dos nomes terminados em “el”, os quais achava extremamente sonoros. Como “Daniel”. E assim ficou.

Nesse período de resguardo, Jamil e Luiza ficariam na casa de Antônio e Anita, e dormiriam no quarto da Sheila, que se mudou temporariamente para a sala. Todos os amigos então vieram visitá-los, mas que ninguém fizesse alvoroço perto do “Danico”, como Daniel seria apelidado, senão seu Snege já tocava o pessoal de casa. No dia seguinte ao nascimento de Daniel, o Brasil ganharia da Romênia por 3 a 2 e seguiria vencendo até amealhar o tricampeonato, batendo a Itália por 4 a 1. As comemorações e a barulheira inevitáveis deixavam Antônio louco, que chegava a ir nos vizinhos pedir para que eles parassem de soltar foguete pra não acordar o neto.

Semanas depois, Jamil avisou o amigo Wilson Bueno de que ele seria o padrinho da criança. Acontece que, tanto Jamil como Wilson achavam extremamente aborrecido ter de ir à igreja fazer o “curso de batismo”. Então foram adiando o batizado, adiando, até que o Jamil chegou à seguinte solução: preparou para eles um jantar em casa, uma bela macarronada à bolognesa, e declarou:

“Agora está definido: Wilson, você é oficialmente o padrinho do Daniel”.

E pronto, o ritual foi esse. Não houve padre, nem igreja, nem nada. A água benta foi o vinho que eles bebericaram naquela noite. “Tanto que o Daniel está pagão até hoje”, brinca Wilson. Mais tarde, conta Luiza, Daniel seria batizado pelo avô na umbanda.

Passada a euforia do casamento, começava a vida cotidiana. Fase de se deparar com as idiossincrasias, os defeitos e as qualidades do outro. Quando Luiza voltou a trabalhar como professora, teve que aceitar o fato de ver o marido cada vez menos. Afinal, ela trabalhava o dia inteiro e só encontrava o Jamil em casa à noite, quando ele chegava com os amigos. Luiza então logo tinha que se deitar, afinal levantava cedo no dia seguinte, e quando estava para acordar de manhãzinha, Jamil estava indo dormir.

Jamil continuava um notívago. Para ele, a noite era um momento de plena atividade, era a hora em que ele lia, escrevia e até cozinhava. Por vezes Jamil acordava Luiza às 5 da manhã para lhe dizer:

“Lú, Lú! Eu fiz um pão de queijo!”.

Outra coisa que Luiza ia percebendo no esposo era como ele era um sujeito completamente alheio à moda; definitivamente não era um homem que gostasse de variar o figurino. Luiza dizia: “Mas Jamil, você parece que você está sempre com a mesma roupa!”, e ele, envergando sua tradicional calça e camisa jeans, pouco se importava. De vez em quando colocava um blusão vermelho, ou fazia outra pequena variação, mas seu estilo era aquele.

Por isso, as festas da família de Luiza para o Jamil eram uma tortura, pois esperava-se que ele fosse de terno, de roupa social. Muitas vezes ele preferia até não ir. “Ou me aceitam do jeito que sou, ou eu não vou”, dizia.

Mesmo assim, dizer que o Jamil não era um homem vaidoso seria mentira. Não era como a maioria das pessoas, mas possuía lá suas pequenas vaidades. As poucas roupas que ele tinha, por exemplo, fazia questão que estivessem limpas, organizadas, o que já era alguma coisa. A barba também, fazia questão que estivesse sempre bem aparada – domingo era o dia.

Sobre a barba, conta o amigo João Ozório, a adoção desse estilo teria surgido da seguinte maneira: é verdade que, desde muito cedo, o cabelo do Jamil começou a cair, mas enquanto a situação ainda não estava crítica, ele deixava mesmo era um estranho bigodão. Só quando a calvície o atingiu de vez é que ele decidiu mudar de visual. O próprio Jamil teria explicado:

“Careca é ponto de referência, né. Então para ninguém dizer assim: ‘está vendo aquele careca ali? a padaria é à direita’. Iriam dizer: ‘Está vendo aquele barbudo ali?’ Fica mais digno”.

Uma noite, Jamil e Luiza estavam deitados na cama quando dali a pouco começaram a ouvir uns berros que vinham da rua. Jamil queria saber o que era e saiu de casa para ver. Chegando lá, deparou-se com um mendigo que gritava. Bêbado. O coitado não tinha uma perna, era um homem que se arrastava pela rua, e estava com fome. Pois Jamil conversou com o sujeito, voltou em casa, esquentou comida, e levou um prato para ele.

E foi aí que Luiza começou a perceber como o Jamil era um homem extremamente sensível, que se preocupava com os outros, isso por trás de toda aquela mordacidade, daquele humor cáustico que, por vezes, fazia certas pessoas morrerem de medo dos seus comentários. Coisa semelhante ela presenciaria no primeiro ano novo em que passaram juntos depois de casados. A família Snee fez uma grande festa e quando deu meia-noite e começaram a irromper os fogos, Luiza, toda apaixonada, pensou que Jamil viria direto para abraçá-la. Mas não. Para a sua surpresa, ele saiu de casa e a primeira pessoa que abraçou foi um senhor que estava na rua. Era o seu Flavinho, um amigo do pai dele, que era um homem muito humilde e que não tinha família.

Esse tipo de comoção, e isto não é exagero da minha parte, Jamil também demonstraria pela natureza e pelos pequenos animais. Luiza se recorda, por exemplo, de um dia em que o Jamil chegou em casa. Dali a pouco ela o viu procurando alguma coisa no armário e depois saindo para a rua. Mais tarde Luiza perguntaria o que tinha acontecido.

Jamil tinha visto uma abelha que, segundo ele, estava machucada. Como havia começado a chover, ele fora salvá-la. Jamil tinha voltado em casa a fim de pegar uma caixinha para pôr o bicho dentro. Sabe-se lá como, Jamil cuidaria daquele inseto até ele se recuperar.

Não, Jamil não era louco, nem fazia tipo. Ele se condoia mesmo, e as pessoas percebiam que era verdade. Pois não havia também uma aranha que era amiga dele? Jamil e Luiza estavam à mesa almoçando e todo dia uma aranhinha descia

até eles. Jamil não deixava que ninguém matasse o seu bicho de estimação. Até que um dia foi uma confusão. Foram almoçar e nada da aranha aparecer. Sobrou para a faxineira:

“Você matou a minha aranha?!”, gritava ele, para a perplexidade da mulher.

COM A MORTE NA ALMA

A relação com o mundo dos espíritos estaria sempre muito presente ao longo de toda a vida do Jamil. Isso havia começado na infância – pelo o fato de seu pai ser espírita e umbandista e desejar que o filho tomasse parte nessas religiões – e se desenvolveu ao longo de sua adolescência e vida adulta. Entretanto, com o passar do tempo e o conhecimento que ia adquirindo, Jamil ficava cada vez mais cético, porém não a ponto de ser um cético total. Podia ser considerado na verdade um agnóstico, isto é, não acreditava numa porção de coisas, mas também não descartava que certos fatos podiam escapar à sua capacidade de compreensão.

Dessa forma, era com um misto de curiosidade científica e de divertimento que ele adorava promover entre os amigos, desde a época em que cursava Sociologia até o período de casado, a chamada “brincadeira do copo”⁴³.

Como todos sabem, a brincadeira consiste em colocar as palavras “sim” e “não” no centro de um círculo formado com as letras do alfabeto e os números de 0 a 10, juntamente com um copo virado de boca para baixo. Os participantes dessa reunião colocam o dedo no fundo do copo (imaginem esta cena com o Jamil que, havia esquecido de mencionar, por algum motivo gostava de deixar as unhas compridas) e pedem a um espírito que venha solucionar as suas indagações. Atendendo ao questionamento dos presentes, o copo começa a se movimentar em direção às letras e aos números, construindo frases.

Tais brincadeiras, lembra Wilson Bueno, que participou de muitos desses encontros, ficavam entre a seriedade e a loucura. Saía todo o tipo de coisa, às vezes até frases em francês. Mas volte e meia caía na esculhambação, com sentenças como:

⁴³ Também chamada de tabuleiro *Ouija*.

“O-D-a-l-t-o-n-é-u-m-p-l-a-g-i-á-r-io”, e eles caíam na gargalhada.

Às vezes sobrava para o Fernando Horilka, amigo deles, que escrevia uns mini-contos, inacabados ainda por cima, e tinha a coragem de mostrar para os amigos. Do tipo: “João atravessou a rua e se encontrou com Eulália”. E era só isso. Até que o copo disse certa vez:

“H-o-r-i-l-k-a-d-e-s-i-s-t-a-d-e-e-s-c-r-e-v-e-r”.

Segundo Wilson, esse “jogo” trabalhava muito com o inconsciente das pessoas: “Se você levasse o copo na direção do ‘J’, por exemplo, ia acabar saindo Jamil”. O inconsciente de quem estava reunido formava frases que de uma certa maneira já estavam na cabeça deles. Mesmo assim, numa ocasião, Jamil ficaria impressionado com um vaticínio. Alguém perguntou:

“O que seremos no futuro?”

E o espírito respondeu:

“Vocês serão os grandes nomes da literatura paranaense”.

Wilson conta que o Turco bem que tentou levar o copo para o “N”, e assim formar: “N-a-d-a”, mas a resposta acabou saindo aquela mesma.

Nessa época também, Jamil aproveitava para se aconselhar sobre questões do outro mundo com o Aroldo Murá e o primo Roberto Fonseca, que estavam bastante ligados a estudos de parapsicologia e hipnose. Um da turma que sempre acabava hipnotizado era o João Ozório. Uma vez num café, Roberto o deixou em transe e o fez fumar cigarro, Aramis Millarch chegou a espetar-lhe uma caneta com força em seu pescoço, e ele nada sentiu. (João depois confessaria que era tudo encenação mas daí ninguém quis acreditar).

Mas uma noite, algo verdadeiramente estranho aconteceria na Engenheiros Rebouças. Jamil havia chegado mais cedo do que o de costume em casa. Luiza já estava deitada e Daniel dormia no berço ao lado dela. Então Jamil acendeu a luz e disse para a esposa:

“Luiza, eu não estou bem. Estou me sentindo como se tivesse duas personalidades...”, e se olhava no espelho. “Estou me sentindo diferente, esquisito”, repetia ele, atônito.

Luiza conta então que notou algo muito diferente nele: “Ele veio com as mãos e as estendeu em cima da minha cabeça, e eu senti uma algidez. O travesseiro fazia assim, ‘paf, paf, paf’, como se houvesse alguém batendo. Então ele pôs a mão em cima do Daniel, e o quarto adquiriu uma cor de pérola. Depois a cortina do quarto balançou, como se fosse alguém saindo”.

Segundo Luiza, na hora os dois ficaram muito assustados, nem conversaram sobre o assunto. Jamil trocou de roupa e foi dormir. De manhã cedo, quando Luiza acordou, Jamil não estava mais em casa, o que ela estranhou, pois ele sempre acordava tarde. Quando os dois se encontraram na hora do almoço, Luiza perguntou o que havia acontecido. Jamil respondeu que quando teve aquela sensação de que ele não era mais ele, surgiu-lhe um nome na cabeça: “Suami”, e ele tinha ido naquela manhã até a Biblioteca Pública tentar pesquisar quem ou o quê era isso. Jamil então descobriu que Suami era o nome de iniciático oriental.

Depois daquilo, Jamil teria ainda outras visões e experiências sobrenaturais. “Só que muitas vezes ele levava na brincadeira, você não tinha certeza se ele estava falando sério”, diz Luiza, que sempre achou que o marido tivesse mediunidade, apenas não queria aceitar aquela situação.

Em 1970, Jamil trabalhava aqui e acolá como redator freelancer, colaborava com revistas e jornais, mas não possuía uma renda fixa. Preocupado com a situação do filho e da família dele, foi Antônio quem arranhou um emprego mais estável para o Jamil, através de uma senhora síria, de quem ele era amigo, chamada Alcina Tacla Sabbag. Esta era musicista e parente de Omar Sabbag, o então prefeito de Curitiba. Graças a Alcina, Jamil conseguiria uma colocação no Departamento de Serviço Social da prefeitura.

A tarefa seria interessante, pois desde quando Jamil recebeu o diploma de Sociologia em 1969, que ele não estava mais ligado a essa área social. Jamil agora teria que lidar com gente, ouvir e tentar atender as necessidades da população. Uma de suas principais atividades era ter que convencer moradores de favelas a se mudarem para regiões regularizadas, por exemplo. Pois nessa época da prefeitura, Jamil também começou a sofrer crises terríveis e inexplicáveis:

Às sete e pouco da manhã, pálido e tresnoitado, embarco no furgão da prefeitura que me levará à favela. Ainda tenho a noite entalada no cérebro. Quase não dormi. A luz dissolve aos poucos a ansiedade e minha morte foi mais uma vez adiada. Falar o quê? Do terror, do pânico, do pavor que é viver cada noite? Não posso. Estou em ruínas mas devo dissimular⁴⁴.

Certas noites, Jamil começava a passar muito mal de uma hora para outra. Era tomado por um forte desespero, uma sensação de morte iminente. Suava frio, sentia o coração bater acelerado, faltava-lhe ar. E lá tinham que correr com ele até um hospital.

Quando o médico ia examiná-lo, constatava que Jamil não tinha nada. Coração, pulmão, pressão arterial, enfim, estava tudo em ordem. O problema do Turco era mesmo psicológico. Uma ansiedade muito grande é que fazia isso com ele. Era a chamada “síndrome do pânico”⁴⁵.

Depois de ter consultado diversos médicos e iniciado vários tratamentos (“treinamento autógeno”, “reflexologia”, “gestalt-terapia”, ele próprio cita), Jamil passaria a andar sempre com caixinha de “Diempax” no bolso da camisa.

⁴⁴ *Como eu se fiz por si mesmo*, p. 164.

⁴⁵ De acordo com pesquisas, essa mal atinge entre 2 a 4% de toda a população mundial, tanto homens e mulheres, na faixa dos 20 a 40 anos. Essas pessoas geralmente têm em comum as seguintes características: são criativas, competentes em suas atividades, procuram sempre assumir o controle das situações, possuem uma auto-crítica exacerbada e têm a tendência a se preocupar excessivamente com problemas do cotidiano.

OS PRIMEIROS TERREMOTOS

Jamil estava tendo um caso. Era o que uma amiga tinha insinuado para Luiza. Se ela quisesse confirmar essa história, que fosse até prefeitura logo depois do expediente do marido. Veria que quase todos os dias ele se encontrava com uma moça que trabalhava lá. E foi o que Luiza fez.

No final da tarde, de frente à prefeitura, meio escondida entre os carros, qual não foi a sua surpresa ao ver o Jamil saindo com a Verônica Toledo, a quem ela conhecia e era amiga do tempo da faculdade. Detalhe: Verônica também era casada e tinha uma filha.

Em casa depois, o próprio Jamil abriria o jogo e diria que estava apaixonado por aquela mulher. Luiza sofreria muito com aquilo mas, mesmo assim, não queria abandonar o Jamil. Ainda o amava e queria continuar com ele, principalmente pelo Daniel. Era também a época em que, dentro do meio intelectual, se falava muito em “casamento aberto”, o modelo “Sartre – Simone de Beauvoir” estava em voga. Sendo assim, aquela situação se manteve com uma certa normalidade, chegando a um ponto em que os quatro, Jamil e Luiza, Verônica e o marido dela, entraram num consenso. Luiza permaneceria morando com o Jamil que, por sua vez, continuaria seu relacionamento com Verônica, que acabou se separando.

Quando Jaime Lerner, ex-presidente do Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba (IPPUC), assumiu a prefeitura da cidade em março de 1971, Jamil foi nomeando Diretor do Serviço Social.

De uma atividade mais prática, como convencer moradores da favela a desocuparem seus barracos, Jamil passou a exercer funções mais burocráticas. Era

dele a decisão de estudar os casos em que devia liberar verbas e materiais para o assistencialismo, por exemplo.

Jamil então tinha de lidar diretamente com vereadores, líderes comunitários, militantes de esquerda, pastores, enfim, uma porção de gente que ele logo percebeu estar muito mais preocupada em garantir vantagens políticas do que em sanar a miséria e os problemas do povo.

Ao mesmo tempo, e talvez para descontar a raiva que passava no emprego, Jamil começou a aprontar na prefeitura. Ele mesmo narra ligeiramente alguns de seus feitos em “Como eu se fiz por si mesmo” (p. 168):

Entrar dançando, oh!, em pleno salão nobre lotado. Responder com um gesto obsceno, oh!, a uma interpelação de uma religiosa. Oferecer proteção às estagiárias mais gostosinhas, humhum!, em detrimento das feias mais talentosas. Coisas assim.

Pouco tempo depois, Jamil seria destituído do cargo.

A MULHER ARANHA

Jamil é transferido para a assessoria de imprensa da prefeitura e agora trabalha com os amigos Aramis Millarch, Manoel Carlos Karam, Renato Ribas e Júlio Zaruch. Jamil também chega bagunçando o lugar. Tira sarro de todo mundo, sobretudo do Aramis, que era o seu chefe, e que vira alvo habitual de seus chistes. Fora isso, Jamil gostava de passar trotes nos outros. O Parise, um sujeito que era de outro departamento, sempre caía na do Turco. Jamil ligava para ele inventando sotaque alemão, japonês, enfim, e perguntando coisas. O Parise, coitado, acreditava, e ia procurar resolver as questões daqueles estrangeiros. Jamil ficava só olhando de longe e se divertindo. Foram alguns trotes, até ele descobrir que era o Jamil que o sacaneava. A essa altura, Parise já estava de saco cheio.

Até que um dia, liga um cidadão com sotaque árabe. Parise não tem dúvida:

“Ô Turco f.d.p.! Vá gozar a tua mãe”, e bateu o telefone.

Só que, logo em seguida, quando foi ver, o Jamil não estava nem perto do telefone, estava era batendo papo com um colega. Parise não quis acreditar:

“Jamil, seu sacana, você não ligou agora pouco para mim?”

“Não. Eu estava aqui conversando com ele”.

Meia hora depois a secretaria do prefeito teria que atender uma reclamação irada do cônsul da Arábia Saudita, que reportava as inomináveis grosserias que havia escutado de um dos funcionários da prefeitura.

Apesar das brincadeiras, Jamil também trabalhava. Era 1972 e Jaime Lerner promovia uma série de mudanças em Curitiba com a implementação do Plano Diretor. Por meio de um decreto, o município definiu os limites do chamado setor histórico, no qual áreas foram parcialmente ou totalmente bloqueadas ao tráfego de veículos, privilegiando-se a circulação de pedestres. Foi o caso da Rua XV. Na noite

de 19 de maio, uma sexta-feira, depois das 18 horas⁴⁶ começaram as obras. No final do domingo, a rua tinha se transformado num vasto calçadão com ares de boulevard francês.

Jamil deveria então produzir um jornal mural que seria afixado pela cidade, repassando e explicando aquelas novidades aos curitibanos. Faria isso em parceria com os amigos da agência Múltipla, recém fundada por Desidério Pansera, Gilberto dos Santos e Luís Carlos Zaroni.

Era um fim de tarde. Karam estava para sair do trabalho, quando o Jamil lhe disse para esperar mais um pouco, que ele estava terminando de fazer uma “experiência”. (A experiência, diga-se de passagem, era uma lauda e meia que ele estava datilografando). Logo os dois iriam juntos para a Boca Maldita.

Chegaram então no “Café da Boca”. Havia uma porção de gente conversando e, de repente, o Jamil veio com essa:

“Vocês não imaginam o que aconteceu comigo hoje. Encontrei o Dalton [Trevisan] e olha o que ele fez: pediu a minha opinião sobre um conto.”

Karam se segurava para não dar risada, já tinha entendido qual era a do Turco. E todo mundo:

“Ah, pára, que bobagem”; “Duvido!”, diziam.

E o Jamil:

“É verdade. Está aqui ó”, e mostrou um conto que foi passando de mão e mão.

“E o pessoal acreditou que aquilo fosse do Dalton”, lembra Karam. Segundo ele, o texto era parecido mesmo com o do “vampiro”: o tipo de frase, o vocabulário, a pontuação.

Mas além desses mini-contos “daltonianos”, que serviam tanto para passar trotes como para exercício de estilo, digamos assim, Jamil continuava a escrever os seus contos verdadeiramente autorais e que já possuíam um traço bastante distinto. Como tinha um bom número deles, selecionou os melhores que havia

⁴⁶ Para que a Justiça não tivesse como julgar o mandado de segurança impetrado por comerciantes que temiam perder a freguesia com o fechamento da rua ao trânsito.

produzido desde 1966 até então, e inaugurou a “Editora Hoje”, do amigo Walmor Marcelino, com a publicação de “A Mulher Aranha”.

Nos dias 11 e 12 de novembro de 1972, o jornal Gazeta do Povo dedicaria duas notas grandes elogiando o Jamil, mencionando sua “Mulher Aranha” e relembrando também da importância do lançamento de “Tempo Sujo” há quatro anos, como o primeiro esforço de se criar um romance puramente urbano a atual no Paraná. Além disso, o texto ainda anunciaria o projeto do Jamil relançar “Tempo Sujo” em 1973, com uma edição revisada e aumentada.

Luiza lembra do Jamil ter tido mesmo essa vontade, porém isso só não foi adiante pois nessa época havia surgido um outro empreendimento. O Polaco Victor, apesar de não entender nada de cinema, queria produzir um filme e sugeriu aos amigos que eles rodassem uma película sobre o “cerco da Lapa”⁴⁷.

Pena Filho, cinegrafista carioca que já havia trabalhado em filmes da antiga Atlântida, seria o responsável pela filmagem, enquanto que, para a direção, chegaram até a cogitar o nome de Sylvio Back. Nelson Barbudo era o mais entusiasmado de todos, porque já estava escalado para fazer o papel do maragato “Juca Tigre”. Jamil e Roberto Fonseca cuidariam do roteiro e, inclusive, viajaram à Lapa para se aprofundarem nas pesquisas.

Porém na hora “h”, a prefeitura da Lapa deu para trás, disse que não poderia bancar os custos do filme, ao mesmo tempo em que não eles conseguiram outros patrocinadores. Foi mais um daqueles projetos mirabolantes de que o Jamil faria parte e que não sairia nunca do papel.

Assim como o restaurante que ele, Roberto Fonseca, e dessa vez o publicitário Sérgio Mércer queriam abrir. Aramis Millarch chegou até a publicar a notícia em sua coluna no Estado do Paraná (17/04/1973):

“Em breve o mais original restaurante da cidade: Polignne”, dizia a matéria.

“Polignne” seria o nome de um restaurante especializado em comidas afrodisíacas, baseadas nas receitas de um gourmet francês chamado Guy de

⁴⁷ Confronto bélico entre as tropas republicanas e federalistas no município da Lapa, PR, em 1894. Durante 26 dias a Lapa resistiu bravamente ao cerco dos maragatos, mas terminaria dizimada pelas tropas chefiadas por Gumercindo e Aparício Saraiva, Laurentino Pinto Filho, Torquato Severo e Juca Tigre.

Polignne, o qual Jamil havia recém-descoberto. Pois bem, Jamil e os sócios já tinham escolhido até um ponto, encomendado uns quadros eróticos ao pintor Nelson Padrella para servir de decoração, mas aos poucos o bom senso foi dirimindo a empolgação dos três. Por exemplo: Jamil a princípio queria ele mesmo ser o cozinheiro.

“Mas como Jamil?”, ponderaram, “você vai conseguir ficar o tempo todo na cozinha, sem conversar com as pessoas? Cumprir horários... pense bem”.

“Contratamos então um cozinheiro!”, respondeu Jamil. Porém ele mesmo reconheceu: “Mas daí já não vai ser a mesma coisa!”

“E também temos que contratar garçons...”, lembrou outro.

Enfim, calcularam o quanto não gastariam tendo que contratar empregados, pagar aluguel, fornecedores, e ainda dependeriam do retorno dos clientes, que poderia não vir. Em tese a idéia era maravilhosa, mas concretamente tinha tudo para dar errado. Resultado: projeto abortado. Mais um para a lista.

UM CASO DE AMOR INCURÁVEL*

Na prefeitura, um dia Jamil passa por uma sala e vê um office-boy datilografando alguma coisa. “O que você está escrevendo?”, Jamil pergunta. Ele mostra e Jamil lê uma matéria engraçadíssima sobre o carnaval da cidade. Luís “Solda”, como o rapaz era conhecido, além de “boy” era colaborador do jornal *O Estado do Paraná* e chargista. Jamil simpatiza com ele e logo os dois viram amigos.

Mais tarde, Jamil ficaria amigo de um amigo do Solda, que volta e meia aparecia por lá: outro garotão, chamado Dante Mendonça, e que também escrevia no Estado.

Depois, seria a vez do Jamil conhecer uma amiga daqueles dois garotos, e é aí que estou querendo chegar. O nome dela era Graça de Andrade e, na verdade, Jamil a conhecia de muito tempo atrás, porém pouco se lembrava dela. Ela era irmã mais nova do poeta Manuel de Andrade, seu velho amigo. Inclusive, certa vez, quando Jamil foi visitá-lo na casa dele, chegou a conversar com a Graça, mas ela só tinha 14 anos.

Graça era de Itajaí, porém agora estava definitivamente em Curitiba para cursar a faculdade de Ciências Sociais. Foi justamente por causa de um trabalho de faculdade – ela precisava entrevistar um sociólogo – que ela chegou até o Jamil.

Após o bate papo entre eles, que aconteceu na prefeitura mesmo – para a surpresa do Solda, que não esperava pela visita da amiga –, Jamil pediu que ela

* Vide *Como eu se fiz por si mesmo*, p. 171: “... Uma conversa acadêmica sobre ciências sociais pode se transformar num caso de amor incurável”.

voltasse no dia seguinte, lá pelo final da tarde, para que eles pudessem desenvolver melhor algumas idéias...

Dia seguinte Graça estava lá e, depois de conversarem mais um pouco, Jamil se ofereceu para deixá-la em casa. “Acho que para ele ficar sabendo onde é que eu morava”, Graça reflete hoje.

A partir de então, ela mesma conta que o Jamil inesperadamente passou freqüentar os mesmos lugares que ela, alguns barzinhos no Largo da Ordem, sem que ela obviamente tivesse marcado com ele. Jamil e Graça assim tornaram-se amigos e um dia combinaram de dar uma passada no bairro de Santa Felicidade para ver a casa que o irmão dela estava construindo.

Na volta, de repente Jamil pára o carro – um fusca vermelho que ele tinha acabado de comprar da Sheila –, olha para a Graça e diz:

“Sabe, a gente bem que podia se apaixonar?”

Para a surpresa dele, Graça simplesmente respondeu que “não”. Segundo ela, nunca tinha pensado que o Jamil estaria apaixonado ou que os dois pudessem ficar juntos. Mesmo assim, Jamil não se intimidou com a resposta. Tascou um beijo na Graça que, por sua vez, também não achou ruim. E assim o relacionamento deles começou – Jamil já havia terminado com a Verônica.

Agora Jamil sentia que, pelo menos, tinha que dar uma explicação ao Dante e ao Solda antes de iniciar aquele namoro. Afinal, os dois eram inegavelmente apaixonados pela Graça e vinham cortejando a moça há uns dois anos sem sucesso.

Durante o expediente, Jamil então chega para o Solda e o convida para ele ir na sua casa depois do trabalho. Queria lhe dar um presente. Mais tarde Solda aparece na Engenheiros Rebouças. Luiza não estava. Ele entra na casa, senta-se no sofá, enquanto Jamil vai até a cozinha buscar um café para eles. Durante o cafezinho, Jamil olha sério para o amigo e diz francamente:

“Olha, Solda, acho bom você desistir da Graça. O que ela precisa é de um sujeito maduro, que tenha vivido bastante para ensiná-la a viver. Um sujeito que lhe mostre o caminho da vida....”

Jamil dá uma tragada no cigarro e continua:

“Afinal, um sujeito que não seja um garoto...”

Solda engole em seco. Não sabe o que responder.

Em seguida, Jamil se levanta e vai até o quarto. Volta com o tal presente que tinha prometido:

“Olha, isso aqui eu comprei especialmente pra você”, e lhe entregou um embrulho.

Solda abre e se depara com uma camisa – uma camisa bacana, do tipo esporte, constata.

Solda lembra que na hora respirou fundo e tentou refletir sobre a situação:

“Poxa, o Jamil é um cara legal. Se ele está me falando isso, certamente já deve ter conversado com a Graça. Vou fazer o quê?”, pensou. “Então ele ficou com a Graça e eu fiquei com uma camisa”.

ESTRELA EXCÊNTRICA

1973 começa e Jamil abandona a prefeitura. A agência Exclam, então uma house⁴⁸ do grupo Prosdócimo, lhe contrata para trabalhar duas horas por dia, das 9h30 às 11h30 como redator, sendo que ele ganharia o equivalente ao dobro do seu salário na assessoria de imprensa. Jamil aproveita e leva com ele para a agência os amigos Wilson Cordeiro, Manoel de Andrade e o Solda, com quem ele acaba trabalhando junto na parte de criação.

Pois não demorou muito para que o Turco e o seu “bando” aos poucos comesçassem a chacoalhar as estruturas do novo emprego. Rody Jans, que cuidava da parte administrativa da agência e era quem o havia contratado, lembra-se que, quando a Exclam mudou de endereço – foi então para a rua Padre Agostinho –, tudo andava meio bagunçado e ele decidiu implementar um livro-ponto para acabar com a esculhambação. (Jamil era um que chegava sempre atrasado. Rody conta que às vezes tinha que sair da agência para resolver algum problema externo e acabava encontrando o Turco belo e formoso na livraria Ghignone, em pleno horário de expediente). O livro ficaria com a secretária e todos teriam que assiná-lo ao chegar e sair do serviço.

No primeiro dia, a secretária foi conferir o ponto e ficou horrorizada ao se deparar não com a assinatura do Jamil, mas com esta terrível monossílaba tônica terminada em “u”: “CU”. Só isso.

Lá foi ela reclamar com o Rody que, para a sua surpresa, disse para ela não ligar. Claro, ele já conhecia bem a figura. Jamil podia ser um sujeito indisciplinado,

⁴⁸ Do inglês, “house agency”, isto é, literalmente, agência da casa. Uma agência de propaganda interna, mantida por uma empresa para a produção de suas campanhas institucionais e promocionais.

mas quando o assunto era criação, ele era um dos funcionários mais competentes e talentosos. Isso, pelo menos naquela época dos primórdios da publicidade, era o que contava. Jamil nunca mais assinaria coisa alguma e ainda por cima em pouco tempo cairia nas graças dos donos da empresa.

No final do expediente, os diretores da Prosdócimo se reuniam para tomar uísque e conversar sobre os fatos do dia, e o Jamil, com a sua inteligência e humor, acabaria conquistando todo mundo.

Com esse status de “estrela”, “gênio do texto publicitário”, Jamil aproveitaria todo o seu poder. Exigiria, por exemplo, a contratação de mais um diretor de arte, o amigo César Marquesini – que já no segundo dia de trabalho seria pego fumando maconha no banheiro da agência. Além disso, continuaria a se comportar de forma inconseqüente. Certo dia, durante uma pausa no trabalho, estavam só ele e o Solda conversando na sala do cafezinho, quando Jamil, inesperadamente, disse para o amigo:

“Solda, é isso que você tem que fazer da sua vida”, e jogou a xícara para trás, que se espatifou no chão. “Você tem que se libertar!”

Logo chegou o Milton, o gerente:

“Mas que diabos foi isso? O quê que está acontecendo aqui?”

Jamil permaneceu impassível. Com medo de perder o emprego, Solda apontou para ele, assustado: “Foi o Jamil! Foi o Jamil!”. De acordo com o Solda, depois disso o Turco lhe perseguiria a vida inteira, repetindo aquela espécie de bordão só para lhe arrenegar: “Foi o Jamil! Foi o Jamil!”

ENFIM, A SEPARAÇÃO

Jamil nunca foi um homem de teatro, no sentido em que não gostava muito de freqüentá-lo, nem nunca participou de peça alguma. (Talvez se pudesse dizer que ele fazia teatro na vida real, quando narrava as suas histórias para os outros e imitava vozes, fazia trejeitos, ou então com as suas “pegadinhas”, verdadeiras cenas que armava, o que não deixa de ser uma espécie de performance).

No entanto, em 1974, Jamil escreveu uma drama biográfico sobre o filósofo Jean Jacques Rousseau, personagem que ele e Luiza liam e admiravam bastante. Esta peça era “As Confissões de Jean Jacques Rousseau”, que na verdade só seria efetivamente publicada 8 anos depois.

Segunda Luiza, na época alguns diretores locais, como o Oraci Gemba, se interessaram em montá-la, mas esse projeto nunca se concretizaria. Era possível também que o Jamil enxergasse aquele trabalho muito mais como uma experiência textual (ele mesmo apregoava que um escritor deveria passar por todos os gêneros: prosa, poesia, jornalismo, publicidade, etc.) do que como uma vontade séria de iniciar uma carreira como dramaturgo. O fato é que a peça tem inúmeras qualidades (muito lirismo e humor, uma estrutura, ainda para os nossos padrões, de vanguarda, etc.) e é mesmo uma pena que continue inédita até hoje.

Mas o principal desse capítulo, como o próprio nome indica, não é o teatro, e sim a separação definitiva entre Jamil e Luiza. Naquele ano de 1974, Luiza e Graça haviam até sido apresentadas; Daniel, então com quatro anos, já falava da namorada do pai para ela. De forma que aquele casamento aberto entre os dois seguia, para o choque das famílias tanto Snege como Nascimento, que achavam aquilo uma pouca vergonha. A pressão dos familiares, principalmente do seu Antônio que morava ao lado, era tão grande, que Luiza decidiu se mudar da

Engenheiros Rebouças e alugou um apartamento na Brigadeiro Franco; para a casa dos pais é que ela também não voltaria.

No entanto, por mais que Jamil e Luiza se esforçassem para morarem juntos, aquela situação já não era mais viável. Luiza ainda tinha ciúmes do Jamil e vice-versa – ele também não aceitou muito bem quando ela arranhou um namorado. De modo que, depois de alguns barracos armados (e muitos ainda viriam pela frente), Jamil finalmente pegou suas coisas e saiu.

Jamil se mudou para o Braz Hotel, que ficava na Boca Maldita e que já havia sido uma hospedaria de renome na cidade. Agora, no entanto, o hotel passava por uma decadência brutal – faltava água, havia baratas, ratos, estudantes fazendo a maior algazarra – e era, enfim, o típico ambiente caótico tão ao gosto do Turco.

Mas ele pouco ficaria lá. Alguns dias depois, seria convidado pelo amigo Luiz Carlos Zanoni a morar com ele em sua casa, na rua Teixeira Coelho, nº 60. Havia um quarto vago em que Jamil poderia se instalar. Com Jamil separado e Zanoni também, num instante o lugar viraria o novo ponto de encontro de toda a turma. Principalmente de madrugada, pois como o Jamil tinha crises de insônia, ele trazia os amigos para bater papo, tomar café, inventar receitas culinárias, etc.

Uma certa noite, Jamil passaria na casa de Luiza para buscar um livro e, como a situação entre eles ainda não estava bem resolvida, aquela simples visita acabaria terminando em discussão. Quando Jamil saiu, Luiza ficou verdadeiramente possessa com ele. Tanto que pegou todos os livros dele que ainda restavam lá, botou-os numa sacola e chamou um táxi.

“Rua Teixeira Coelho, no Batel”, ela ordenou para o motorista, que pela sua cara ainda perguntou:

“Você tem certeza mesmo que quer ir até lá?”

Luiza espumava de raiva.

Ela chegou e tocou a campainha. Pela janela viu que existia uma porção de gente na casa. Estavam dando uma festa. Até que o Zanoni abriu a porta.

“Quero falar com o Jamil!”, disse Luiza.

“Olha Luiza, ele não está aqui”, Zanoni ainda tentou disfarçar.

“Está sim que eu sei, eu escutei a voz dele, deixa eu entrar”, e foi entrando.

A festa parou. Quando Jamil viu a ex-mulher vindo para cima dele com tudo, saiu correndo para o seu quarto se esconder. Mas não teve tempo de trancar a porta. Graça também estava com ele e, diante daquela situação, começou a chorar assustada, e a pedir para que Luiza parasse com aquilo.

“Fique quieta que não é com você!”, berrou Luiza, e então começou a atirar no Jamil, um por um, os livros que tinha trazido.

Depois dessa verdadeira catarse emocional, Luiza entrou em estado de choque. Não se continha em prantos, estava visivelmente descontrolada. Tiveram que levá-la para a casa dos pais, que por acaso ficava perto dali. Luiza continuaria muito mal por dias seguidos e chegaria a até a se internar num retiro promovido pela igreja. Lá ela receberia uma carta do Jamil, dizendo para ela ser forte e tocar a vida adiante. Luiza só ficou com mais raiva ainda.

Enquanto isso, a bagunça na Teixeira Coelho só aumentava. Quando Jamil e Zanoni não tinham mais o que fazer, o que era freqüente, os dois começavam a aprontar um com o outro. Uma dia, antes do Zanoni chegar em casa, Jamil pegou umas calças, encheu de jornal, encaixou uns sapatos e deixou aquelas pernas saindo debaixo da cama dele.

Quando o amigo entrou no quarto e viu aquilo, voltou todo assustado.

“Jamil, tem um troço lá no quarto, venha ver!”

E o Jamil, brincando:

“Porra, Zanoni, quem é esse cara? É o teu namorado? Está te esperando debaixo da cama!”

Jamil ainda aplicaria uma variante dessa “pegadinha” com o mesmo sucesso em Zanoni. Com alguns cobertores, Jamil moldou na cama dele como se fosse o volume de uma pessoa deitada. Por fim, colocou mais um cobertor por cima, deixando na extremidade que seria a cabeça, só uma peruca feminina de fora, também meio encoberta.

Dessa vez, antes do Zanoni entrar no quarto, Jamil lançaria a isca:

“Você esteve aqui hoje no final da tarde?”

Como Zanoni respondeu negativamente, Jamil continuou:

“Olha, não sei, eu estava meio dormindo, mas achei que tinha ouvido alguém entrar...”

Então Zanoni chega no quarto e se depara com aquela figura. Volta todo animado:

“Jamil, quem é aquela peça que está lá?”

Zanoni depois conseguiria dar um belo troco no Jamil. Um amigo seu havia chegado de Nova York trazendo uma coisa que ninguém conhecia em Curitiba: umas máscaras de monstro que aderiam perfeitamente ao rosto e que possuíam as formas mais estrambóticas que se pudesse imaginar.

Uma tarde, antes de entrar em casa, Zanoni vestiu a máscara e tocou a campainha. Quando o Jamil abriu a porta, levou um susto tão grande, que saiu correndo pela sala derrubando cadeira, sofá, que nem um danado.

Em abril de 1975, a Opus Propaganda, antiga agência Soma, dos publicitários José Dionísio Rodrigues e Rafael de Lala, iria atender a W.Perini, importadora de bebidas, que estava introduzindo no país a vodka polonesa “Wiborowa”, líder nos mercados mundiais.

Segundo Rodrigues, foi por sugestão de Idelson Santos, o responsável pelo atendimento da conta, que eles acabaram chegando até o nome do Jamil para a criação da campanha. Eles precisavam de algo ousado, inovador, e o Turco nessa época já possuía o status de um dos publicitários mais criativos da cidade.

Alguns dias depois, Jamil entregaria uma das peças que tinha feito: um anúncio com a foto do amigo Polaco Victor, vestido literalmente como um polaco, com uma Wiborowa a tiracolo, e o seguinte título:

"Cruéis esses poloneses. Só depois de cinco séculos resolveram mostrar para nós a Wiborowa".

O anúncio, veiculado em revistas nacionais, ganharia prêmios em todos os concursos em que foi inscrito, e marcou o início de uma relação entre o Jamil e a Opus que duraria até 1983.

CORDEL

Desde 1976, Jamil cumpria expediente na agência Múltipla. Todavia, no final do ano, ele já estava de saco cheio da publicidade. Assim como recomendava David Olgivy em suas “Confissões de um publicitário”, que de tempos em tempos as pessoas abandonassem seus afazeres e fossem procurar outra atividade completamente diferente para “recarregar as baterias”, Jamil pensava agora em montar uma loja de artesanato.

Quem sabe até ganharia algum dinheiro. Não havia tantas lojas desse tipo em Curitiba e as mercadorias que iria revender eram muito baratas. No mínimo seria divertido. Um sócio para essa empreitada ele já possuía, que era o Polaco Victor.

Mas antes de deixar a agência, Jamil ainda participaria de um projeto com alguns colegas de lá. Renato Manzanek, que trabalhava como contato, e Margarete Born, que era diretora de arte, pretendiam fazer uma instalação para a Bienal de São Paulo. A idéia era criar um ambiente em que você se sentisse como um trabalhador bóia-fria. Num espaço escuro, por exemplo, com temperatura baixa, um chão sacolejante, e com o som de um caminhão em movimento, você teria a sensação de estar numa caçamba, indo para o trabalho com eles. Depois você sentiria como era o trabalho em si e, por fim, você entraria no sonho do bóia-fria, que nada mais era do que ter a sua própria casinha, um radinho de pilha, goiabada cascão para comer e um fogão “jacaré” para esquentar a comida.

Renato e Margarete precisavam então de um texto que ficaria na entrada da instalação e no folder que seria entregue às pessoas. Como queriam algo poético, literário, logo pensaram no Jamil, que aceitou a tarefa de bom grado e produziu o

material para eles. O projeto da instalação foi aceito pela Bienal e naquele momento eles estavam tratando de desenvolvê-lo.

Depois disso, Jamil largou a Múltipla e passou a procurar um local para instalar a sua loja, que ele decidiu chamar de “Cordel”. Para completar, ele já havia conseguido até que o Poty Lazzarotto fizesse uma logomarca para ela.

A princípio, Jamil queria que a Cordel ficasse na galeria subterrânea Júlio Moreira, que liga a rua José Bonifácio ao Largo da Ordem, e para isso aguardava uma concorrência pública. Enquanto aquilo não acontecia, Jamil teria também que procurar uma outra casa para morar, visto que aquela na Teixeira Coelho havia sido vendida para o músico Gerson Bientenez. Jamil inclusive devia ter deixado o lugar fazia tempo (Zanoni nem morava mais lá. Como se fosse coisa de novela, de repente ele recebeu uma herança milionária e se mandou do país), afinal Gerson já estava com as chaves e queria fazer uma reforma na casa antes dele se mudar com a família.

Como o prazo que o Jamil tinha para desocupar a casa havia expirado – pelo visto ele esquecera deste detalhe –, um dia chega um pintor, entra lá, cobre o Jamil com jornal (ele estava dormindo), e começa a fazer o seu trabalho. Jamil só iria acordar com os respingos de tinta caindo nele, e ainda por cima bem na hora em que chegam a sogra e a mulher do Gerson. As duas dão de cara com aquele homem de cuecas, deitado no chão da sala, coberto com jornal.

Essa história, na verdade, quem contava era o Jamil, que então estava novamente desabrigado. Ele passaria então alguns dias no Hotel Tívoli, mas depois conseguiria um lugar para morar através do próprio Gerson, que virou seu amigo. No bairro do Bigorrilho, em frente à praça 29 de março, havia uma auto-escola, a “Auto-escola Luciana”, que era de um primo do Gerson. Nos fundos, havia uma casa vazia na qual o Jamil podia ficar. Ele foi pra lá.

Era um térreo escuro e feio, cujas saldas da frente abrigavam uma auto-escola. Não havia móveis, cadeiras, cama; eu não possuía nada disso. Apenas duas malas e uma caixa de papelão cheia de livros. E minha máquina de escrever, evidentemente. Quando soube da situação em que me encontrava, meu pai providenciou a compra de

um fogão. Com um velho balcão de fórmica abandonado na garagem improvisei uma mesa. Minha amiga Marilena de Mello Braga socorreu-me com um colchão usado. Gerson Bientinez, o cara que comprou a casa da Teixeira Coelho, obsequiou-me um jogo de sala capenga. Aluguei um telefone do César Munir e construí, com um monte de sucata, um guarda louça encantador. Na parede, emoldurei um cartaz com a cara do Amauri Lustosa numa tampa de privada. Um quadro do Nelson Padrella decorava o quarto, ao lado de outro, totalmente em branco, no qual afixei mais tarde o desenho de um pequeno pássaro colorido, asas bem abertas, com a legenda “Por favor, não pare de voar”, ditada pelo meu filho Daniel, que não sabia nem escrever ainda⁴⁹.

Finalmente saiu o resultado da concorrência promovida pela Fundação Cultural de Curitiba. O espaço na galeria Júlio Moreira, que poderia ser da Cordel, foi concedido a uma quitanda (!), o que deixou Jamil indignado. No final, ele acabou ficando mesmo com um ponto na Travessa Jesuíno Marcondes, 51. A inauguração da loja aconteceria no dia 4 de abril de 1977.

Para se ter uma idéia de como era a loja: era um espaço pequeno, de uns trinta metros quadrados, mais um mezanino. Assim como nos seus bares, o Polaco Victor preparou toda uma decoração para a Cordel, que mantinha um clima rústico – por ela ficavam espalhados tachos de cobre, gaiolas, móveis estilo franciscano, quadros. Algumas peças Jamil comprava de um pessoal que trazia do nordeste, outras ele mesmo ia buscar no litoral do Paraná ou de Santa Catarina, ocasiões em que aproveitava para passear com os amigos.

No início, com essas viagens por exemplo, a loja foi aquela empolgação. Porém logo começaram a surgir alguns sérios contratemplos. Primeiro porque o Jamil não gostava da Diná, a esposa do Victor, que insistia em trabalhar na Cordel. Jamil achava a terrivelmente brega – Diná usava umas roupas espalhafatosas,

⁴⁹ *Como eu se fiz por si mesmo*, p. 199.

falava alto, e tinha o talento de incomodar todo mundo com o seu gênio. Um dia, Jamil chegaria assim para ela:

“Olha, você quer vir ajudar aqui? Então venha, mas fantasiada de cigana. Aí você pode vir”.

Até que Jamil não agüentou mais e, para se ver livre da moça, propôs a compra da outra parte da sociedade da loja ao Polaco Victor. Victor aceitou, e Jamil deu em pagamento a ele uma motocicleta, que o Polaco depois não quis usar e por isso acabou vendendo. (Por azar, a pessoa que comprou a moto em seguida se acidentou e morreu, o que deixou Victor assustado, pois ele achava que às vezes emanava forças negativas que nem ele podia controlar).

Depois o problema na Cordel passou a ser, realmente, a falta de tino comercial para o Jamil. Além do lugar não possuir grandes mercadorias, como relatam os amigos, se o Jamil gostasse de uma pessoa, chegava até a dar de graça certas peças. Quer dizer, a Cordel não tinha muito como ir para frente. De manhã, Jamil não ia para a loja – afinal, não acordava cedo. Então a Sheila, a Graça ou as amigas dele que moravam no prédio em cima, a Vera e a Laila, é que abriam o lugar. De tarde, se ele se cansasse do expediente, simplesmente fechava e ia embora, ou então deixava o Hugo, outro amigo dele cuidando.

A Cordel só vendeu um pouco mais quando a Sheila começou a fazer uns enfeites de biscuit e a expor lá. Uma manhã, ela estava sozinha na loja, quando de repente chegaram uns ciganos de verdade. (Não era a Diná!) Estes começaram a pedir coisas pra ela: me dá isso, me dá aquilo. Até que uma das mulheres lhe propôs:

“Então deixa eu ler a tua mão. O que você quer saber?”

“Veja se tem alguma doença, algo ruim para acontecer”, disse Sheila.

Para a sua surpresa, a mulher revelou:

“Tem um homem na tua família que já está com a morte marcada”.

FICÇÃO ONÍVORA

“Aqui ó”, diz Jamil, trazendo o pacote de corn flakes. “Mastiga esses sucrilhos, ‘Emaga’, mas com a boca aberta!”

“Esmaga” era o apelido de Alvino Cruz, que ao lado da “Gilda” (um travesti invocado) e da “Maria do Cavaquinho” (uma baixinha que, como diz o nome, tocava cavaco), era uma das figuras folclóricas da Boca Maldita. Esmaga era um sujeito marginal, meio abilolado, que estava sempre perambulando pela Luiz Xavier. Fazia bicos por ali, servia de cabo eleitoral em épocas de campanha e, volta e meia, baixava em alguma roda de gente conversando, louco para que alguém lhe livrasse um cafezinho.

Naquela casa horrível na praça 29 de março, Jamil havia escrito o seu mais novo livro de contos, “Ficção Onívora”, e agora queria para a capa dele uma imagem impactante. Então teve essa idéia de bater uma foto do Esmaga, que não possuía um dente sequer na boca, comendo sucrilhos. O motivo não era nada gratuito. Tal imagem dialogava com o pequeno texto da contra-capa do livro:

Dou de graça, na capa, um signo para a leitura deste livro: nossa desdentada gula latinoamericana no supermercado da cultura. Mais não digo, nem me foi perguntado.

Jamil, Esmaga e o amigo Jorge Menezes, que era designer, foram para o estúdio fotográfico da ZAP e fizeram a tal foto. Sem dúvida ficou algo bastante grotesco e com o impacto que o Jamil queria, pois em preto e branco os sucrilhos mais pareciam dentes escangalhados.

Numa sexta-feira à noite, na recém inaugurada galeria de arte “SH316” (nome esquisito, mas que queria dizer Sandra Helena Larsen da Silva, a dona do lugar, mais o endereço, Ébano Pereira, 316) Jamil fez uma noite de autógrafos de sua “Ficção Onívora”.

O livro obteria boas críticas, inclusive fora de Curitiba. A escritora Nélida Piñon dedicaria “seus melhores votos à Ficção Onívora”, e o crítico Antônio Alvarez, do jornal O Globo, diria assim:

“As palavras são escolhidas a dedo, o pensamento é firme, não divaga. Os contos de Jamil Sneege correm fluídos e profundos. Se a literatura é a expressão da realidade, Ficção Onívora não poderia deixar de ser denúncia, onde o humor, longe de amenizar essa realidade, combate-a de forma corrosiva”.

Jamil ficaria tão feliz com essas palavras, que mandaria fazer quadrinhos com esses dizeres, para pendurar na parede.

Por volta dessa época também foi lançada a antologia “Assim Escrevem os Paranaenses”, pela editora Alfa-Ômega, que foi organizada por Domingos Pellegrini. Jamil participou do livro com o conto “A Batalha das Bolas de Goma” e atuando como uma espécie de co-editor, fazendo contatos e reunindo materiais de outros escritores.

Desde o final de 1977, Jamil já tinha vendido a Cordel. Cansara daquela brincadeira que só lhe dera prejuízo. Certo mês, não teve nem como pagar a conta de luz, precisou pedir dinheiro emprestado para a Graça. Sendo assim, no início de 1978, Jamil aceitou voltar novamente para as amarras da publicidade, ainda mais agora, promovido a diretor do departamento de criação da Múltipla.

Como diretor, lembra o amigo Ernani Buchmann, que trabalhou com ele, Jamil logo decidiu tentar algo novo. Ao invés de agrupar as duplas de criação em redatores e diretores de arte, como é de costume, decidiu que redatores iriam se sentar frente a frente um com o outro, e da mesma forma os diretores de arte.

Então ficou ele de frente para o Ernani, enquanto o Bira Menezes ficou de frente para o Oscar Wisser. Ernani lembra de algumas peças que fez junto com o Jamil. Em especial, para a “Lojas Universal”, que possuía 8 lojas em Curitiba mas não tinha muita verba para a publicidade. Sendo assim, eles eram obrigados a ter

idéias que se produzissem com muito pouco. Houve um comercial que eles fizeram apenas com uma tela preta. De repente entrava a voz de um locutor taciturno:

“Se você está preocupado com a imagem do seu televisor, fique tranqüilo: daqui a alguns segundos ela estará de volta. Mas se você está preocupado com a sua imagem pessoal, não perca tempo, vá direto à Universal”.

Dentro dessa política de custo zero, para o dia das mães, Jamil e Ernani decidiram fazer um comercial “all type”⁵⁰, só com nomes de mães: “Sofia, Amélia, Maria...”, cada um com um tipo diferente de letra. No final, fechava com algo do tipo: “Não importa o nome da sua mãe, seja Sofia, Amélia, Maria, etc., todas elas merecem um presente das ‘Lojas Universal’”. Segundo Ernani, Jamil se comprazia em descobrir quais nomes realmente tinham cara de mãe.

“Mãe é Sofia, Amélia...”, dizia Jamil. “Mãe não se chama Natascha, Kelly...”

Nessa época, Jamil aprontava muito também com o Oscar Wisser, que era um sujeito tímido, gaguejava um pouco e tinha alguns maneirismos verbais interessantes. Por exemplo, se ele fosse dizer: “Vamos supor...”, acabava dizendo assim: “Supor, supor, supor...”, e não parava com aquilo. Além disso, Jamil achava que ele estava sempre com cheiro de sovaco, de forma que o apelidou de “Arenque”. Para completar, Jamil ficava de joelhos no chão, imitando uma foca comendo um arenque! Quando Wisser entrava na sala e se deparava com aquilo, ficava uma fera.

Depois Jamil ia conversar com ele, pedir desculpas. Como o Jamil tinha essa fixação por personagens estranhos, pitorescos, não sossegou até virar amigo do Oscar, que por fim até lhe convidou para jantar na casa dele. Depois disso, o Turco inventaria mil histórias. Às vezes parava no meio do expediente, acendia um cigarro e começava:

“Vocês não sabem o que o Arenque me contou...”

⁵⁰ “All type”: tipo de anúncio sem imagens visuais, que se utiliza apenas de texto.

A MORTE DO PAI

De uma hora para outra, Antônio adoeceu. Sentia fraquezas, dor no peito, muito cansaço. Ele então teria que peregrinar de médico em médico até descobrirem que o que ele tinha de verdade era uma doença considerada rara, chamada “Anemia Aplástica”. Simplesmente a medula dele havia parado de produzir hemácias, leucócitos e plaquetas.

O fato de Antônio ter trabalhado a vida inteira em gráficas, em contato com chumbo e outros produtos químicos altamente nocivos, é provável que tenha sido a causa daquele mal. Com Antônio doente, Jamil voltou a morar com os pais, até para ajudá-los nessa fase difícil.

Antônio passaria a se internar de tempos em tempos para receber sangue. Não havia outro tratamento na época. Até que no dia 8 de dezembro de 1978, uma sexta-feira, ele fez uma transfusão na Santa Casa e em seguida, lá mesmo, sofreu um derrame fatal.

Jamil então ligou para a Graça avisando que o pai havia falecido e que ele iria ficar no velório. Graça não foi. Afinal, Antônio, enquanto vivo, nunca quis conhecê-la; desde o início ele havia dito ao Jamil que só poderia existir uma mulher na vida de um homem. Sobre a perda de Antônio, Jamil escreveria depois:

A morte de meu pai deixou-me com um pé bailando sobre o abismo. Ela existe, concluí. Vem devagar ou bruscamente, vem com reiterados avisos ou sem aviso algum. Mas não falha. Ilógica, imponderável, essa branca senhora se insinua, abrange, abarca. Brande suas navalhas. Abrevia. O corpo que nos abandona é seu bastidor tecido,

seu risco bordado – sempre igual. Fio de vida finalmente tramado.
Arremate final.⁵¹

Em abril de 1979, Desidério Pansera avisou para os funcionários da Múltipla que iria sair de viagem para a Suíça com a sua esposa Janete – ela, embora filha de suíços, ainda não conhecia o país. Ouvindo isso, Jamil, disse ao amigo:

“Você vai passar em Genebra, não vai?”

“Sim”, respondeu Desidério.

“Então você vai ser o meu portador”, avisou ele.

“Mas portador de quê, meu deus?”

“Desidério, em Genebra existe uma universidade na qual há um departamento exclusivamente dedicado ao Jean Jacques Rousseau, afinal, ele nasceu na cidade. Tem inclusive um museu com todo o tipo de escritos, estudos, novelas, feitas por pessoas de todo o mundo sobre ele. Você vai entregar a minha peça, ‘Confissões de Jean Jacques Rousseau’, lá”.

Jamil logo pediu para que o amigo Antoine Medauar, libanês, mas que morou um bom tempo na França, lhe redigisse uma carta de apresentação em francês. Jamil por fim entregou o calhamaço de páginas datilografadas – além da peça, comentários, estudos que havia feito para escrevê-la –, a Desidério, que em maio aterrissaria em solo genebrês.

Como Desidério não falasse nem o francês nem o alemão, foi prontamente ajudado pela esposa, que intermediou o contato com o diretor do museu. Deixando lá o material, Desidério recebeu um comprovante do diretor, que depois foi devidamente entregue ao Jamil na volta ao Brasil.

Dali a alguns meses, Jamil receberia também, pelo correio, uma carta daquela universidade, agradecendo e elogiando-o pelo trabalho e comunicando que a sua peça, a partir daquele momento, tornara-se, oficialmente, parte do acervo do “Museu Jean Jacques Rousseau”.

⁵¹ *Como eu se fiz por si mesmo*, p. 256.

KID MALU ESTÁ NA CIDADE

Em 1980, Ney Braga assumiu o governo. Em junho, Jamil logo começou fazer alguns “freelas” para o estado. Pela agência Beta, do jornalista e publicitário Renato Shaitza, Jamil foi responsável pela redação de um material sobre o novo Plano de Diretrizes e Metas que seria distribuído à população numa linguagem simples e ilustrada. Depois, Jamil ainda escreveria “Memória e Momento”, um longo texto literário/histórico para o catálogo de uma exposição sobre o Paraná no Museu de Arte de São Paulo.

Naquele ano, com o status de um dos principais publicitários da cidade, Jamil foi chamado novamente para trabalhar na Opus, numa época em que a agência havia reunido uma porção gente maluca num só lugar: Jamil, Bira Menezes, Lee Swain, Almir Feijó, Sérgio Maluf, entre outros. Dessa forma, todo dia acontecia alguma loucura no trabalho, das mais leves – como o Jamil azucrinando a vida da dona Creuza, a copeira, tacando o rolo de papel higiênico dentro da jarra de café –, até o Jamil e o Bira mostrando o pinto na janela para uma produtora que era sapatona.

Os diretores da agência, José Dionísio Rodrigues e Rafael de Lala, também contribuíam para aumentar a entropia do lugar. Rodrigues era um tremendo workaholic, queria todo mundo trabalhando em tempo integral, afinal de contas, a Opus naquele momento crescia vertiginosamente. Orgulhosos de seu império, Rodrigues e Rafael⁵² adoravam mostrar as dependências da agência para os clientes. Nenhum funcionário gostava disso, muito menos o Jamil, que dizia se

⁵² Outra vez, Rafael de Lala chegou ao cúmulo de apresentar o banheiro para um cliente. O problema foi que justo nessa hora uma funcionária estava usando o sanitário e havia esquecido de trancar a porta.

sentir como num zoológico, tal qual um macaco numa jaula. Até que, uma vez, Rodrigues abriu a porta da sala do Jamil para apresentá-lo e ele começou a imitar mesmo um macaco.

Rodrigues lembra também de um outro episódio engraçado que aconteceu naquela época. Numa reunião tensa com um cliente e que o Turco não estava a fim de falar nada, de repente ele levantou, abriu a janela (a sala em que eles estavam ficava no térreo) e pulou para a rua. O cliente olhou para o Rodrigues e perguntou:

“O que deu nele?”

“Olha, eu não sei”, disse Rodrigues, tentando agir com naturalidade, “mas não se preocupe que daqui a pouco ele volta”.

Passaram dez, quinze minutos, Jamil retornou pela porta da frente, como se nada tivesse acontecido. Ninguém comentou sobre ao assunto.

“A gente sabia que se falasse alguma coisa para o Jamil, podia receber uma invertida muito pior”, lembra Rodrigues, que por essas e outras (como a vez em que o Turco, num acesso de loucura, quebrou a porta do banheiro com um pisão) até pensava em demiti-lo. Mas ia fazer o quê? O Jamil era o melhor redator que ele tinha. “Os anos 80 eram uma época mais romântica da publicidade. Embora você trabalhasse para gerar resultados, não havia uma rigidez que existe hoje. Atualmente isso não se admitiria mais”, conta Rodrigues.

Até que a conta da Malucelli da Visconde caiu nas mãos da Opus. A Malucelli era uma rede de lojas de materiais de construção que estava crescendo, expandindo-se de Curitiba para Londrina, Cascavel, Ponta Grossa. Rodrigues passou o briefing para o Jamil e disse que precisava de uma campanha realmente inovadora para eles. Jamil desceu para a sala de criação, que ficava no subsolo da agência, e meia hora depois bateu na porta do chefe.

“Acho que eu já tenho a campanha: ‘Sir bonzão contra o Preção’”.

“Turco”, respondeu Rodrigues, indignado, “Não enche o saco! Essa campanha é do Ponto Frio, do Rio de Janeiro...”

“É, mas você não entendeu”, diz Jamil. “Como eles, nós vamos criar também um herói contra a inflação [que na época chegava a mais de 100% ao mês]. Essa do

Sir Bonzão é uma campanha medieval. Nós vamos criar um herói do oeste. O ‘Kid Malu’”.

Para a apresentação da idéia ao cliente, convidaram o Tota Malucelli, que era o responsável pela aprovação da publicidade da empresa, a um churrasco num hotel fazenda. Quando Tota chegou, levou uma baita surpresa. Eles haviam feito uma espécie de convenção, com todo mundo fantasiado de cowboy, decoração estilo velho oeste, barris de pólvora espalhados, charretes ...

Depois do almoço, entre um chope e outro, levaram o Tota para a sala de reuniões. Lá o Bira Menezes apresentaria a campanha na forma de uma história em quadrinhos, com o “Sombra”, o personagem que encarnava a inflação, querendo tomar o Malucelli de assalto, e o Kid Malu salvando a cidade do bandido. Tota, que também era um sujeito meio maluco, adorou aquilo. Agora era só produzir os comerciais.

O papel de Kid Malu seria interpretado pelo ator Francisco di Franco, que depois faria o papel do “Jerônimo, o herói do sertão” na novela homônima do SBT. Para a filmagem, chamaram o diretor Jaime Brustolin, que possuía uma produtora tradicional e era conhecido por fazer um bom trabalho de maneira econômica. Como sempre, eles não possuíam muita verba para rodar aquele faroeste. De modo que muito mais do que um legítimo “western” à la John Ford, “Kid Malu” seria mais um “spaghetti” à Sergio Leone.

Depois de esperarem uma semana por boas condições climáticas, afinal eles iriam gravar só externas e trabalhavam com um filme pouco sensível (o comercial seria rodado em 35 mm, asa 100), no sábado de manhã finalmente fez sol e eles puderam montar o set em frente à livraria Ghignone na rua XV.

Numas das primeiras cenas, Kid Malu deveria entrar trotando com seu alazão pela Barão do Rio Branco e chegar até a livraria, onde o Sombra estaria escondido. Era algo aparentemente simples, mas que acabou se tornando um problema. O cavalo escorregava no petit-pavé e todo mundo temia que o bicho ainda quebrasse uma perna. Além disso, os pedestres que passavam pela rua acabavam parando para ver a cena e atrapalhavam o andamento da filmagem. Fora as discussões entre o Jaime e o Jamil. Os dois não chegavam a brigar, é verdade, mas como o Jamil, além de criar o comercial, dividia a direção com o

amigo, que era um sujeito um pouco genioso, e pelo fato do Jamil improvisar um monte de coisas na hora, isso tudo deixava o Jaime maluco.

Mas enfim, o comercial acabou saindo. E logo depois de sua veiculação, as vendas do Malucelli aumentaram instantaneamente. Kid Malu tinha um enorme apelo popular (sobretudo entre as crianças), de modo que lá foram eles rodar novas seqüências do faroeste.

Como eles já estavam no final do ano, Jamil teve a idéia de filmar “O rapto do Papai Noel”. Dessa vez, eles foram filmar lá para os lados de São Luiz do Purunã, perto de Ponta Grossa, onde havia uma paisagem perfeita para um western, com os campos gerais e cânions de fundo.

De manhãzinha, antes de saírem de Curitiba, ainda na agência, Jamil fez uma vistoria na produção e descobriu um problema. E o lenço do bandido? Cadê o lenço? Esqueceram de comprar. E onde arranjar tal adereço naquela hora? Pois Jamil foi ao banheiro da Opus e viu o guarda-chuva do Rafael de Lala dando sopa.

“Aqui o lenço”, voltou ele com o pano do guarda-chuva.

Chegando em São Luiz, surgiria outro contratempo, dessa vez bem maior: obviamente, Kid Malu ia aparecer a cavalo no comercial, mas sairia muito caro se eles tivessem que transportar o bicho até o município. Então, a produtora da agência prometeu que conseguiria um cavalo lá mesmo. Acontece que, quando foram ver o animal que ela tinha arranjado, era um tremendo pangaré. Todo sujo de barro, pequeno demais... O Jaime ficou possesso com aquilo, o Jamil idem. Então decidiram voltar a Curitiba. Até que, no caminho, Jaime avistou um cavalo que seria perfeito, bem no alto de uma colina. Então pararam, deram um jeito de encontrar o dono e acertaram uma espécie de aluguel com ele. De posse do cavalo, a questão virou onde filmar. Eles não tinham nem noção de onde exatamente iriam fazer o comercial. Até que, de onde eles estavam, viram umas pedreiras, e como o Jamil queria fazer uma cena com explosão, decidiram que ia ser por lá.

Bem, só para se ter uma idéia do que foi para o ar depois dessa mirabolante produção: com uma carroça cheia de presentes, um Papai Noel do velho oeste, que mais parecia um daqueles velhinhos donos de bar (o que posteriormente traria dor de cabeça ao Jamil, afinal alguns esperavam ver a figura tradicional, vestindo roupa de inverno vermelha, etc.) está a caminho do Malucelli da Visconde, até que é

interceptado pelo Sombra, que o seqüestra. Quando o bandido está prestes a explodi-lo (!) com dinamite, surge o Kid Malu, que dá uma surra no vilão e ainda consegue arremessar a bomba longe. O filme termina com o Kid e o Papai Noel chegando na Malucelli, pilotando a carroça que é puxada pelo próprio Sombra.

CRISE DE MEIA-IDADE

Uma quinta-feira à tarde, Jamil saiu do trabalho e foi para a casa da Graça. (Apesar dos dois levarem uma vida de casados, eles não moravam juntos. Desde 1979 Jamil havia comprado um apartamento no primeiro andar do Edifício Monções, no Centro Cívico, enquanto a Graça também tinha o seu apartamento, que ficava no bairro Alto da Glória. Todavia, ambos tinham as chaves da casa do outro). Então avisou a ela que, no dia seguinte, precisaria viajar para Laguna, em Santa Catarina, de carro. E levaria junto com ele a miss Paraná.

“O quê? Que história é essa?”, ela quis saber.

Deliciando-se com o ciúme manifesto da esposa, Jamil explicou melhor: iria dirigir um comercial para a Opus do “Laguna Tourist Hotel”, um hotel de luxo que estava abrindo naquela cidade. A miss seria a protagonista do filme.

Graça não gostou nem um pouco daquela história. Além disso, só de raiva, avisou que no final de semana iria para a casa de uma amiga na praia de Barra Velha. No dia seguinte, Jamil saiu à noite para a viagem. Chegaria em Laguna de madrugada. Sendo assim, enquanto ele estava na estrada, Graça dormia tranqüilamente em seu apartamento. Até que, de súbito, ela acordou com barulhos no quarto e a luz se acendendo. Levou o maior susto: era o Jamil.

“Jamil, o que você está fazendo aqui? O que aconteceu? Você não devia estar em Laguna?”

Então ele explicou que não conseguira ficar tranqüilo sabendo que eles haviam brigado. Sendo assim, na altura de Joiville decidiu voltar.

“A miss Paraná deve ter pensado que eu sou maluco”, disse ele.

Os dois fizeram as pazes e no dia seguinte ele seguiu viagem.

Mesmo assim, Graça não deixou de ir para Barra Velha no sábado e, mais uma vez, ela se encontraria com o Jamil de forma inesperada. Já passava de meia-noite e ela estava deitada no quarto assistindo tv, quando entra a sua amiga:

“Graça, estão te chamando lá em baixo. Eu acho que é o Jamil”.

Graça achou estranho, porque o Jamil nem sabia onde ficava o prédio da amiga dela. (Se bem que, naquela época, Barra Velha devia ter três ou quatro prédios, então não seria tão difícil de achar). Ela chegou na janela e viu que era o Jamil mesmo, gritando da rua. Graça fez ele subir e Jamil acabaria contando a seguinte história:

Naquele dia, depois das filmagens no hotel em Laguna, ele vestiu um calção de banho e foi para a piscina. E para causar impacto nas beldades que lá estavam, ele resolveu, logo de cara, saltar do trampolim mais alto. Jogou-se de ponta.

Porém quando emergiu, oh!, súbita dor. Não, nenhuma cãibra lhe afligiou os músculos, tampouco havia ele dado uma barrigada na água. O golpe fatal foi o comentário que ouviu de uma menininha que estava junto com a sua mãe:

“Mãe, aquele velho caiu na piscina!”

Este talvez seria um dos episódios que marcaram definitivamente a crise de meia-idade do Jamil. Em 1980, ele estava com 41 anos e já se sentia um velho, o que de certa forma incomodava a Graça, que era 13 anos mais nova do que ele. Primeiro que Jamil não a levava para dançar ou ir a boates. O negócio dele era ficar batendo papo em algum barzinho ou então nos coffe shops do Hotel Colonial e do Hotel Iguaçu, que ficavam abertos vinte e quatro horas. Além disso, Jamil era muito ciumento. Como se pôde observar, não gostava que a Graça viajasse sozinha. As duas passagens citadas, em que ele voltou de Joinville só para fazer as pazes e a visita repentina em Barra Velha tanto poderiam ser encaradas como um gesto de romantismo, como também de possessividade, insegurança. Graça se sentia sufocada com aquele tipo de atitude, que se repetiria mais de uma vez.

Para completar esse quadro, as crises do pânico e a sua hipocondria, que desde os trinta já o acometiam, agora, com o avanço da idade, manifestavam-se ainda mais. Cada hora Jamil inventava uma doença. Da disritmia cardíaca à hepatite. Volta e meia ele ligava para a Graça e pedia para que ela viesse correndo para a casa dele, que ele estava nas últimas. O amigo Almir Feijó também seria

testemunha de uma dessas crises. Certa vez, Jamil teria ligado para ele no meio da noite pedindo para que ele trouxesse um médico urgente, que ele estava morrendo. Almir chegou com o amigo, o neurologista Jaime Paciornick que, por sua vez, ao ver o real estado do Turco, lhe deu um ansiolítico para tomar e pronto. Mais uma vez, o problema do Turco era o psicológico.

JOGO DUPLO

1982 era ano de eleições. Jamil trabalhava na Múltipla, agência que cuidava da campanha de Saul Raiz (PDS) ao governo e, ao mesmo tempo, trabalhava também na campanha do seu opositor, José Richa, no comitê do PMDB.

Alguns colegas da agência achavam estranho: “Que cara-de-pau do Jamil! Como é que ele consegue?” Entretanto, ele mesmo já havia aberto o jogo com Desidério e colocado seu emprego à disposição. Mesmo assim, a Múltipla quis que ele continuasse com eles – sendo que, qualquer reclamação do PDS, Jamil concordaria em ir embora, coisa que nunca chegaria a acontecer. Jamil tinha uma disciplina tal que, em ambas as campanhas, não passava informação, fingia que não sabia de nada.

Era um época brava do marketing político e muitos dizem que foi o Jamil quem teve a idéia da famosa contra-propaganda aos outdoors do PDS, que diziam:

“Saul Raiz ou um salto no escuro”.

Na calada da noite, o PMDB recrutou gatunos para sutilmente apagar o “ou”, deixando apenas:

“Saul Raiz, um salto no escuro”.

Depois, Jamil criaria o mote para o amigo Requião, que disputava seu primeiro pleito para deputado estadual pelo PMDB: “Quem é Richa é Requião, irmão”.

No final de outubro, Richa venceria e Requião também. Todavia como resultado profissional, Jamil seria demitido da Múltipla que, por ter feito campanha do Saul Raiz, havia perdido qualquer possibilidade de conquistar as contas do novo governo. Com o encolhimento da agência – segundo Desidério, eles

quase foram à falência –, ficava impossível manter o Jamil como funcionário, ele que recebia hoje o equivalente a uns 15 mil reais por mês.

Depois de ficar uns três meses fora do mercado, Jamil começou o ano de 1983 sendo convidado pela Opus a dirigir uma unidade de projetos especiais, na qual desenvolveria apenas campanhas prospectivas para novos clientes. Jamil receberia tratamento VIP. Dessa vez possuía uma sala própria e uma secretária exclusiva foi contratada para ele. Ela se chamava Vera Lúcia Bachmann e os dois se deram muito bem instantaneamente.

Naquele tempo, a Opus estava em franca ascensão e, para dar conta daquele crescimento, mudava um pouco o seu perfil de trabalho, tornava-se mais séria, disciplinadora, o que logo começaria a gerar certos atritos entre o Jamil e o Rodrigues. Digo isso para explicar por que, dali a algum tempo, Jamil seria posto na rua. Segundo Rodrigues, o departamento de projetos especiais também custava caro demais. Jamil recebia um dos melhores salários da cidade, porém muitos projetos que ele criava nem sempre eram aceitos pelos clientes.

Por volta daquela época, Jamil um dia chegou no apartamento da Graça com algo importante para lhe dizer:

“Olha, eu estou saindo com uma pessoa que trabalha comigo, e estou apaixonado por ela. Eu quero terminar o nosso relacionamento”.

Segundo Graça, nem ele deu maiores explicações, nem ela gostaria de ouvi-las se ele as tivesse dado. Mesmo sem igreja ou qualquer papel assinado, os dois tinham vivido, bem ou mal, um casamento de 10 anos que, àquela altura, já estava bastante desgastado. Foi o fim de uma fase importante da vida do Turco e o início de uma nova, agora ao lado de Vera Lúcia Bachmann.

COMEÇANDO COM O PÉ DIREITO

Logo depois de ser despedido, Jamil recebeu um telefonema do Renato Schaitza, perguntando se ele teria interesse em adquirir a sua agência, a Beta. Jamil respondeu que sim e Schaitza, que desejava se aposentar da publicidade, lhe fez uma proposta bastante camarada. Primeiro, deu um desconto de mais de 50% no valor de mercado e permitiu que Jamil pagasse metade disso como entrada e o restante em oito meses. De quebra, o Turco ainda ficaria com os funcionários. Em outubro de 1983, Jamil e Vera Lúcia assumiam oficialmente a Beta, que funcionava num predinho na Carlos de Carvalho, 1790.

A nova Beta iniciou suas atividades com força total, e um dos primeiros serviços prestados foi para a Banestado Corretora. Diferente de tudo o que se podia esperar de um comercial para uma corretora, instituição que lidava com dinheiro, bolsa de valores, Jamil decidiu escrever um texto poético, intitulado “Meu Paraná eu Faço”⁵³, que no fundo vinha levantar os brios do trabalhador paranaense.

A princípio, Jamil pensou em fazer algo bem simples, uma narração, imagens de gente trabalhando, uma trilha sonora meio caipira. Jamil então chamou o amigo Breno Bonin, que era ator e com quem ele havia feito alguns comerciais antes, e o Jaime Brustolin para filmar.

Pois bem, no estúdio, no dia da gravação, Breno não conseguia desempenhar o papel. O texto era difícil, denso, e tinha que ser declamado de uma vez só. Era um minuto e meio, direto. Brustolin já havia começado a discutir com o Breno, reclamando que rodara mil pés de filme até ali e mais não iria gastar. Breno, em contrapartida, achava um absurdo ele ter trazido só duas latas de filme. E antes que os dois se pegassem no tapa, Jamil decidiu abortar a missão.

⁵³ Vide “Apêndices” no final do livro.

Sendo assim, para a nova filmagem, Jamil teve a idéia de convidar o ator Othon Bastos, que já era um medalhão nacional, principalmente por suas atuações nos filmes de Glauber Rocha e também pelas novelas que fazia. O cachê era bom, e Othon acabou aceitando. Para a trilha sonora, Jamil chamaria um dos maiores violonistas brasileiros, Sebastião Tapajós, que na época morava em Curitiba.

O novo lugar escolhido para filmar seria São Luís do Purunã. Então foram para cima de um cânion, o céu bem distante ao fundo, e montaram o set. Sebastião Tapajós sentou-se numa pedra a dois metros do Othon e começou a improvisar uma melodia⁵⁴. Othon, vestindo uma camisa branca de algodão cru, a barba por fazer, como se fosse um roceiro, começou a repassar o texto. Na verdade, ele não tivera tempo para decorá-lo – havia chegado naquela manhã mesmo e já saíra para gravar –, o que desencadeou uma séria angústia em Brustolin.

Depois do texto memorizado, Othon também mostraria dificuldades para interpretá-lo. Declamar aquilo era duro, mesmo para um ator tarimbado como ele. Agora era o Jamil que ficava preocupado.

E, para complicar, tinham as nuvens. O céu estava bastante instável. Às vezes tornava-se nublado, às vezes limpava completamente. Como Brustolin queria filmar com o céu encoberto, para se ter uma luz mais difusa, mais suave, eles precisavam esperar as nuvens ficarem bem em cima deles, e eram obrigados a parar quando elas iam embora.

Fora isso, o Daniel, que tinha ido junto, aprontava a maior bagunça por ali. Com aquele clima tenso, Jaime chamou a atenção dele e de outra criança que brincavam pelo local e já aproveitou para tocar todo mundo que não tivesse nada a ver com a filmagem.

Até que o Brustolin resolveu provocar o Othon, e disse para ele na lata:

“Othon, eu conheço você como um puta dum ator, isso que você está fazendo não tem força nenhuma. Está tudo uma porcaria, entendeu?”

⁵⁴ Essa melodia tornaria-se depois a música “Xingu”, a qual faria parte de um álbum com este mesmo nome, vencedor de prêmio na Alemanha.

Não preciso dizer que o Othon ficou muito bravo com aquilo. Apenas engoliu em seco e voltou a dar o texto, desta vez enfurecido. Brustolin ainda o interrompeu mais uma vez:

“Não está legal não, de novo.”

No sétimo take, morrendo de raiva, Othon enfim chegaria o final de “Meu Paraná eu Faço” do jeito que eles queriam. Após isso até fizeram mais algumas tomadas – no total foram 13 –, mas daí Othon já havia relaxado, Jamil começara a fazer brincadeiras, e por mais que nas outras gravações a qualidade das imagens estivesse até um pouco melhor, nada se comparou à carga dramática (puro ódio) da sétima tomada.

Depois de gravarem era a hora de editar. Na edição, Jaime sentiu que o filme perdia muito do impacto intercalando imagens de pastores, agricultores, plantações, como Jamil tinha pensando no início. Os dois conversaram e decidiram então deixar só aquele único plano do Othon, que começava em plano médio e ia fechando lentamente, até virar um big close no rosto dele no fim do comercial.

Quando os responsáveis pela comunicação do governo, que também cuidavam do marketing da Banestado Corretora, viram o filme, eles adoraram. O próprio governador José Richa gostou tanto daquilo que acabou adotando “Meu Paraná eu Faço” como uma propaganda sua, uma homenagem ao Paraná.

Por esse comercial e mais algumas peças produzidas até o fim de 83, Jamil e a Beta ganhariam várias medalhas do “Prêmio Colunistas Paraná”. “Meu Paraná eu Faço” seria eleito o melhor comercial do ano, a Beta seria eleita a agência revelação e Jamil seria o profissional de propaganda do ano. No jornal *Tablóide do VIII Prêmio Colunistas* (10/03/1984), a jornalista Sílvia Dias escreveria sobre a Beta:

(...) A agência segue princípios singulares de criação, caracterizando-se como uma das mais criativas do mercado. Uma evidência que se reflete num trabalho por vezes até ousado, mas com resultados surpreendentes para seus clientes. Um grupo pequeno de competentes profissionais faz da Beta uma agência muito dinâmica, como afirmam seus diretores ao delinearem a filosofia da agência: ‘pequena, ágil, compacta. Não inchar, não crescer, tocar a ponta dos

pés sem dobrar os joelhos. E, como profissão de fé, anunciar a própria agência sempre que possível (em apenas um ano, a Beta auto-anunciou-se 13 vezes'. (...) Ainda curtindo muito o seu desataque no VIII Prêmio Colunistas, a agência acha que o que distinguiu a Beta nesta premiação foi o fato de estar atuando há apenas três meses quando da realização do julgamento. Segundo ela, isso veio comprovar que o trabalho bem dirigido mesmo numa agência pequena dá bons resultados. E se tem coisa que não se abre mão na Beta é da criatividade. 'Perca o cliente, mas não perca a idéia' – é o lema da criação. Se o cliente não acompanha, deixe o cliente para trás. Nunca afrouxe a marcha para acompanhá-lo".

Em 1984, Jamil continuaria sua escalada na criação de anúncios premiados. Escreveu a polêmica "Propaganda em Tempos Bicudos"⁵⁵ (no qual aconselhava seus clientes a economizarem na produção: "se você pode fazer um bom folheto com uma única cor, elimine cores adicionais"), "A Melhor Hora de Mudar de Agência", "Provérbio chinês", entre outros. Este ano Jamil também foi escolhido para assumir a coordenação das campanhas do governo do estado e, por isso, teve que deixar de atender qualquer conta oficial. Segundo Aramis Millarch:

No governo do estado, Jamil passa a ser uma opinião de grande peso em relação as campanhas oficiais. Com sua experiência e bom senso, caberá a ele sentir a oportunidade das grandes aplicações publicitária - evitando desperdício ou campanhas infelizes, como aconteceram no passado. O governador José Richa tem particular apreço por Snege: foi um dos publicitários que mais colaborou em sua campanha ao governo do Estado, criando slogans, anúncios e dando preciosas sugestões. Sem nunca ter pedido nada em troca. (*O Estado do Paraná*, 7 de julho de 1984).

⁵⁵ Ver "Apêndice" no final do livro.

NASCE O “PIMPO”

Jamil e Vera casaram-se oficialmente em junho de 1985. Algum tempo depois, Jamil avisava para o Daniel: “Você vai ter um irmão em breve”. No dia 12 de fevereiro de 1986, nascia Jean Marcel Snege, que seria apelidado carinhosamente de “Pimpo”, pelo pai.

Nessa época, Jamil morava com a Vera no apartamento dela, que ela havia comprado no mesmo prédio que o dele, no Edifício Monções, no terceiro andar. Sendo assim, com o apartamento do Jamil vago, quem se mudaria para lá foi o Daniel, então com dezesseis anos, e que desejava morar sozinho.

Jamil, entretanto, não quis deixar o filho completamente só, ainda mais naquela fase brava de adolescência, e por isso contratou uma governanta para vigiá-lo: a dona Tecla, uma senhora ucraniana. (Segundo Daniel, Jamil fez questão de contratar uma senhora de idade justamente “para que ele não tivesse a sua iniciação sexual com empregadas”). Dona Tecla lavava, passava e fazia comida, de forma que, muitas vezes, a família toda ia almoçar no Daniel. Era um tempo feliz, em que todos estavam animados com o a chegada do bebê.

Desde 1983, a Beta vinha crescendo rapidamente e acumulando vários prêmios. Três anos depois, ela já possuía o status da agência do momento, aquela em que todos os novos publicitários queriam estagiar. Chegou uma hora em que aumentavam as contas atendidas, eles precisavam contratar novos funcionários, mas simplesmente não havia mais espaço para acomodá-los. A sede na Carlos de Carvalho estava pequena para o que a Beta havia se tornado. Com isso, na metade de 1986 eles migrariam para um novo lugar no bairro das Mercês, mais precisamente na rua Isaías Bevilaqua, 37, em frente ao prédio da Exclam.

Bem maior do que a antiga sede, a casa chegava a ser grande demais. Na parte da frente ficava o departamento de mídia, sob a responsabilidade do Juarez Petterle. Vera ficava no andar de cima, atuando na parte administrativa e financeira. Já o coração da empresa, os departamento de criação e arte ficavam na sala dos fundos. Quem trabalhava lá eram basicamente o Jamil, Massaharu Fukushima (diretor de arte), Paulo Costa (produtor eletrônico), Karin Janz (arte-final), Erika Branco (estagiária em arte final), entre outros que entraram e saíram em pouco tempo. Havia também o “Birinha”, que era um faz-tudo e por isso não tinha uma sala específica, e o guardião da Beta, o seu Arquimedes.

UMA BANANA PARA A PUBLICIDADE

Close de uma banana encapsulada numa camisinha. E o título embaixo: “Um ano evitando prêmios”. Este anúncio simples e polêmico, veiculado no início de 1987 nos principais jornais da cidade, causou furor entre os leitores mais conservadores daqueles periódicos. Apesar da suposta imoralidade, o anúncio só vinha explicar os motivos pelos quais a Beta não havia inscrito nenhum trabalho no Prêmio Colunistas ou em qualquer outro concurso no ano de 1986. De acordo com o texto, a Beta passara aquele ano em silêncio, mas trabalhando duro, aumentando o seu capital, contratando novos talentos, informatizando setores. “De apenas criativa, a Beta tornou-se uma agência forte”, concluía.

Mas além de tocar a agência para frente, Jamil não abandonava de todo o jornalismo e a literatura. Ao longo dos anos 80, ele colaboraria com *O Estado do Paraná* escrevendo crônicas e matérias especiais, e a partir de 1987 contribuiria também com o *Jornal Nicolau*, recém fundando pelo amigo Wilson Bueno. A publicação reuniria desde o princípio grandes nomes nacionais e internacionais de diversas áreas da cultura, especialmente da literatura. Para o primeiro número, que saiu em julho, Jamil publicaria o texto “Estou vomitando você, meu bem”, o qual mais tarde faria parte de seu livro “O jardim, a tempestade”.

No final de 1987, o amigo Fábio Campana, então assessor de comunicação do governador Alvaro Dias, precisava que Jamil fizesse um comercial relativo às obras do primeiro ano de governo. No entanto, Jamil achava que, por toda crise pela qual passavam os estados e municípios, na verdade não existiam muitas obras sendo feitas. Aquele era mais um ano político, de acomodação, além do que, fazer

pontes e viadutos, aquela febre do Brasil grande, no auge da ditadura, já era passado.

Jamil então resolveu produzir uma mensagem de fim de ano mais introspectiva, nas suas palavras, “roçando assim um pouco a emoção”. Sua idéia foi fazer um texto poético, interpretado por um ator de peso, tal qual em “Meu Paraná eu Faço”. Jamil propôs isso ao Fábio que, imediatamente, comprou a idéia. Jamil então chamou a atriz e mímica Denise Stoklos para a interpretação e convidou novamente o Jaime Brustolin para a filmagem.

O comercial seria gravado no estúdio do Kalkbrenner e teria um clima bastante teatral. Com um fundo infinito, tudo escuro, apenas uma luz lateral iluminava a atriz, que ia interpretando com mímicas, o texto narrado pelo locutor Reinaldo Gonzaga. Tudo isso ainda era embalado por uma trilha sonora composta por Marinho Galera, o que, no fim, criou uma atmosfera bastante lírica. O comercial daria tão certo que depois Jamil e Brustolin faturariam por ele o prêmio “Profissionais do ano”, promovido pela rede Globo.

Pois bem. Depois de toda uma escalada meteórica da Beta em direção ao sucesso, o ano de 1989 marcaria no Jamil um profundo desgosto pela publicidade e pelas coisas que permeavam a realidade brasileira. Some-se a isso o fato de que em julho ele completaria 50 anos – Jamil entrava novamente num período de crise. O texto a seguir, que ele publicou no jornal *Espaço de Comunicação* em 31 de março, esclarece muita coisa:

Uma Agência Pouco Recomendável

Se eu fosse cliente, eu não daria minha conta à Beta.

Há outras agências menos idiossincráticas, mais fáceis de se lidar. E propaganda por propaganda, no fim dá tudo na mesma. Vende-se, engana-se, ganha-se prêmio – nada mais que isso. Nossa era de cultura descartável pouco exige dos gregos e troianos. Somos ótimos, criativos, talentosos até o próximo domingo. Segunda-feira aparece uma agência A-ha qualquer e os críticos batem

palminhas jubilosas anunciando uma nova revolução na publicidade. Até uma segunda-feira qualquer.

A Beta é o que? Uma agência, como muitas, que gostaria de mudar o mundo e jamais poderá fazê-lo. Vive-se a esperança de abrir linhas de crédito à dignidade humana, seja em educação, saúde, alimentos não contaminados, salários duráveis. Vive-se a esperança de “vender” ao povo bons produtos – como se os responsáveis pela produção de tais artigos no Brasil estivessem realmente interessados em fabricá-los numa escala socialmente significativa.

Nessa era de espertezas, na qual governo e iniciativa privada disputam entre si quem lesará mais calamitosamente o povo, à publicidade sobra o desprezível papel de agenciadora de incautos. É o que fazemos atualmente. Servimos um sistema que assassina Chico Mendes⁵⁶ em Xapuri e ergue um memorial em sua homenagem em Curitiba. Um sistema que trabalha para transformar em objetos de devoção todas as vozes incômodas, inconformadas, indignadas que num grito de desesperada rebeldia – levantam-se contra a devastação, a depredação, o roubo, as mordomias. Chico Mendes continuará clamando no Bosque Gutierrez, para o encanto das tardes de domingo em Curitiba. Uma voz de pedra, sobre a qual políticos gravam seus nomes e cachorros fazem xixi.

Estou sendo muito cáustico? Espero que sim. Não ando com nem um pingão de vontade de falar sobre comunicação no Brasil. Muito menos sobre publicidade, essa irmã venal das outras técnicas de divulgação. Particularmente aqui, em Curitiba, onde cada vez torna-se mais difícil transitar com o carimbo de publicitário sem sentir um certo ardor avermelhando nossa cara deslavada.

Senhores clientes: para negócios de propaganda, dirijam-se ao guichê de qualquer das mais de cem agências sindicalizadas do Paraná. Esqueçam a Beta. Pelo menos, por enquanto.

⁵⁶ Chico Mendes havia falecido em 22 de dezembro de 1988.

A partir daquele ano, Jamil nunca mais inscreveria a Beta em concurso algum, assim como nunca mais correria atrás de cliente. Jamil só faria o que tinha vontade.

Mas se com relação à publicidade as coisas não iam bem, para a literatura 1989 seria um ano produtivo. Em junho, mesmo mês em que Paulo Leminski⁵⁷ morria de cirrose, Jamil reuniu boa parte dos textos que havia publicado no jornal Nicolau desde 1987 e publicou, novamente por conta própria, “O jardim, a tempestade”. O livro imediatamente recebeu ótimas críticas de gente de peso do meio literário brasileiro: Fausto Cunha, Léo Gilson Ribeiro, Antônio Alvarez, Boris Schnaidermann, entre outros.

Fazendo uso de parágrafos curtos e frases bastante sintéticas, Jamil diria que em “O jardim, a tempestade”, desejava transpor a técnica do texto publicitário para a literatura. No entanto, essa forma dita publicitária não implicaria uma facilidade para a sua leitura. O vocabulário do livro é bastante elevado, as imagens são ora grotescas, ora extremamente líricas – às vezes tudo isso ao mesmo tempo. O próprio Jamil depois reconheceria o certo hermetismo daquela sua obra: “Os discursos e a acuidade de códigos presentes em ‘O jardim, a tempestade’ são destinados para aquelas pessoas que, como eu, também escrevem”⁵⁸, diria.

Em dezembro, Jamil escreveu e mandou imprimir “Senhor”, livro que ele apenas enviou para amigos e clientes seletos da Beta como um presente de Natal. Depois de receber e ler o livro, Solda ligaria para o Turco:

⁵⁷ Segundo Wilson Bueno, a rixa entre Leminski e Jamil por causa de Alice Ruiz nunca chegaria a desaparecer completamente. Wilson lembra quando pediu para o Leminski ler o texto “Rainha”, que havia saído no *Jornal Nicolau* e que depois figuraria em “O jardim, a tempestade”. No dia seguinte, quando os dois se encontraram, Leminski lhe diria: “Bueno, sabe o que é desvestir-se de toda essa coisa pequena: mulher, meio, amores, rivalidades. Eu fiz isso ontem. Pus o Nicolau em cima da mesa, sentei, invoquei meus deuses orientais, e comecei a ler o texto do Jamil: ‘Se eu fosse mulher, eu seria a Turca dos peitos caídos. Teria um amor açougueiro, um amor bancário, um amor burocrata ...’” Depois de recitar um longuíssimo trecho, Leminski respirou fundo e disse: “Olha Bueno, quero te dizer o seguinte: boa vontade igual essa... mas não é um bom escritor”.

⁵⁸ *Jornal Indústria e Comércio*, 31 de outubro de 1989.

“Jamil, acabei de ler o ‘Senhor’. Puxa, que bonito, me fez muito bem ter lido esse livro!”

E o Jamil, com todo o sarcasmo que lhe era particular, respondeu:

“É Solda, você devia estar mal mesmo...”

“Senhor” tratava-se uma conversa franca (e poética) com ninguém menos do que a “entidade suprema”, e era diferente de tudo o que Jamil já havia produzido anteriormente. Sobre o livro, Jamil diria: “As dúvidas que eu tinha com Deus eu coloquei nesses 22 pequenos textos”. Segundo ele, ali tinham se esgotado todas suas inquietações com relação à fé.

QUANDO POLÍTICOS VIRAM LUTADORES DE BOXE

1990 era ano de eleições. Época de escolher senadores, deputados e governadores da nação “Bruzundanga”, como diria Lima Barreto. Fernando Collor de Mello no ano passado já havia sido eleito nosso presidente e, por conta dele, logo no início de seu governo, muitos brasileiros sofreram um grande abalo do dia para noite. Jamil e Polaco Victor, entre eles.

Em sociedade, os dois haviam montado um bar na praia de Itapema, em Santa Catarina. “Chopfest”, como era chamado, foi todo construído e decorado por Victor em estilo havaiano. O plano era esperar o bar se valorizar e vendê-lo rapidamente.

Apesar do Polaco, a contragosto do Jamil, ter colocado a própria família para tocar o empreendimento (o que gerava certos desconfortos, do tipo demora na entrega dos pratos, falta de higiene, etc.), o “Chopsfest” estava realmente dando certo. Principalmente porque era um lugar diferente e eles estavam em alta temporada de verão.

Logo apareceria gente interessada em adquirir o negócio. Só que ao invés de venderem logo o bar, Jamil pediu a Victor para eles aguardarem um pouco mais, até conseguirem um preço melhor. O problema foi que essa ganância do Turco não previa que no dia 15 de março, numa desesperada tentativa de aplacar a inflação que chegava a 90% ao mês, entraria em vigor o fatídico “Plano Collor”, que de uma hora para outra, determinava que todo o dinheiro nos bancos deveria ser retido. Dinheiro nenhum entrava ou saía. E agora, como é que alguém poderia comprar o “Chopfest”? Resultado: acabaram largando o bar e amargando prejuízo.

No entanto, com essa maré “collorida”, também não foram só desgraças que vieram desaguar na praia do Jamil. Tal qual um cachalote perdido ou um pingüim desgarrado, um dia apareceu na Isaias Bevilaqua um garotão querendo ser senador. Chamava-se Antônio Celso Garcia, mais conhecido como “Tony”. Jamil na verdade já o conhecia da época da agência Múltipla, quando Tony fez uma rápida passagem por lá trabalhando como contato. Agora os dois se reencontravam e esse rapaz abonado e sem experiência política nenhuma queria que o Jamil fizesse a sua campanha para o senado. Ele sairia pelo PRN, o mesmo partido de Fernando Collor.

Pouco antes da campanha começar, Jamil chamaria o Tony para uma conversa séria, em particular na agência.

[Mefistófeles] Olha, antes da gente começar qualquer coisa eu preciso saber: você quer que eu faça uma campanha pra você ganhar ou só pra você participar?

[Tony]: Eu quero ganhar, claro!

[Mefistófeles]: Não, porque se você quiser só participar, a gente faz. Agora, se você quiser ganhar, vai ter que confiar em mim...

[Tony]: Mas eu confio, eu quero ser senador!

[Mefistófeles]: Você vai ter que fazer tudo que eu lhe disser...

[Tony]: Eu faço...

[Mefistófeles]: Então deixa comigo.

A partir de agora, do dia para a noite, Jamil teria que transformar aquele jovem desconhecido num rival a altura de disputar o páreo com ninguém menos do que Maurício Fruet (ex-prefeito de Curitiba), Paulo Pimentel (ex-governador do Paraná), Waldir Pugliese (ex-deputado) e José Eduardo Vieira, o todo-poderoso comandante do banco Bamerindus. Seria uma batalha difícil. Apesar de Tony ser um garoto inteligente, rápido para captar as coisas, pela sua elevada condição social, sobre coisas práticas do cotidiano ele estava um tanto alheio. Logo de início, pegaram no pé dele numa entrevista para a televisão. Isso porque ele não sabia

quanto custava o preço de um pãozinho e ainda trocou o nome da então moeda brasileira de cruzeiro para cruzado.

Vendo que não seria no discurso que poderia conseguir resultados positivos com o seu candidato, Jamil decidiu então apelar para a imagem. Tony era um rapaz novo, boa pinta, com cara de herói – tal qual o presidente recém-eleito. Aí era que estava o ouro. Então Jamil chegou para ele e disse:

“Olha, nós vamos fazer uma coisa: uma luta de boxe. Você vai representar o candidato que luta contra as raposas velhas da política paranaense”. E o Tony, pasmem, aceitou. Assim foram para um estúdio, montaram um ringue, e ele encarnou uma espécie de “Rocky Balboa”

A campanha seguiria por essa linha. Em um comercial, Tony quebraria as cabeças dos marajás com um martelo; em outro, apareceria com uma estaca na mão: era o caçador de vampiros, e assim foi.

Com o passar dos dias, as pesquisas foram apontando mudanças nas preferências dos eleitores. Paulo Pimentel, que a princípio estava no topo, começou a cair. A força do Bamerindus passou a fazer diferença e José Eduardo foi subindo, da mesma forma como, para a surpresa de todos, quem subia também era o Tony, que com aquelas maluquices, ganhava mais e mais popularidade. Logo, estava em segundo lugar nas pesquisas, só atrás do “homem do chapéu”.

Mas não pensem que foi só através da publicidade que o Tony conseguia aqueles resultados. Por trás disso, havia muita gente batalhando dia e noite no corpo a corpo. Jamil inclusive mobilizou funcionários da própria agência para atuar exclusivamente na campanha. Bira e Daniel, que desde 1989 trabalhava com o pai, passaram até a fazer parte do comitê jovem do PRN.

Por tudo isso, no dia 9 de outubro, quando saíram os resultados, foi uma enorme frustração para o Jamil e todo o pessoal da Beta, que realmente acreditavam que poderiam vencer aquelas eleições. José Eduardo ficou em primeiro lugar, com 23,6%, dos votos, enquanto Tony viria em segundo, com 15,7%. Maurício Fruet ficou em terceiro e Paulo Pimentel em quarto.

Se naquele ano houvesse vaga para dois senadores, Tony estaria dentro. Além disso, como Jamil gostava de frisar, de acordo com as pesquisas, se eles

tivessem mais uma semana de tempo, Tony teria virado o jogo. Seu eleitorado crescia substancialmente dia a dia, ao contrário do de José Eduardo, que vinha caindo.

Sendo assim, nem tudo foi perdido. Se Tony não ganhou o senado como queria, acabou ganhando algo tão importante quanto: visibilidade política. Com uma campanha feita de poucos recursos, na base da ousadia e do trabalho duro de poucos abnegados, Tony conquistou mais de 690 mil votos, o que era algo bastante encorajador. Portanto já estava decidido: no ano seguinte seria hora de tentar a prefeitura.

Em 1991, Jamil se dedica quase que exclusivamente ao marketing político. Cuida de toda a campanha do Tortato à prefeitura de Paranaguá e, em Curitiba, novamente da campanha do Tony Garcia, agora para a prefeitura. Entretanto, essa não seguiria pela mesma linha de antes. Jamil não possuía tanta autonomia para fazer as suas ousadias. Havia outros marqueteiros envolvidos e Tony também procurava se estabelecer naquele momento como um candidato mais sério, mais convencional.

Em compensação, Jamil naquele ano conheceu o jovem Marcelo Almeida, engenheiro recém-formado, filho do empresário Cecílio Rego Almeida, e que queria ser vereador. Este seria mais um candidato que estaria aberto para todas as idéias do Jamil. Outra vez o Turco aliaria o tipo físico daquele jovem à promessa de mudança, de novidade no meio político. Marcelo lembra dos primeiros conselhos que recebeu, ligados à aparência que ele deveria adotar dali em diante:

“Na fotografia, você não pode estar com a cara lisa, que nem bundinha de neném. Vão te achar muito novo. Tampouco você pode estar barbudo; vão te tirar para sindicalista. Você tem que estar com aquela barba recém-despontando. É quando você tem um aspecto melhor”, dizia Jamil. “E você nunca use camisa muito listrada ou xadrez. Não fotografa bem. Use sempre camisa azul”.

Marcelo seguia tudo à risca. Em outro momento, os conselhos de Jamil eram sobre conteúdo:

“Vamos ler o quê?”, perguntava Jamil. “Tem que ler Harvey Cox: ‘A cidade do homem’. Que mais que você tem que ler? Gabriel García Marquez, ‘Cem Anos de

Solidão’, ‘Amor nos tempos de cólera. Você só vai ser na vida aquilo que você lê, Marcelo”.

Marcelo passava então a freqüentar a Beta direto. Ficava lá, só olhando e escutando, tentando absorver tudo o que podia do Jamil. Ele confessa que, no início, mais parecia um mosquito, querendo sugá-lo o tempo todo:

“Jamil, me dá uma idéia”, pedia ele.

Jamil dizia uma coisa e o Marcelo saía correndo com aquilo. Ele se recorda quando pediu ao Jamil que ele escrevesse umas cartas para os seus possíveis eleitores. A carta que Jamil produziu começava mais ou menos assim:

“Fulano, tudo bem? Vá catar coquinho”.

Marcelo conta que, na hora, pensou que o Jamil estivesse louco. Antes de enviar aquela carta, ele ainda decidiu mostrar o texto para a sua mãe, que também não gostou daquilo. Marcelo voltaria para o Jamil:

“Jamil, minha mãe não gostou da carta”.

“Não importa a tua mãe. O voto dela não é importante. Eu quero voto de gente velha”.

“Gente velha?”

“É, ‘catar coquinho’ ninguém entende. Isso é coisa de cinquenta anos atrás. Dê para a sua avó.”

Marcelo chega a entrega a carta para a velhinha. Ela pega os óculos e começa a ler. Fica impressionada com o texto.

“Nossa, que bárbaro, coisa mais linda isso aqui!”

O restante da carta era mais ou menos assim:

“...Vá catar coquinho. Você sabe que eu estou num ano de eleição, e eu queria fazer o que a gente fazia quando era pequeno. Catar coquinho, catar pinhão. A gente começa, pega um pouco de pinhão. Depois mexe um pouco na grama, procura, é mais um punhado de pinhão. Logo ali atrás da árvore, é mais outro tanto que se consegue. Quando você vê, está cheio de pinhão na mão e volta para casa. Igual coquinho. É um coquinho aqui, outro ali. ‘Vá catar coquinho’. Essa é a maneira delicada de eu pedir que você me ajude na minha campanha. Um voto eu tenho de monte. Mas um monte de votos só você pode me dar.”

Diante da reação positiva da avó, Marcelo então remeteu aquela carta para as pessoas de uma certa idade e que, segundo o Jamil, seriam os seus multiplicadores de votos.

Depois disso, Marcelo queria fazer algo para conquistar eleitores mais jovens, da mesma faixa etária que dele. Pensou então em organizar alguma festa. Jamil achou ótimo, e deu a idéia deles fazerem uma festa temática, chamada “Camisetas e Camisinhas”. Na entrada você comprava uma camiseta do Marcelo para ajudar na campanha. Na saída você ganhava um preservativo em cuja caixinha estaria escrito simplesmente: “Ponha nele e vote em mim.” E assim fizeram, e todo mundo gostou.

Em outubro de 92 o saldo das campanhas para Jamil seria positivo. Tanto Marcelo como Tortato venceriam em seus pleitos. Em contrapartida, ainda não seria daquela vez que Tony iria ganhar uma eleição. Com o apoio de Jaime Lerner, quem levou a prefeitura de Curitiba foi Rafael Greca.

O EXÉRCITO BRANCALEONE

Houve uma época na Beta em que existiam figuras muito *sui generis* trabalhando com o Jamil. Não era à toa que ele chamava seus funcionários de “meu exército Brancaleone”. Era cada um, que parecia saído mesmo do filme do Mario Monicelli. Por conta disso, todo dia acontecia alguma coisa absurda, ou no mínimo engraçada na Beta. Como a vez em que o Birinha decidiu explodir uma bomba no terreno atrás da agência, por exemplo.

Essa é uma história meio mal contada, mas basta saber que o Bira tinha um amigo, o qual, sabe-se lá como e para quê, havia conseguido umas bananas de dinamite e umas caixas de espoleta. Uma vez, os dois passavam pela praça Osório e, por acaso, o amigo do Bira portava uma daquelas bananas com ele. Pois não é que esse indivíduo teve a brilhante idéia de soltar uma dinamite dentro do chafariz? (Segundo o Bira, mesmo dentro d’água a dinamite não apaga). Enfim, eles jogaram a bomba e saíram andando, calmamente. Dali a pouco, aquele estouro, todo mundo assustado – levantou água a uns cinco metros de altura – e os dois gaiatos continuaram caminhando, fingindo que não era com eles.

O caso é que parte desses explosivos mais tarde acabariam ficando com o Bira para ele guardar e, ele, que na época morava nos fundos da agência, acabou os escondendo lá. Passou um tempo, foram contratados na Beta dois irmãos para fazer o serviço de office-boy, o Marquinhos e o Ney, e, um dia, quando eles ajudavam o Bira a arrumar umas coisas na parte de trás da agência, acabaram encontrando as tais bombas.

Segundo Bira, foi o Ney quem começou a “botar pilha” para explodir aquilo. Na verdade, as dinamites já haviam acabado, mas com as espoletas que ainda restavam daria para desmanchá-las e construir umas bombas caseiras. Pois foi o

que fizeram. Pegaram uma latinha de massa de tomate e foram colocando: uma camada de pólvora, outra de parafina e por último o estopim. Depois levaram o artefato para uma pracinha perto da agência. Colocaram a bomba no meio da quadra de futebol, acenderam e ficaram de longe só esperando a explosão. O negócio explodiu como o esperado, mas eles não ficaram satisfeitos. Os três cavaleiros do apocalipse decidiram então voltar na agência e preparar algo ainda mais devastador.

Para isso pegaram pregos, arranjaram mais um bocado de pólvora, reuniram tudo o que poderia deixar o explosivo ainda mais poderoso. No final, já aproveitaram e prepararam não uma, mas duas bombas, com alto poder de destruição. Então eles só precisavam achar um alvo mais adequado, mais interessante do que uma reles quadra vazia. Mas o quê? Afinal, não iriam desperdiçar aquilo tudo em vão. A resposta estava bem diante deles. Nos o fundo da Beta, no terreno ao lado, havia uma casa abandonada que antigamente servia de jardim de infância. Os três esfregaram as mãos de contentamento. Deram a volta na quadra e pularam para aquele terreno. Entraram na casa e depositaram a bomba bem na cozinha. Acenderam e voltaram para a agência. Pelos cálculos deles, a bomba demoraria uns vinte minutos para explodir, afinal eles haviam colocado um metro e meio de estopim. Na Beta, fizeram questão de passar na frente do Jamil e dos colegas para mostrar que não teriam nenhuma relação com o desastre que estava prestes a vir, e foram esperar o “acontecimento” no mocó que servia de quarto para o Bira.

Os três estavam apreensivos. “Vai explodir, vai explodir...”, diziam uns para os outros. Bira só lembra que, coincidentemente, justo na hora que o Ney foi sentar numa cadeira, o negócio detonou. Os três empalideceram na hora: “O quê que a gente fez?” Foi um barulho tão grande, tão grande, que correu todo mundo para o quintal pra ver o que tinha acontecido. Alguns especulavam: “deve ter sido um bujão de gás que explodiu!”, mas ninguém sabia ao certo. A rua em frente à casa logo ficou tomada de gente, a vizinhança inteira estava lá, acionaram até os bombeiros.

Mortos de medo, Bira, Ney e Marquinhos nem pensariam em se aproximar do local do crime. Só iriam conferir o estrago na casa uma semana depois, para que

Eliseu, que era um sujeito corpulento, nem tinha visto onde tinha sentado, não sabia de onde podia vir aquele som. E o Jamil:

“Senta Eliseu!”

E ele sentava de novo e o barulho ficava ainda maior.

O que essa almofada renderia depois... Jamil faria questão de pegar todo mundo, principalmente os políticos que iam lá se aconselhar com ele.

Outro episódio interessante aconteceu com o Massaharu Fukushima, que era ilustrador e programador gráfico. Uma manhã, ele estava fazendo um desenho para uma campanha e todo mundo do estúdio – Arthur, Waldir, Fernando Wagner, Karin e o Jamil, que também quando queria ser chato era imbatível – começou a fazer a maior pressão sobre ele. Davam palpites, não o deixavam trabalhar em paz.

Acontece que o Massa era uma pessoa muito contida, ele não era de brigar com os outros. Então como não seria do feitio dele pegar e xingar todo mundo, Massa simplesmente levantou da cadeira e foi até o fim do corredor da agência. Ninguém entendeu nada. Dali a pouco só deu para escutar um barulho horrível, uma pancada seca contra a parede, mais o som de um osso partindo. Jamil correu para ver e voltou com o Massa, completamente branco, com uma cara estranha, sem dizer uma palavra, apenas segurando a mão direita toda arrebitada.

“Olha eu vou levar o Massa no hospital”, disse Jamil, e saíram os dois.

No final de tarde, Massa já estava de volta à agência com a mão direita imobilizada, graças a uma fratura exposta no metacarpo. Todos assistiriam perplexos ao japonês começando a esboçar alguns desenhos com a mão esquerda. Massa fazia alguns traços e já jogava fora. Porém dali a quatro, cinco dias, já desenhava com a esquerda quase tão bem quanto com a direita. Inclusive, conseguiria terminar a campanha que estava fazendo daquela forma.

A PORÇÃO FEMININA DO TURCO

Em 1994, Tony Garcia tentaria o senado novamente. Acontece que, para isso, ele precisava compor uma chapa completa e proporcional, e faltava alguém para ser o candidato a governador pelo PRN. Tony já havia sondando algumas pessoas, mas em vão – para ocupar esse cargo de “laranja” todos queriam dinheiro alto. Até que um dia ele teve a idéia de convidar uma funcionária sua para a empreitada. Seu nome era Rosimere Kredens, que a princípio não aceitou, mas diante da promessa de que ela nem precisaria aparecer – Tony utilizaria o espaço dela na tv – ela acabou topando.

Todavia, inesperadamente, naquele ano mudou a lei. Todo candidato ficava obrigado a usar o seu horário, que era intransferível. O pessoal do partido pensou então em usar a Rose para desestabilizar os outros candidatos. Mas diante disso, o Jamil, que fazia tanto a campanha do Tony como a dela, foi contra:

“Não, se for pra ser assim eu não vou fazer nada. Ela vai ter que ter uma linha. Não vai ficar só de laranja”. O partido acabou concordando, e Rose então sugeriu:

“Olha, Jamil, então eu gostaria de fazer um programa direcionado às mulheres. Porque finalmente eu vou ter a oportunidade de falar o que eu penso em público”.

“Ótimo, vamos manter essa linha então”, disse Jamil.

E como Rose já conhecia as maluquices que Jamil era capaz, fez questão de logo avisar para ele:

“Jamil, eu confio em você, topo as suas idéias, mas só não quero ser desmoralizada. Tenho família, sou casada, tenho filhos pequenos. Quero que você nunca se esqueça disso”. Segundo Rosimere, o que ela menos queria era terminar

como uma outra candidata laranja à prefeitura de Curitiba, que certa vez teria dito num programa, reclamando das críticas recebidas: “Esses homens ficam metendo o pau em mim, que metam pela frente, não metam por trás”.

2 de agosto foi o dia da primeira gravação dos comerciais, que seriam feitos nos estúdios da TV Gazeta. Jamil chegou uma meia hora antes e foi conversar com Rosemeri:

“Bom, você quer falar das mulheres, né ? Tudo bem, mas só falar como todo candidato fala, não dá resultado. ‘Meu nome é Rosemeri e vocês têm que votar nas mulheres por que blá blá blá’. Não. Isso é monótono, cansativo. Você tem que falar de uma forma que chame atenção, que apareça. E para aparecer tem que fazer estripulias”.

Jamil então foi para um canto e começou a bater na máquina de escrever o script para dali a pouco. Ele começaria assim:

Rose falando em off (cadeira com lingerie)

“Para muitos homens, mulher é apenas recheio de lingerie. Para ser usada duas ou três vezes por semana, de preferência sem nenhuma embalagem. Fora dessas ocasiões, mulher é faxineira, lavadeira, babá, cozinheira, arrumadeira, copeira, enfermeira, burro de carga”.

E continuaria:

“Enquanto isso, os senhores maridos fazem pose. Tratam das coisas sérias, tomam decisões importantes, dirigem suas vidas e exigem a nossa participação e a nossa dedicação em tudo o que é importante para eles. E nós? Será que o único papel da mulher é lavar a roupa dos homens? É por isso que sou candidata ao Governo do Estado. Quero fazer do meu grito de rebeldia o grito de todas as mulheres.

Para então finalizar:

... no momento oportuno mostrarei que tenho tanta capacidade quanto eles para gerir o nosso estado – apesar de saber descascar batatas e limpar banheiro”.

Rose quando leu aquilo ficou um pouco nervosa, mas adorou a idéia. Ela que nunca tinha sido atriz, acabaria interpretando o texto muito melhor do que Jamil havia imaginado. Do outro lado da cabine o Turco vibrava.

A repercussão do comercial seria imediata. No dia seguinte, todo mundo estava comentando, Rose recebeu uma enxurrada de telefonemas, telegramas com felicitações, vários jornais publicaram notas, matérias a respeito. O fato repercutiria até fora do Paraná. O jornal *O Estado de S. Paulo* publicaria: ARTIGO DE LINGERIE ANIMA CAMPANHA DE TV NO PARANÁ.

No segundo comercial, Jamil faria Rose descascar batatas diante das câmeras e dizer que até mesmo uma dona de casa como ela também teria capacidade para governar o estado. No final, Rose provocava: “Olhem minhas batatas. Será que o Jaime Lerner e o Alvaro Dias conseguem descascar uma batata?”.

Pronto, no dia seguinte mais reboliço, com direito às esposas do Jaime e do Alvaro saindo em defesa dos seus maridos, alegando que, sim, eles também ajudavam em algumas tarefas domésticas ...

À medida que os comerciais iam saindo, nos quais ela continuava aprontando inúmeras coisas (comeu uma folha de alface para falar da importância da agricultura de subsistência, vestiu-se de noiva para pedir que o eleitor votasse numa candidata “pura”), Rose foi virando uma celebridade. As pessoas lhe paravam na rua, pediam autógrafo. Além disso, ela começaria a receber dossiês de secretarias, denúncias de pessoas, que realmente acreditavam nela como uma candidata viável.

Isso tudo, claro, imediatamente refletiu-se nas pesquisas. De oito candidatos, Rose aparecia em quarto lugar. Jaime Lerner e Alvaro Dias estavam praticamente empatados com aproximadamente 40% das intenções de voto cada

um; Samek vinha em terceiro com 2%, e Rosemeri em quarto, com 1%. Quer dizer, nesse panorama, ela estava anos luz dos outros quatro “laranjas”: Orlando Kulkamp, Jaime Kreusch, Vicente Carlos da Silva e José Antônio Cardoso, que só davam “traço” nas pesquisas, e ainda estava em franca disputa do terceiro lugar com o Samek, um candidato muito mais experiente do que ela e com o Partido dos Trabalhadores por trás.

Para conversar sobre o futuro da sua campanha, Rose passaria a visitar com frequência a Beta, e com isso ia conhecendo melhor o espírito do Jamil. Segundo ela:

“Quando ouvi falar em Jamil Snege pela primeira vez, imaginava uma pessoa toda certinha, bem arrumada – afinal, era um cara culto, havia escrito vários livros... Quando o conheci pessoalmente, me deparei com uma pessoa totalmente diferente. Ele era completamente desbocado e uma pessoa super amiga”.

Rose lembra também da impressão que teve do escritório do Jamil:

“Uma zona. Jamil possuía várias mesas espalhadas pela Beta, cheias de papéis, livros, e em cada uma delas continha no mínimo dois cinzeiros, completamente abarrotados de bitucas de cigarro. E como em cada mesa havia um projeto, naquela bagunça ninguém podia mexer. Podia-se limpar o chão e só”. (Sobre isso, Jamil diria em mais de uma ocasião: “Minha mesa reproduz externamente o que guardo dentro da cabeça”).

Numa das mesas que possuía um tampo de vidro, Jamil aproveitava para exibir suas criaturas, legítimos “Franksteins”. Jamil pegava os santinhos dos seus candidatos e fazia montagens. Recortava o cabelo da Rose e colocava no Roque, o candidato de Paranaguá, que era bem ruivo, vermelho. Então trocava, punha o bigode do Roque na Rose, os olhos do Tony Garcia no rosto do Jaime Lerner, e por aí afora...

Às vezes quando Rose chegava, lá por duas horas da tarde, Jamil estava almoçando – na própria mesa de trabalho com uma marmita de alumínio.

“Qué um pouco? Tá servida?”, perguntava ele. Ou senão, ele a convidava para um café.

Segundo Rose, Jamil estava sempre muito calmo, tanto que às vezes ela tinha a impressão de ele nem estava prestando atenção nela. Jamil ficava quieto, coçando o bigode. De repente, começava a falar e respondia tudo o que ela queria saber. Aí era ela quem pedia para o Jamil se acalmar: “Espera Jamil, deixa eu anotar o que eu você está falando!”

Ela lembra também que a Beta era um verdadeiro ponto de fofocas. Ali se encontrava todo mundo da política: candidatos, gente dos bastidores, jornalistas. “Cada vez que você ia lá você se atualizava politicamente. O que você não sabia lá fora, ali você sabia. O Jamil sempre vinha, falando baixinho: ‘Rose, deixa eu te contar a última...’”, diz Rosemeri.

No dia 19 de agosto, qual não foi a surpresa dos espectadores quando se depararam com Rosemeri no vídeo com um tremendo olho roxo. E ela não comentou nada sobre o assunto. Nesse programa apenas criticou os candidatos que ficavam prometendo milhões de empregos aos paranaenses.

“Vocês acreditam nisso? Eu não acredito. O único emprego que eles garantem é o deles próprios – quatro anos de mordomia, voando com o jatinho do governo pra cá e pra lá. Por isso é que eu não prometo emprego. Eu prometo é desemprego: botar na rua todo esse bando de parasitas que anda pendurado nas tetas do governo!”, bradava ela.

Logo depois do programa, todo mundo especulava: será que a Rosimere apanhou do marido? Foi agredida por algum homem enfurecido pelo seu programa feminista? Ou seria mais uma jogada de marketing?

Dali a pouco liga para a casa da Rose a sogra dela, desesperada:

“Meri, do céu, me diga o que foi aquilo ???”

“Nada, dona Teresa, era maquiagem”.

No outro programa ela apareceria novamente “machucada”, mas sem nada mencionar. Falaria do problema da educação no Brasil e, numa clara provocação ao Alvaro Dias, diria que aqui os professores eram sempre tratados com cavalos e cassetetes.

Jamil faria com que aquele suspense sobre o olho durasse uma semana. Só então viria a explicação:

(Cena: Rosemeri remove o roxo do olho, cuidadosamente. Alterna vários takes.)

Eu sei que muita gente estava curiosa por causa de meu olho roxo. Será que a Rosemeri apanhou do marido? Será que sofreu agressão de algum adversário? Nada disso, gente. Esse olho roxo, que eu usei durante uma semana, é um gesto de solidariedade a muitas mulheres que estão em casa neste momento, com um olho roxo, um lábio partido, um dente quebrado. Escondidas e envergonhadas porque sofreram uma covarde agressão, porque foram espancadas e maltratadas por seus homens – se é que um animal desses merece ser chamado de homem. Dentro de uma semana, dez dias, essas marcas físicas desaparecem. Mas não desaparecem as cicatrizes que marcam a alma de uma mulher.

Esse talvez foi um dos pontos mais altos de toda campanha. Choveram mais inúmeras matérias na *Veja*, *Cláudia*, *ISTOÉ*, *Jornal Nacional*, *Fantástico*, todos comentando a ousadia de uma tal candidata paranaense chamada Rosemeri Kredens. Jamil também seria entrevistado por alguns veículos, e diria coisas como:

“Tudo o que as mulheres se queixaram de mim durante a vida, transferi para o discurso da Rosemeri. É uma catarse para mim.” Questionado sobre a atualidade daquele discurso feminista em plenos anos 90 – sobre isso a imprensa sempre fez pouco caso, acusando Rose de anacronismo ou então de carregar demais nas tintas –, Jamil responderia que na maior parte dos casos a mulher ainda não havia se libertado da discriminação: “As mulheres de melhor extrato social não encontram as barreiras do machismo, que atinge as mais pobres”⁵⁹.

Por tudo isso, quando acabaram as eleições em outubro, com a vitória de Jaime Lerner e Rose confirmando o quarto lugar nos votos, os dois se tornaram grandes amigos. A partir de então ela seria mais uma que sempre passaria na Beta

⁵⁹ *Folha de Londrina*, 2 de outubro de 1994.

para visitá-lo. Certa vez, sabendo que o Jamil fazia coleção de facas – ele adorava fazer arremesso de facas nos fundos da Beta – Rose trouxe um facão da Argentina, de presente, cuja capa era toda revestida de pedrarias. Jamil ficaria muito feliz com aquilo:

“Mas é pra mim mesmo?”, perguntava incrédulo. Diante da tamanha amizade entre eles, Rose faria questão de dizer para a Vera:

“Olha Vera, por favor, nunca tenha ciúme de mim!”

E o Jamil:

“Claro que ela nunca vai ter. Você é mais feia que ela”.

Ainda naquele final ano, Jamil publicaria “Como eu se fiz por si mesmo”, obra que ele anunciava desde 1992⁶⁰ e que ele dizia que já tinha terminado de escrever em 1980. Este livro de memórias ficara na gaveta por todo aquele tempo, até o amigo Fábio Campana ler e incentivá-lo a publicar. A obra sairia pela editora que Fábio e Jamil fundaram em 1994, a Travessa dos Editores⁶¹, e que a princípio funcionava na própria Beta.

As primeiras publicações da Travessa foram o “O Paraíso em Chamas”, do Fábio, “Como eu se fiz...” do Jamil, e “Malvas, frágua e maçarilhas” do Walmor Marcelino. Depois viria a antologia “Encontro das Águas”, a qual reuniu diversos autores, como Fernando Sabino, Dalton Trevisan e João Antônio, e da qual Jamil também faria parte.

⁶⁰ *Jornal Nicolau*, março/abril de 1992.

⁶¹ Batizada assim em homenagem a esta ruazinha que realmente existia na cidade e cujo nome eles achavam curioso.

ÓCIO CRIATIVO

A verdade era que o Jamil só trabalhava depois que todo mundo da agência tinha ido embora. Lá por seis horas é que ele ia começar a produzir os seus textos de publicidade. À tarde, então, Jamil praticamente só enrolava. Recebia os amigos, ficava conversando, arremessando faca no quintal, cuidando da horta, criando lagartas, enfim, inventando moda. Isso, contudo, não era algo negativo. Pelo contrário. Segundo Jamil, isso fazia parte do seu processo criativo. Não era forçando que ele obteria uma grande idéia. De acordo com ele, o principal era apreender com a maior nitidez possível o problema que ele precisava resolver, e então relaxar. A solução viria depois, de forma subconsciente. “Cansei de criar campanhas tomando banho às três horas da manhã. Criar não, mas foi a hora em que a coisa se configurou na minha cabeça, foi aquele insight”⁶², diria ele.

Era por isso que esse aparente lazer podia ser considerado também um trabalho. Nesse período de ócio criativo então, Jamil aproveitaria até para construir algumas coisas, dar vazão a suas habilidades manuais. Como da vez em que decidiu fabricar um banco de praça.

Numa de suas caminhadas pelo Largo da Ordem, Jamil passaria numa loja que vendia materiais de carpintaria e peças de ferro, quando teve a idéia. Mais tarde, na Beta, mandaria o Bira buscar o que ele havia comprado.

“Mas o que é Jamil?”, Bira queria saber.

“Você vai ver depois. Vou inventar moda”, disse ele, simplesmente.

Segundo Bira, Jamil era assim: não contava as coisas direto. Para tudo o que fazia ele criava uma expectativa. Ele tinha prazer em deixar as pessoas curiosas. Nessa época, quem fosse na agência à tarde encontraria o Jamil lá nos fundos,

⁶² Almanaque, *O Estado do Paraná*, 10 de abril de 1988.

lixando madeira. E como tudo ele gostava de fazer aos poucos, na hora em que o pessoal tentava descobrir o que ele estava aprontando, ele parava.

“Por hoje chega”, dizia de repente.

“Mas Jamil, o que você vai fazer aqui?”, alguém perguntava.

“Não, por hoje chega”, se limitava ele a responder. “Cansei, não faço mais”.

Todo mundo tinha então que esperar até o outro dia para descobrir o que ele ia fazer. Naquele ritmo, o banco demoraria uns três meses para terminar. “Foram três meses de agonia”, lembra Bira, “mas depois que ele terminou, ficou muito bom. Ficou perfeito”, conta ele.

Até que um dia, graças a uma idéia do Polaco Victor, Jamil decidiria construir algo um tanto mais complexo. Victor havia comprado uns dormentes e pensava em fazer uma cabana com eles, como a do Daniel Boone⁶³. Ele rabiscou então um desenho para mostrar ao Jamil, que acabou adorando aquilo. Como sempre, encampava todas as idéias do amigo.

Tempo depois, os dois procuravam um lugar para a construção da cabana e terminaram por achar um lugar bem escondido, no bairro de Santa Felicidade. Para se ter uma idéia, a rua, que depois se chamaria Frederico Menegusso, na época não possuía nem nome, era apenas uma picada no meio do mato. Jamil adquiriu então aquele lote de terra, que mais parecia uma selva, e logo após isso Victor e o irmão dele se puseram a limpar o terreno. Na hora de fazer a fundação da choupana, tiveram a idéia também de deixar um espaço para o que seria uma adega subterrânea⁶⁴. O problema foi que durante a escavação desse buraco, Victor acabou caindo e se machucando.

Jamil teve que levá-lo para o hospital e lá constatariam que o Polaco havia trincado uma costela. Alguns dias após esse susto, à revelia dos médicos que diziam para ele repousar, Victor já trabalhava novamente. Jamil algumas vezes também se

⁶³ Daniel Boone (1734 - 1820), pioneiro e caçador americano, cuja vida foi retratada depois num famoso seriado dos anos 60 produzido pela Fox.

⁶⁴ Mais tarde essa adega traria problemas novamente. Eles não sabiam, mas ali embaixo da terra havia um lençol freático. Depois de pronta a adega, toda azulejada, um dia Jamil abriria aquele alçapão e daria de cara com uma piscina de água cristalina.

juntaria à obra, ajudando o Polaco a projetar algumas coisas⁶⁵, como as escadas da casa: uma que conduzia ao andar de cima e a outra que levaria à fatídica adega. Esta última seria uma pequena escada “Santos Dumont”, isto é, aquela desenvolvida pelo pai da aviação, na qual cada degrau tem apenas o espaço para um pé. Jamil confeccionou essa escada sozinho.

Quando a cabana finalmente foi concluída, o que demorou quase um ano, Jamil ficou radiante de alegria e fez questão de levar todos os seus amigos para conhecê-la. O Turco estava realmente entusiasmado com a perspectiva de poder passar algum tempo ali, sozinho, longe da correria da cidade, feito um Henry Thoreau, apenas escrevendo.

Porém no fim de tudo, passada a empolgação inicial, ele acabaria deixando o lugar praticamente abandonado. Segundo Victor, talvez depois Jamil tenha achado o ambiente lúgubre, soturno, afinal era uma choupana toda de madeira escura, no meio daquele mato. Imagine à noite, como seria. Ainda mais quando o caseiro que Jamil contratou para tomar conta da cabana acabou se suicidando nela. Agora é que ele não ia para lá mesmo.

⁶⁵ Posteriormente, Jamil mandaria construir um sobrado de alvenaria atrás da cabana. No primeiro andar ficava uma cozinha com uma espécie de salão de festa, e no segundo, um quarto com suíte. O detalhe curioso é que Jamil projetou a construção sem que houvesse uma escada ligando esses pavimentos. A única forma de se chegar no andar de cima era através de uma ponte que saía do telhado da cabana e que levava direto à janela (que virou porta) do quarto.

O FIM DE UMA ERA

O declínio da Beta havia começado mesmo em 1989, no que foi o ápice de mais uma das crises cíclicas que Jamil possuía com relação à publicidade. Aquele também foi o momento em que Jamil passou a lidar mais diretamente com o marketing político que, segundo ele, era muito mais interessante:

“Na publicidade, o produto é inerte na tua frente. Com o candidato você é capaz de fazer performances diante da coisa política”⁶⁶.

Todavia, sem as contas de empresas e seus produtos, a Beta foi encolhendo. Em 1996, a curva de crescimento dela estava prestes a atingir o seu nível mais baixo. A agência, que chegara a ter mais de 20 funcionários, agora contava com uns quatro, além do Jamil e da Vera, e isso bastava. Caso precisasse, Jamil contratava algum freelancer.

Em agosto daquele ano, numa matéria intitulada “Os Descaminhos de Jamil Snege”, veiculada no jornal *Espaço de Comunicação*, Jamil anunciaria novamente a sua vontade de se distanciar da propaganda. E desabafaria:

“Se um dia me perguntassem o que eu queria fazer quando crescer, responderia que gostaria de viver apenas da literatura”.

Em 1997, Jamil planejou uma grande viagem em família para o carnaval. Ele, Vera, Jean e Daniel iriam conhecer a Argentina e o Chile. Desembarcando de avião primeiro em Buenos Aires, alugaram um carro e partiram para Bariloche, a 1638 km dali. Todavia, como lembra Daniel, apesar da animação inicial, a primeira reação do pai quando chegaram lá foi a de pegar um avião e ir embora. Isso porque eles haviam saído de um calor de 34 graus em Buenos Aires e se depararam com

⁶⁶ *Folha de Londrina*, 2 de outubro de 1994.

um tremendo frio fora de época em Bariloche. Além disso, Jamil era um sujeito muito aferrado a Curitiba, e quando sentia falta dos seus referenciais, como os amigos, a banca de jornais que sempre freqüentava, e coisas do tipo, já se sentia incomodado.

Mas quando o tempo melhorou, o céu ficou limpo e a natureza mais bonita, dissipou-se também a casmurrice do Jamil, que passou a ficar encantado com o lugar. Devidamente ambientado, o Turco conversava com todo mundo, fazia amizade com o funcionário do hotel, punha o seu espanhol em prática, perguntava sobre as comidas no supermercado, enfim, colocava em ação esse seu lado de pesquisador social.

Depois de uns dias em Bariloche, a família rumaria para o Chile. Seguiram uns 200 km para dentro do país, cruzando a cordilheira e parando para ver diversos lagos, rios e montanhas. Posteriormente, numa carta ao amigo Reinaldo Omar⁶⁷, Jamil contaria de suas impressões sobre aqueles lugares:

Descobri que a Patagônia é a minha paisagem espiritual, jamais estive em qualquer lugar que me despertasse tão agudamente esse sentimento. Solidão, falou Omar. Sim, mas uma solidão diferente, feita de uma incomunicabilidade entre o ser humano e a paisagem, se é que posso me exprimir assim. Uma aridez, uma soberba indiferença. Contemple-me, parece dizer a paisagem, só posso oferecer-me através do vosso olhar.

Durante os passeios, Jean, Daniel, Vera e Jamil, todos estavam integrados realmente como uma família. Foram momentos em que Jean e Daniel, que moravam separados e tinham uma diferença grande de idade, puderam ter mais intimidade como irmãos, dividindo um quarto, passando mais tempo juntos. Para aumentar aquele clima de festa, no dia 12 de fevereiro, Jean fez aniversário, completando onze anos.

⁶⁷ Ver “Apêndices” no final do livro.

No total, a família passaria uns 20 dias naquela excursão sul-americana e então voltaria para Curitiba. Tirando Assuncion, no Paraguai, aquela foi a única viagem que Jamil fez para o exterior.

Em julho de 1998, aquele passeio estaria incluído, em parte, no nono livro que Jamil acabara de escrever: “Viver é prejudicial à saúde”. A novela era basicamente a história de um senhor de meia-idade às voltas com uma crise existencial. Este homem, cujo nome permanece desconhecido e que é o narrador do livro, queria largar do trabalho (ele era sócio de um escritório de arquitetura), sentia-se deslocado no mundo dominado pelos jovens e, entre outras coisas, era hipocondríaco. Estava sempre pensando que era portador de alguma doença grave e esdrúxula, como câncer de mama.

Por esses e outros detalhes – no final ele então fazia uma viagem a Buenos Aires – percebia-se logo que aquele personagem se tratava de um alter ego explícito do Jamil.

A crítica gostou do livro e muita gente escreveu a respeito nos principais veículos do país. Wilson Martins, por exemplo, comentou favoravelmente em *O Globo*, Miguel Sanches Neto elogiou-o na *Gazeta do Povo*, André Seffrin fez o mesmo no *Jornal do Brasil*, e José Castello chegou a divulgar o telefone do Jamil junto com a crítica em *O Estado de S. Paulo*, conclamando os leitores a adquirirem imediatamente “Viver é prejudicial...” direto com o autor, visto que a novela ainda não estava disponível nas lojas. Isso porque Jamil a tinha impresso por conta própria, sem nenhuma editora por trás para promovê-la.

A divulgação era feita de forma individual. Seus leitores fiéis e aqueles que se interessaram pelo livro através das críticas na imprensa entravam em contato com o Jamil, fosse por carta ou telefone, e ele enviava os livros pelo correio.

Jamil inclusive torcia para que a edição de “Viver é prejudicial...” se esgotasse daquela maneira, antes de chegar nas livrarias de Curitiba:

Não que não aprecie os leitores locais, mas acho ótimo quando alguma coisa produzida aqui em Curitiba consegue acender o interesse lá fora. Teve até uma moça de São Paulo, moradora dos

Jardins, que me ofereceu a livraria do seu bairro para vender meu livro. Pelo que entendi, ela manda e desmanda no livreiro, coitado. Adoro mulheres mandonas, especialmente quando resolvem agir em meu proveito⁶⁸.

Em 1999, ano em que Jamil completou 60 anos, a Beta deixou a casa da Isaías Bevilaqua, e isso representou o “fim de uma era”, o qual aludi no título desse capítulo. Restavam apenas ele e a esposa naquele casarão e Jamil percebeu que realmente não fazia mais sentido a agência permanecer ali, ainda mais com um aluguel tão alto. Ao mesmo tempo, na frente daquela casa havia o antigo prédio que fora da Exclam, desocupado. Jamil se informaria sobre o valor do lugar e depois entraria em contato com dois colegas, Bira Menezes e Rodrigo Teixeira, que também possuíam agências. A idéia era juntar os três naquele prédio e dividir o aluguel, formando assim o que ele batizou de “Marketing Center”. Ali os clientes teriam à disposição, num mesmo local, três opções de agências distintas, as quais, inclusive, poderiam prestar serviços de maneira conjunta. E assim aconteceu.

⁶⁸ “Preguiça de fazer qualquer coisa em Curitiba”, *Gazeta do Povo*, 14 de novembro de 1998.

AMIGOS E LIVROS

Em março de 2000, Jamil lançou um novo livro de contos pela Travessa dos Editores, obra que a princípio levaria o título de “Histórias do amor insólito”. Na verdade, o livro ficou como o nome de “Os Verões da Grande Leitoa Branca”, que era também o nome do último texto, o qual narrava a estranha atração de um homem pela sua sogra.

Em maio, Jamil lia uma resenha do jornalista Marcio Renato dos Santos, então um estreante, sobre “Os Verões...”. Dias depois, Marcio recebia um telefonema do Jamil, convidando-o para um bate-papo na Beta – uma prática que o Turco fazia com quase todos que escrevessem positivamente sobre a sua obra. Jamil tratava de entrar em contato com aquelas pessoas, como o fez com Miguel Sanches Neto, por exemplo, e na maioria das vezes nasciam dali grandes amizades, o que aconteceu com o Marcio também.

Em junho, numa reportagem feita pelo jornal *O Estado do Paraná*, Jamil anunciou que estava preparando dois livros. Um deles seria o romance histórico “Grande Mar Redondo”, sobre a vida do português Antônio Vieira, que viveu em Paranaguá no século XIX, e que é considerado um dos primeiros historiadores do Paraná. Jamil inclusive já havia publicado alguns trechos dessa obra como se fossem contos, naquela antologia de 1994, “Encontro das Águas”. O outro projeto de livro era uma novela, que ainda estava sem nome, mas cujo enredo dizia ele que era mais ou menos o seguinte: “um rapaz chamado Sama Arit desaparece de Curitiba. Anos depois, morando em Israel, ele começa a identificar elementos da infância brasileira e decide partir em busca da sua identidade. A história passa então a se desenrolar em Curitiba, onde ele encontra um mundo político nada agradável, com personagens como ‘o governador’, ‘a primeira-dama’, etc”.

Na metade do ano, Jamil se desentende com o velho amigo Fábio Campana. O porquê não se sabe até hoje, pois nenhum dos dois comentaria sobre o assunto com ninguém. Mas por conta disso, ao invés da Travessa dos Editores, Jamil escolheu a “Criar Edições”, editora de seu outro amigo, Roberto Gomes, para a publicação de “Como tornar-se invisível em Curitiba”, reunião de suas melhores crônicas publicadas na *Gazeta do Povo* entre 1997 e 2000.

Entre 7 e 10 de setembro, de quinta a domingo, aconteceria no Parque Barigüi uma “Feira do Livro” em Curitiba. Jamil, o publicitário e escritor Ernani Buchmann e Miguel Sanches Neto, que na época era diretor da Imprensa Oficial, ficaram responsáveis então de organizar um estande exclusivo do autor paranaense. Jamil faria questão de que todos os escritores daqui participassem, desde os badalados, como Cristovão Tezza e Alice Ruiz, até os mais esquecidos, e por isso lembrou ao Ernani:

“Ligue para o Túlio Vargas, você que é amigo dele. Pergunte se os velhinhos não têm uns livros para a gente colocar aqui”.

Túlio Vargas era o presidente da Academia Paranaense de Letras, cujos vetustos membros, em geral, produziam uma literatura bastante conservadora. Diante disso, Ernani até se espantaria:

“Não sabia que você gostava da literatura deles...”

E o Jamil:

“Eu gosto de quem escreve. O sujeito parar de fazer algo prático, deixar de ganhar dinheiro para produzir literatura, só pode ser maluco, e isso eu admiro. Além do mais, escritor do Paraná é escritor do Paraná. Nós precisamos apoiar”.⁶⁹

⁶⁹ Sobre essa generosidade com os outros escritores, essa foi uma característica que sempre acompanhou o Jamil. No seu espaço na *Gazeta do Povo* ele aproveitaria para divulgar e enaltecer o trabalho de todos os seus colegas. Um caso que ficou conhecido foram as chamadas “Meninas do Jamil”: Margarita Wasserman, Liamir dos Santos Hauer e Vera Buck. Entre 2001 e 2003, Jamil dedicaria algumas crônicas àquelas senhoras na faixa dos 70 anos, que haviam começado a escrever tardiamente. Jamil daria o maior apoio, inclusive prefaciando alguns livros delas.

Sendo assim, todos os escritores que quisessem podiam deixar seus livros no estande. Não era cobrado nada por isso e no final vinha-se receber pelo que havia sido vendido.

Na sexta à noite, Marcio Renato, que na época era funcionário da Imprensa Oficial, passaria na feira apenas para dar uma olhada. Segundo ele, não planejava ficar muito, pois inclusive tinha um aniversário para ir. Até que ele encontrou o Jamil:

“Puxa, ficou bacana o stand, né?”, diz Marcio. “Bom, agora eu preciso ir embora...”

E o Jamil:

“Não vai sair não, cara. Você vai ficar aqui!”

“Como assim?”, Marcio respondeu atordoado.

“Não, você vai trabalhar. O Miguel não te avisou?”

Marcio ainda tentaria argumentar, mas não teve jeito. No final, ele cuidaria da feira com o Jamil até domingo, do início da tarde até o fim de noite, às vezes em companhia do Jean também. Segundo Marcio, mais do que uma obrigação, a atividade acabou virando uma grande folia. Como havia pouco trabalho para eles fazerem – isso porque a feira acabou não dando muito certo, era semana de feriado e muita gente viajara – os dois ficavam aprontando com os outros. Com o Valêncio Xavier, por exemplo, que havia ganhado o Prêmio Jabuti pelo “O mês da gripe”, Marcio e Jamil então colocaram um papelzinho na frente do livro, indicando a láurea: “Prêmio Jaburu”. Livro de quem eles não gostassem também, eles deixavam de ponta cabeça no estande.

Outra hora ainda veio um sujeito, abusou da paciência deles, não comprou nada e ainda pediu um café. “Só um minutinho”, disseram. Jamil bateu uma cinza do cigarro no copo, Marcio bateu outra. Deram para o cidadão: “Ummm, que delícia de cafezinho”.

UM “ALIEN” DENTRO DO PEITO

“Nossa Jamil, como você está magrinho. Está fazendo regime?”, perguntou Rosângela Teixeira, amiga de longa data e que volta e meia passava na Beta.

“Você acha, Rose? Não. Não estou fazendo regime nenhum”, respondeu Jamil.

Assim como Rosângela, muita gente naquele início de 2002 achava o Jamil diferente. Ele estava mais magro, com uma cara abatida. Além disso, ele mesmo andava incomodado com uma tosse que custava a sarar. Quanto a isso, Sheila se recorda que, em maio, no almoço do dia das mães que eles fizeram no “Café Caipira” (restaurante que Sheila havia montado quase do lado de casa e cujo nome fora dado pelo Jamil) ele reclamou daquela tosse. Sheila, que também era fumante, inclusive chegou a lhe recomendar um xarope que ela estava tomando.

Por volta dessa época também, Jamil confidenciaria ao amigo Miguel Sanches que havia sofrido um desmaio súbito, fazia pouco tempo, enquanto dirigia. Quase batera o carro. Diante de todo aquele mal-estar, Jamil decidiu procurar um médico. O primeiro que o atendeu foi o seu primo Duilton que, depois de fazer um breve exame, achou melhor encaminhar o Jamil a um pneumologista. Jamil imaginava que pudesse estar com uma tuberculose ou algo assim.

O pneumologista, por sua vez, mandou-o tirar uma chapa do pulmão, e o resultado dessa radiografia e seus desdobramentos, Jamil revelaria na crônica intitulada de “No ventre da baleia”, publicada no dia 7 de julho na *Gazeta do Povo*. Jamil anunciava que estava com câncer de pulmão. Carregava um “alien” em seu peito, como ele mesmo diria, e estava prestes a iniciar um ferrenho embate com a tal criatura:

Ainda não nos encaramos como inimigos, mas paira sobre nós a mútua suspeita de que um tentará destruir o outro.

Naquele momento, Jamil apenas aguardava o resultado de uma biópsia para descobrir se o tumor era maligno ou benigno.

A notícia deixou todos os seus amigos e familiares em pânico. Muitos, entretanto, não acreditaram. Acharam que era mais uma das brincadeiras do Jamil para chamar a atenção. Segundo Miguel Sanches, volta e meia quando ia fumar, Jamil costumava dizer coisas como “deixa eu alimentar o meu câncer”, ou então, quando se referia a sua poupança, falava: “é só um dinheirinho, o dinheirinho do câncer”.

A partir daquele domingo, Jamil receberia centenas de telefonemas – inclusive do amigo Fábio Campana, com quem ele estava brigado – de gente preocupada com ele. Jamil trataria dessa situação em sua crônica seguinte, publicada no dia 21 de julho:

Bastou relatar, na última crônica, minha experiência com a descoberta de um câncer, para que meu telefone triplicasse o volume de chamadas recebidas.

Publicamente, em seus textos, Jamil tratava o assunto com serenidade e até bom humor. Na crônica de 4 de agosto, fazia ver o lado positivo da doença: o carinho da família, dos amigos, todo mundo lhe paparicando. Até os inimigos se abrandavam. Diria também coisas como: “Não é porque o bicho está lá que você vai deixar de dormir e sonhar. Nem sacrificar seus pensamentos e devaneios ao repasto noturno do bicho”; “O bicho não é tão feio quanto parece. E se você conseguir rir disso tudo, é bem capaz que ele resolva ir embora”.

Apesar dessas manifestações de otimismo, no íntimo os amigos sentiam que o temperamento do Jamil andava mais ríspido, mais cruel do que de costume. Marcelo Almeida se recorda, por exemplo, de chegar na Beta e encontrar o Jamil emburrado. Ele teria dito para o Marcelo:

“Olha só o que eu tenho que ler”, e mostrou o “Manual do paciente com câncer”. Dali a pouco, um sujeito liga para o Jamil:

“E aí, Jamil, como é que você está?”, pergunta o fulano.

E ele responde:

“Estou bem. Bem fodido. Eu tô com câncer!”, e bateu o telefone.

OS CUSTOS DO JACARÉ

Com a doença, Jamil que nunca dera bola para o dinheiro, agora tinha que ir atrás dele desesperadamente para poder bancar os altos custos do seu tratamento. Diria ele:

Meu jacaré tem me obrigado a um trabalho danado. Ele surgiu sob minha cama justo num momento em que, sem convênios ou planos de saúde, eu me considerável inexpugnável a qualquer doença. Resultado: correr atrás da grana, levar trabalho extra para casa, tentar receber uns créditos que tenho espalhados por aí⁷⁰.

Mesmo naquela hora, muitos políticos que estavam lhe devendo continuaram sem lhe pagar. Jamil sempre foi um péssimo cobrador e também dava muitas idéias de graça. Muita gente aparecia na Beta para ouvir seus conselhos e ele não cobrava nada por isso.

Mas nem todos lhe viraram as costas nesse momento difícil. Fábio Campana se dispôs a ajudar o amigo financeiramente no que ele precisasse, Miguel Sanches Neto lhe ofereceu um bom freelance na “Revista Radar”, que estava coordenando, e Jamil também conseguiria trabalho na campanha do Requião para o governo. Inclusive, a partir de um jingle feito pelo Jamil, surgiria o slogan “Me chama que eu vou”, o qual daria uma nova direção para a campanha, que terminaria vitoriosa em outubro.

⁷⁰ “Jacaré debaixo da cama”, *Gazeta do Povo*, 4 de agosto de 2002.

Jamil começou então o seu tratamento de quimioterapia no Hospital Angelina Caron, que ficava em Campina Grande do Sul, região metropolitana de Curitiba. Como o percurso era longo e Jamil não teria mais condições físicas de dirigir a sua Ipanema (carro que havia ganhado do Tony Garcia como pagamento e que ele fez questão de nunca lavar) por uma BR, Fábio Campana deixou à disposição do amigo o seu motorista Roberto Salsa.

Jamil tinha que ir para o hospital umas duas vezes por semana à tarde. Chegando lá, enquanto as sessões de quimio não começavam, ele ficava muitas batendo papo com os outros pacientes, muitos deles vindos de outras cidades do estado e até de São Paulo e Santa Catarina. Quando a sessão terminava, Jamil logo vinha contar as histórias daquelas pessoas para o Roberto, e já acendia um cigarro em seguida. Era uma cena um tanto chocante, ver o Turco ali, tratando-se de um câncer de pulmão e mesmo assim fumando. Todavia ele fazia aquilo sem a menor cerimônia. Dizia que no estágio em que a sua doença se encontrava, seria indiferente parar de fumar. Na verdade, seria só um stress a mais, que, ainda por cima, faria-lhe perder o apetite. Jamil dizia que inclusive tinha o aval de sua médica para continuar com o cigarro.

Na volta para casa, Jamil saía morrendo de fome, afinal precisava ir até o hospital em jejum. Uma vez, ele não agüentaria chegar em casa para comer e pediria para o Roberto parar num restaurante à beira da estrada, ao lado de um posto de gasolina. Era um lugar extremamente simples, muito freqüentado por caminhoneiros. Além do tradicional prato feito: arroz, feijão, bife e batata frita, uma das especialidades do local era a polenta na chapa. Jamil gostou da comida e a partir de então passaria sempre lá. Chegaria até a dar palpites para o cozinheiro. Seu lado metido a “gourmet” entrava em ação.

“Escuta, por que você não faz o seguinte. Você não tem um queijo aí? Prepara uma polenta com queijo derretido por cima”.

No outro dia, Jamil decidia variar novamente:

“Agora frita um ovo, mas deixa a gema mole. Daí joga esse ovo por cima. Serve num pratinho pra mim, faz favor”.

Por volta de setembro, os efeitos colaterais do tratamento de quimio e radioterapia começariam a ficar mais severos. Tanto que no dia primeiro desse mês, Jamil publicou uma crônica intitulada “A Metamorfose”, em que se comparava a um bicho-de-goiaba. Isso pois sua barba e todos os seus cabelos do corpo haviam sumido. “Apenas minhas sobrancelhas ainda sombreiam o olhar de espanto com que me miro”, escreveria ele.

Jamil tentava fazer graça com aquela situação, inventaria mil apelidos para si próprio: “capitão chuchu”, quando apenas alguns pelos ainda restavam em seu rosto, ou então, “Pity Bicha”, quando ficou só com um bigodinho, como o personagem interpretado por Tom Cavalcanti.

Entretanto, a situação tornou-se séria mesmo quando ele constatou que o tumor fizera metástase, isto é, espalhara-se pelo corpo. Jamil começou a sentir muitas dores, principalmente nas articulações, e possuía dificuldades para andar. Jamil reconhecia que sempre fora magro, mas aquela sua formação de pára-quedista tinha lhe dado um físico resistente, forte. Agora ele sentia que seu corpo vinha realmente definhando, e se incomodava com isso.

INDIGNAÇÃO/RESIGNAÇÃO

No dia 10 de novembro, Jamil publicava um texto curioso na *Gazeta do Povo*, uma “Auto-entrevista”. A ilustração do cartunista Benett, mostrava um carequinha diante de outro, empunhando um gravador. O papo já começava tenso:

P – Você tem sido solicitado para várias entrevistas ultimamente. A que atribui esse interesse?

R – Ao câncer, em parte. O câncer me empresta uma aura trágica. As pessoas gostam disso. Você só assiste ao lançamento de um foguete porque sabe que ele pode explodir.

Um foguete prestes a explodir, talvez fosse assim que Jamil se sentisse. Ele sabia como a probabilidade de se curar era mínima, e inclusive falaria sobre isso numa outra entrevista, dessa vez feita não por si próprio, mas pelos jornalistas Dary Jr., James Alberti e o ator Luciano Lacerda na metade de 2002:

Eu sou portador de uma doença grave. Segundo o Dráuzio Varela, o percentual de cura desse câncer pulmonar é de 18%. De alta, 18%, uma taxa relativamente baixa. Um pra cada cinco, na melhor das hipóteses. Então, porra, esse troço provoca uma certa... Uma certa modificação de sua atitude perante a vida. Não muito profunda também, né?

Jamil explicava que, apesar do câncer, tentava manter sua rotina normal. Levava o Jean para escola de manhã, ia para a agência... É certo, porém, que a doença fazia com que seu ritmo de trabalho diminuísse.

No final do ano, Jean, Vera e Jamil viajaram para Caiobá junto com a família do Fábio Campana e mais alguns amigos. Jamil alugou um apartamento e conseguia esquecer um pouco do sofrimento, ocupado em que estava com as coisas simples das férias, como fazer compras em mercadinhos lotados, passear, pescar, almoçar fora.

Na volta para Curitiba no início de 2003, Jamil continuaria o tratamento de quimio e radioterapia, ao mesmo tempo em que se animava com a perspectiva do lançamento da revista de literatura e arte, a *Et Cetera*, editada pelo Fábio, e da qual Jamil fazia parte do conselho editorial.

Em março, Jamil fez questão de preparar um almoço para o amigo Wilson Bueno, que estava de aniversário. A festa aconteceu na Travessa dos Editores, com vários camaradas reunidos. Enquanto preparava uma dobradinha no capricho, Jamil contava piadas, dava risada, parecia feliz. O câncer não existia. Mesmo não conseguindo mais se alimentar direito – Jamil dizia que tinha perdido o paladar com a doença – ver os seus amigos comerem o almoço que ele próprio tinha feito já era para ele um prazer.

Nessa fase difícil, Jamil alternava momentos de alegria, como nesse episódio do almoço, mas também de profundo desalento. Marcio Renato lembra da vez em que o Jamil saiu de uma sessão de quimioterapia e eles foram até o Pollo Shopping, no Alto da XV.

Chegando lá, na praça de alimentação, os dois pararam na frente de várias lanchonetes. Jamil desejava apenas sentir aquele cheiro de comida e ver as pessoas comendo, para que ele pudesse então se lembrar do gosto daquilo.

“Foi uma cena forte”, conta Marcio. “Jamil lembrou que em alguns momentos na vida ele passou por uma fase de dureza, não podia comprar nem um sanduíche. Agora ele tinha dinheiro no bolso, mas não podia mais comer”.

Na volta para casa eles pegaram um táxi e ali Jamil desatou a reclamar das pessoas, do povo curitibano. A falta de reconhecimento como escritor, um sentimento de injustiça, talvez, pena de si mesmo, raiva do destino, tudo isso se misturou num desabafo quase que descontrolado.

Diante então de uma doença que não dava tréguas, apenas se agravava, aos poucos Jamil ia abandonando as esperanças. Nessa altura, começou a tomar um remédio americano, que nem havia sido liberado no Brasil. Era um comprimido⁷¹, que na verdade equivalia a uma sessão de quimioterapia, porém mais eficaz, pois atacava apenas as células cancerígenas e não produzia tantos efeitos colaterais. Essa era a última cartada do Jamil.

O drama foi que o estágio em que o câncer se encontrava era muito avançado, e já havia tomado o corpo todo. Muito mais do que um remédio “inteligente”, Jamil precisava mesmo era de um milagre e, nesse caso, aí é que ele não acreditava mesmo:

Eu acharia muito hipócrita da minha parte, de repente, me converter agora, com medo das conseqüências, certo? Me ajoelhar, rezar, fazer qualquer coisa. Não sou religioso. Eu tenho uma religiosidade de outra ordem. Então, acharia muito hipócrita, eu não consigo fazer isso, sabe? Não consigo. Eu acho que Deus é, digamos, é essa coisa que está fora do alcance dos sentidos humanos, certo? É uma entidade que não tem nenhum atributo comum com o homem, ao contrário desse deus judaico-cristão, que nós fomos feitos à imagem e semelhança dele. Não, não existe nada disso. Essa entidade, digamos, essa ordem superior que controla o universo aí não tem nada a ver conosco. Absolutamente. De repente, um besouro se sente filho de Deus. Não, não existe nada disso. Na minha concepção, eu acho que existe alguma coisa interior assim, uma espécie de deus interior, você pode convocar essa necessidade de continuar vivo, eu acredito nisso.

⁷¹ Cada cartela desse comprimido custava mais ou menos treze mil reais.

Mas é muito difícil. Fui criado em ambiente religioso, mas eu não consigo, absolutamente...⁷²

Apesar desse seu posicionamento cético, Jamil se submeteu a tudo, desde o que era científico, até ao que dependia apenas da fé. Para combater a anemia, por exemplo, chegou a tomar uma garrafada feita com pregos fervidos em água, aceitou as comidas macrobióticas que o amigo Jorge Menezes lhe trouxe e, inclusive, fez uma cirurgia espiritual, por recomendação de sua ex-mulher, Luiza.

Infelizmente, nada disso impediu que Jamil fosse internado às pressas no início do mês de maio no hospital Nossa Senhora das Graças.

⁷² Entrevista publicada na revista *Idéias* em agosto de 2003.

50

AS LUZES

Então encheu o coração de uma última fé... E ficou a esperar o objeto luminoso de forma imprecisa.

JAMIL SNEGE, “As luzes”, *Contos de Repente*, p. 25.

Logo na primeira semana de maio, Jamil precisou ser hospitalizado. Sentia bastante falta de ar e estava muito, muito fraco. Vera então o internou no Hospital Nossa Senhora das Graças. Lá Jamil ficaria um dia de observação, tomando soro, porém não havia mais nada a fazer. Estava desenganado pelos médicos. Portanto assim que ficou um pouco melhor, recebeu alta e voltou para casa.

No dia 12, como o estado do Jamil voltaria a ficar extremamente crítico, Vera o internaria novamente no Nossa Senhora das Graças. Parentes e amigos viriam visitá-lo, muitos prevendo que aquela seria a última vez. Miguel Sanches Neto, por exemplo, viria de Ponta Grossa, cidade onde morava, apenas para isso. Semanas antes, ele tinha recebido um telefonema do Jamil.

“Quando eu atendi, quase não reconheci que era o Turco. Ela estava com uma voz cavernosa, baixa. Conversamos um pouco e ele me disse que nem tivera tempo de ler ‘O Grande Mar Redondo’ que eu havia digitalizado para ele. Ele estava muito mal”.

Ora Vera, Jean e Daniel, ora os irmãos Iberê e Sheila, enfim quase toda tarde alguém surgia para fazer companhia ao Jamil, que já entrava no segundo dia de internação. Apesar de estar seriamente debilitado, ele continuava perfeitamente lúcido.

Na quarta-feira, dia 14, à tarde quem lhe visitou foi o amigo Marcio Renato dos Santos.

“Eu lembro que tinha um jornal ‘Rascunho’ do lado da cama do Jamil e uma revista ‘Bravo’. Mas ele não conseguia mais ler. Jamil tinha muita sede, bebia muita água. E tossia pra caramba”, lembra Marcio.

A uma certa altura, Jamil queria ir ao banheiro, porém como não conseguia andar sozinho, de tão fraco, o amigo teve que ajudá-lo a se locomover até lá.

“Porra, Marcio, olha o que eu virei. Nem mijar eu consigo. Só falta você ter que segurar o meu pau”, disse ele indignado.

“Até disso ele tirou um sarro”, conta Marcio.

Na quinta-feira à noite, depois de receber a visita de muita gente, inclusive da primeira-dama Maristela Requião, Jamil teria o início de uma parada cardíaca e seria levado para a UTI. Na sexta-feira, dia 16, logo depois do almoço, Iberê e Sheila iriam até o hospital e se surpreenderiam com aquela notícia, pois tinham visto o irmão relativamente bem no dia anterior.

Jamil agora estava em estado de observação e os irmãos foram encontrá-lo. Apesar de estar muito abatido, Jamil ainda conseguiu conversar com Iberê sobre o Corinthians e Flamengo que havia acontecido na quinta-feira. Segundo Sheila, Jamil também mostraria a ela como estava cheio de nódulos pelo corpo, mas não reclamaria da vida ou do seu estado. Os irmãos se despediram, e logo Vera estava com ele.

Até que, por volta das 17h00, a esposa tratava com os enfermeiros para que o Jamil pudesse sair da UTI e retornar ao quarto, quando súbito um médico veio lhe avisar. Por conta da insuficiência respiratória, Jamil havia sofrido um infarto fulminante.

Na madrugada de sexta para sábado, Jamil foi velado pela família na capela do Cemitério Iguaçu, próximo ao Parque Barigüi. No sábado pela manhã, o cemitério logo estaria lotado de amigos, conhecidos e admiradores da sua obra. Entre todos, a presença marcante foi de dona Anita, de cadeira de rodas, que chorava muito. Pouco antes, Sheila e Iberê haviam relutado se contavam ou não

sobre o falecimento do Jamil. Afinal, ela nem sabia que o filho estava doente. Aos 89 anos, Anita sofria de arteriosclerose e misturava coisas do presente e do passado.

Ao final, vieram as homenagens dos amigos ao Turco. Um deles recitou o Salmo 23, “O Senhor é meu pastor; nada me faltará...”, que ele tanto gostava, e quando o caixão começou a descer, o amigo e locutor, José Pizarro, emocionaria a todos com os últimos versos de “Senhor”:

Já inspecionei a proa,
amarrei a carga,
desatei a vela.
O vento sopra forte e
enfuna meu coração
de alegria.
Agora é contigo, Senhor.
Toma o leme e risca
o rumo do meu barco – não
penses que irei por
este mar sozinho.

APÊNDICES

Meu Paraná eu faço

O meu Paraná eu faço,
No cabo de uma enxada
No volante de um caminhão
Na escola em construção
No risco de uma estrada
O meu Paraná eu traço.
Sem desânimo e sem cansaço
Vou semeando este chão.
Vou aboiando o gado
Colhendo a espiga madura
Tirando da terra a feitura
Nem que seja de um naco de pão.
O meu Paraná eu planto.
O pedaço que me cabe
Seja de noite ou de dia
No campo ou na cidade
Sol quente, maré fria
O meu pedaço eu garanto.
Na fábrica, na oficina,
No escritório, na usina
Não tem tempo ruim.
Geada ou serração
Enchente ou estiada

Na ponta da madrugada
Já estou cuidando de mim.
Que importa se a vida é dura...
Amanso ela na canga
Transformo usura em fartura
Meto os peito, dou castigo
O MEU PARANÁ EU BRIGO
Por isso eu digo, irmão
Tome conta deste chão
Garanta o seu pedaço
Assuma o seu quinhão.
O Paraná somos todos
Cada qual com sua parte
Seu ofício, sua arte
Repartindo o mesmo pão.

O texto de *Meu Paraná eu faço* foi utilizado numa campanha para a Banestado Corretora em 1983. No comercial, essa poesia foi declamada por ninguém menos do que o ator Othon Bastos, com a trilha sonora do violonista Sebastião Tapajós. Foi aclamado como o “Comercial do Ano” no Prêmio Colunistas Paraná.

*

Nunca fui de afirmações levianas. Para mim propaganda é coisa séria. Assim como o seu dinheiro é coisa séria. Se afirmo que posso fazer, é porque conheço o que faço. Conheço propaganda. E acima de tudo, conheço empresa. Sei o que é assinar cheques diariamente, pagar salários, quitar despesas. Sou um empresário de propaganda. E, igual a você, nunca esperei o dinheiro cair do céu.

Trabalho duro. Dez, doze horas por dia. Leio muito. Leio tudo sobre propaganda. Leio muito sobre tudo que pode se converter em propaganda. Tenho uma imensa curiosidade por tudo que é vivo, produz e se reproduz. Fui treinado

para absorver em poucas horas as informações de que necessito para compreender o que você produz, como produz e que meios utiliza para comunicar isso ao mundo. Este é o meu ofício. A comunicação, em todos os sentidos. E neste particular, sou obrigado a ser o melhor.

Seguramente, o mais esforçado. Tenho um compromisso de fé com a propaganda. Converso com pessoas, indago, observo. Assisto todos os comerciais de TV. Analiso com espírito crítico todos os anúncios. Procuro o aparente e o não aparente. Estou atento ao menor movimento da superfície mas tenho uma antena sempre voltada para aquele espaço de ordem onde as coisas ainda não aconteceram.

Originalidade. Neste ponto sou muito exigente. Mais exigente ainda em relação às peças que minha agência produz. Vez por outra, tolero alguma extravagância. Quase sempre pondero. Mas não posso negar que tenho incursionado por regiões onde outros nunca estiveram.

Não gosto de ganhar prêmios com o dinheiro do cliente. Ganho sempre mais prêmios com o meu próprio – o melhor anúncio da década, por coincidência, é um anúncio que criei para minha própria agência.

Com o seu dinheiro eu quero vendas. Crescimento. Expansão. Propaganda conseqüente. O que não me impede, absolutamente, de ser a agência criativa que todo cliente deseja. Direi mais: não conheço outra que procure com mais insistência a melhor idéia. E melhor idéia, no meu conceito, não é a que causa maior impacto.

Os atentados e terremotos fazem isso com perfeição e jamais poderão ser chamados de boas idéias. Uma boa idéia é aquela que, com um mínimo de dispêndio, consegue colocar um maior número de forças em movimento. Estas são as grandes idéias. Não se bastam nem se contemplam a si mesmas. Mas necessitam de um esforço concentrado, orquestrado, de meios, para que seu êxito se viabilize.

Minha agência tem esses meios. Somos vinte ou mais cabeças pensantes operando planejamento, pesquisa, mídia, execução. Não vendemos peças avulsas nem liquidamos anúncios e comerciais. Produzimos rigorosamente o necessário. Produzimos comunicação séria e eficiente. Não importa o tamanho do problema nem o grau de dificuldade que tenhamos de enfrentar. Se houver solução, com

certeza a encontraremos. Se não houver, o problema estará errado – e você não pagará nada para ouvir isso.

Clareza e rigor, não deixo por menos. Faço questão de ser assim. Nenhum anúncio vende tudo o que um anúncio poderia vender, nenhuma agência é tão boa que não possa ser substituída por outra. Esta é a minha proposta. E terei imenso prazer em renova-la pessoalmente, diante de você.

Vamos Conversar?

Texto do anúncio institucional da Beta, eleito o melhor anúncio de 1987 no Prêmio Colunistas Paraná.

*

POVO BOBO

Porque o povo é bobo
você mostra a cara lambida,
o dente de ouro, a promessa
embutida no sorriso fingido
– e ganha estourado.

Porque o povo é bobo
você fala pão, escola, saúde
e vai pra Suíça, rouba
falsifica – e tá eleito de novo.

Porque o povo é bobo
você compra terno de casimira,
perfume francês, ouro, dólar,
apartamento em Miami e – pá,
só dá você na urna.

Porque o povo é bobo
você afaga a chaga dele,
abraça o povo velho no comício,
ergue no colo o povo novo,
beija o povo bobo – o mais
votado em todo estado.

Porque o povo é bobo
você faz conchavo, trai o partido,
se compõe com o inimigo, livra
com a crápula – e enrola o povo
que de bobo ainda vota.

Mas um dia o povo bobo,
olho torto, caco cheio, aperreado,
despejado, desnutrido, escabreado,
pega e invoca com tua cara lambida,
pega e enfia uma faca na tua barriga
– eta povão besta –
Lá vai você pra dentro da urna

Letra de música composta pelo Jamil.

*

A Propaganda em Tempos Bicudos.

(Papo com os anunciantes)

*Você já teve a sensação de que suas verbas de propaganda estão indo para o lixo?
Se já, veja de que forma você pode obter ótimos resultados com seus investimentos em propaganda sem dispendar um centavo a mais.*

Vamos começar pela produção?

Mesmo que sua verba seja generosa, evite altos gastos em produção.

Se você pode fazer um bom folheto com uma única cor, elimine cores adicionais.

Se você pode fazer um VT com um único ator, elimine figurantes e bailados.

E se o seu produto for capaz de se manter durante 30 segundos sozinho no vídeo, dispense o ator.

Um VT, você sabe, tanto pode custar 15 milhões quanto 400 mil cruzeiros.

É o talento da agência que deve reduzir essa diferença.

E um bom vendedor vende até um arco-íris em preto e branco.

A mídia adequada.

Se você vende sabonetes, não fuja da novela das 8.

Se você opera no mercado de capitais, faça isso com a maior urgência.

Evite despejar dinheiro no lugar errado.

À meia-noite, o consumidor de equipamentos agrícolas já está no segundo sono.

Às dez da manhã, só se você vende iogurte e chicle de bola.

Anunciar um carro de luxo para grandes ibopes só vai tornar o ônibus mais desconfortável na manhã seguinte.

Qualidade de criação.

Mesmo que o objetivo seja reduzir custos, jamais aprove criação de má qualidade.

O preço de inserção de um mau anúncio é exatamente igual ao de um anúncio excelente.

E nenhum gerente de televisão vai lhe dar um desconto só porque seu comercial é horrível.

Lembre-se. Nem toda propaganda vende.

Uma campanha antipática pode imunizar seus clientes por meses a fio.

Saber quando anunciar.

O “quando” é tão importante quanto o “o que” em propaganda.

Se você anuncia roupas de inverno e inverno se retrai, as vendas congelam.

Se você anuncia bens de investimento quando a poupança está em alta, seus negócios entram em baixa.

Há sempre um vínculo, uma variável, um novo nexo a considerar.

A quebra da safra da laranja, nos Estados Unidos, afeta os negócios da mais remota quitanda de bairro.

Aldeia global – ninguém está só.

A escolha da agência.

Evite agências que não gostam de ganhar dinheiro.

Evite igualmente as que só pensam nisso.

A primeira vai lhe contaminar com sua falta de ambição.

A segunda vai fazer você pagar por sua cobiça.

Se você não é uma grande conta, evite agências grandes.

É melhor ser um grande cliente de uma agência pequena do que vice-versa.

E mesmo sendo grande, fuja das grandes demais.

Você será mais um na multidão, atendido pela última dupla da sala dos fundos.

Propaganda e culinária.

Um bom anúncio é um prato bem feito.

Que você degusta até o fim, sem se entediar.

Mas um único prato não basta para qualificar um bom restaurante.

Peça o cardápio.

Experimente outros.

Nos melhores restaurantes, os donos sempre estão na cozinha – provando, temperando, fixando o sabor de cada prato.

Na Beta é assim.

Você jamais encontrará isso num refeitório industrial.

Texto de *Propaganda em Tempos Bicudos*, de 1984, eleito o melhor anúncio da década (1976/1985) pelo Prêmio Colunistas Paraná.

*

Jesus, meu irmãozinho

Eu gostaria de ter um papo franco e descontraído contigo.

Gostaria de sentar à sombra de uma árvore, tendo ao lado uma bilha de água fresca, um pão e talvez algumas uvas.

E passar a tarde bebendo cada uma de tuas palavras.

Gostaria que nossas mãos se tocassem na hora de repartir o pão. Eu prestaria atenção em tuas mãos, meu irmãozinho, para ver se elas correspondem à imagem que sempre fiz delas. Mãos curtidas pelo vento e pelo sol da Galiléia.

Eu ergueria a bilha à altura de teus lábios para que bebesses. E abriria meu coração para que a água da fonte da vida lavasse meu coração de todas as culpas.

Falaríamos dos montes, da relva, das pedras. E do estranho destino dos caminhos, que conduzem os passos dos homens.

Então falaríamos dos homens e seu destino. Da força que os impele de um lado para o outro. Dos sonhos que carregam e que transformam seus andrajos em mantos de rei.

Falaríamos da fé e da esperança. Da necessidade de se crer e de amar. Da importância de manter acesa a chama, apesar do vento e da tempestade.

Falaríamos também do desânimo e da desesperança.

Talvez nesse momento, tomado de fadiga e quebranto, eu apoiasse minha cabeça em teu ombro. E descobrisse que também sofres a fadiga e o quebranto do mundo.

Olharia para teu rosto e veria nele a sombra de uma inquietação.

Neste instante, irmãozinho, todos os meus problemas desapareceriam. E à sombra da árvore que nos acolheu, eu assistiria ao profundo e inconsolável sofrimento de um Deus, que sofre por todos os homens.

Aí, mesmo me sentindo indigno, tomado de receios, eu me ofereceria para te consolar.

Raio de sol que desce à terra.

Tu então me sorririas. E para minha alegria, dirias:

“Aceito. Ajuda-me”.

Seguindo a linha de “Senhor”, Jamil escreveria essa mensagem de natal e ano-novo para a prefeitura de Paranaguá em 1995.

*

“PEAGÁ”

Não seja eternamente um “peagá”. Criamos este termo em substituição a outros, como antiquado, conservador, intempestivo, etc.. O cavalheiro atual, mais por uma questão de sociabilidade do que por ideologia, deve pensar de acordo com a época. Ou fingir isso. Anote: não discuta com moços as falhas filosóficas das doutrinas existencialistas. Jamais pronuncie “juventude transviada”. Fuja das considerações pejorativas sobre o comportamento amoroso dos jovens. Diga que aprova o modo de vida atual, o mundanismo, o vedetismo, a sofisticação. Não se reporte às incoerências políticas como consequência de nosso tempo. Não exteriorize a seus amigos que esse negócio de contemporizar só é aplicado a modelos de automóveis. Não diga que arte moderna é o retrato do que os artistas

têm na cabeça. Se achar difícil conter-se, experimente um calmante. Procure-o numa farmácia. Mas nunca numa “pharmacia”. Não seja “peagá”.

Extraído da *Revista Planalto* nº 1, dezembro de 1961, coluna “Only for Men”.

(...) Mas, ainda bem que o mundo não dependeu diretamente dos poetas. Senão estaríamos vivendo até agora em cavernas, ultra-sensíveis, condicionados, abatendo dinossauros a golpes de margarida. E são infelizes, pois sabem muito que pouco sabem. Desprezam a força, a matemática, a física e todas as coisas que confinam o homem à percepção dos sentidos. Ficam tão e somente a fazer rimas e a sondar o fundo de abismos metafísicos. De quando em quando vêm com alguma dedução maluca, querendo explicar os porquês de tantas confusões, as razões de ser do ser ou não ser. E no fim não dizem nada de novo. Falam dez ou doze frases estrambóticas, observam a reação dos que os escutam e afastam-se embevecidos pela impressão de alta intelectualidade que causaram. Após, perdem-se nas esquinas de um bairro modesto, a pensar em como saldar amanhã a prestação do crediário. Ou a conta do restaurante. Uns ricos pobres, sem dúvida.

Revista Planalto nº 3, fevereiro de 1962, coluna “Ponto Final”.

*

Curitiba, 7/2/00

Querido amigo Omar

Você é permanentemente lembrado em nossa roda de amigos e colegas de profissão. “– E o Omar?” – todos querem saber. E em seguida contam alguma passagem envolvendo você, lembram de uma frase, uma situação... Você marcou a paisagem humana de Curitiba. Isso para não falar das mulheres, que ficaram órfãs do charme quente do amigo.

Pois é. Estive em Buenos Aires, dois finais de semana, e lembramos muito de você. Daniel me dizia: “ – E que tal se encontrássemos o Omar?” E não poucas vezes apressamos o passo, na Calle Florida ou na Lavalle, para verificar se o cidadão que ia lá na frente não era o nosso Omar. Passamos treze dias lá. Fizemos base em Bariloche, cruzamos a cordilheira. Tiramos mil fotos dos muitos lagos e cerros, rios e vulcões. Estávamos no verão, podíamos transitar à vontade. Descobri que a Patagônia é a minha paisagem espiritual, jamais estive em qualquer lugar que me despertasse tão agudamente esse sentimento. Solidão, falou Omar. Sim, mas uma solidão diferente, feita de uma incomunicabilidade entre o ser humano e a paisagem, se é que posso me exprimir assim. Uma aridez, uma soberba indiferença. Contemple-me, parece dizer a paisagem, só posso oferecer-me através do vosso olhar.

Senti, na carta, que você não está muito feliz em Buenos Aires. Console-se, Omar. Ninguém está feliz, hoje, em qualquer lugar do mundo. Particularmente em nossa Latinoamérica., com toda essa crise que nos envolve e oprime. Curitiba já não é a mesma, Omar. Há um não decretado toque de recolher, as pessoas se recolhem, as ruas ficam desertas a partir das oito da noite – tão diferente dessa feérica animação que sentimos em Buenos Aires. Os negócios também entraram em queda. Hoje na Beta só eu e a Vera continuamos a cumprir expediente. Cláudio parece que também não volta – soube que ele está no eixo Rio-Espírito Santo. Fizemos alguns comerciais muito bons juntos, para a campanha política – o Cláudio está num grande momento profissional, faz bem em procurar novos mercados.

Da última vez que conversamos, ele me contou que você tinha ido dar uma ajuda à sua filha, cuidando da terra e dirigindo trator. Fiquei imaginando o Omar lançando cavalos e pastoreando ovelhas, a reencarnação de Don Segundo Sombra.

Planos para vir a Curitiba? O câmbio agora está favorável. Por 2,50 ou 3 dólares você almoça num restaurante a quilo e ainda toma um refrigerante ou uma gaseosa, como se diz aí). Para nós é que ficou difícil: um bife de chorizo vai nos custar no mínimo uns quinze ou vinte reais.

Você falou do “senhor”. Aqui ele acabou virando um Cd, que é comercializado pela Ordem Rosa Cruz. De vez em quando recebo um dinheirinho

pelos direitos autorais. No mais, continuo escrevendo. Estou enviando a você o mais novo rebento: acaba de sair, ainda nem foi lançado comercialmente. Espero que te agrade.

Tenho dado notícias suas (e vou continuar a fazê-lo) a todos os nossos amigos comuns. Daniel, que é teu fã, leu a carta e te manda um enorme abraço. O mesmo que Vera e Jean Marcel, que vai completar quatorze anos e lembra bem de você. Estamos mais velhos, Omar, mas o coração continua a achar que ainda somos adolescentes – e acredito que ele tem razão.

“O homem pode ser destruído; derrotado, nunca.”

Acho que foi Hemingway que disse isso.

Enormes saudades e um abraço fraterno do amigo e admirador.

Carta de Jamil ao amigo Reinaldo Omar.

OBRAS DE JAMIL SNEGE

Contos

A Mulher Aranha. Curitiba, Hoje, 1972.

Ficção Onívora. Curitiba, edição do autor, 1978.

Os Verões da Grande Leitoa Branca. Curitiba, Travessa dos Editores, 2000.

Crônica

Como tornar-se invisível em Curitiba. Curitiba, Criar Edições, 2000.

Novela

Tempo Sujo. Curitiba, Escala, 1968.

Viver é prejudicial à saúde. Curitiba, edição do autor, 1998.

Romance

O Grande Mar Redondo. Projeto de um romance histórico o qual Jamil deixou inacabado. Tratava-se da vida de Antônio Vieira, um português que viveu em Paranaguá no século XIX e que é considerado o primeiro historiador do Paraná.

Memórias

Como eu se fiz por si mesmo. Curitiba, Travessa dos Editores, 1994.

Poesia

Senhor. Curitiba, edição do autor, 1989.

Coletânea (contos, poesia, prosa poética)

O jardim, a tempestade. Curitiba, edição do autor, 1989.

Teatro

As Confissões de Jean Jacques Rousseau. Curitiba, edição do autor, 1982.

Ensaio

Para uma sociologia das práticas simbólicas. Curitiba, edição do autor, 1985.

Participações em Antologias

Contos de Repente. Curitiba, Delfos Editora, 1965.

Assim escrevem os paranaenses. São Paulo, Alfa-Omega, 1977.

Encontro das Águas. Curitiba, Travessa dos Editores, 1994.

Confabulário. Curitiba, Imprensa Oficial do Paraná, 1998.

Outros

Proposta Bóias Frias. Texto para a instalação dos artistas Margarete Born e Renato Mazanek, premiada na Bienal de São Paulo em 1977.

Paraná: Memória e Momento. Texto para o catálogo da exposição sobre o Paraná no Museu de Arte de São Paulo em 1980.

ALGUMAS DAS PRINCIPAIS PREMIAÇÕES NA PUBLICIDADE

Prêmio Colunistas Paraná

“Melhor anúncio da década (1976/1985)”, por *Propaganda em Tempos Bicudos*.

“Melhor campanha da década (1976/1985)”, por *Kid Malu*.

“Melhor comercial da década (1976/1985)”, por *Copo e Lâmpada*.

“Profissional de Propaganda do Ano” em 1983.

Prêmio Profissionais do Ano

“Categoria Mercado”, por *Copo e Lâmpada* em 1978.

“Categoria Serviço Público Comunitário”, por *Feliz Ano Novo* em 1987.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

Site

Tablóide Digital (www.millarch.org)

Jornais

Direta

Espaço de Comunicação

O Estado do Paraná

O Estado de S. Paulo

Folha de Londrina

Gazeta do Povo

Indústria e Comércio

Jornal do Estado

Jornal Nicolau

Jornal Rascunho

Revistas

Imprensa Nova

Revista Et Cetera

Revista Idéias

Revista Istoé

Revista Planalto

Revista Publicidade

Revista Quem

Revista “Revista”

Livros

- Astor, Charles. *Estórias Rudes*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1976.
- Bueno, Wilson. *Bolero's Bar*. Curitiba, Criar Edições, 1986.
- Campana, Fábio. *O Guardador de Fantasma*s. Curitiba, Travessa dos Editores, 1996.
- Hesse, Herman. *O Lobo da Estepe*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1971.
- Maciel, Luiz Carlos. *Os anos 60*. Porto Alegre, LP&M, 1987.
- Malamud, Bernard. *Dubins Lives*. New York, Farrar Strauss Giroux, 1979.
- Olgivy, David. *Confissões de um publicitário*. Rio de Janeiro, Bertrand, 1993.
- Souza, Ney Alves de. *Histórias e Histórias da Publicidade*. Curitiba, Sinapro, 2001.
- Trevisan, Dalton. *Pássaro de Cinco Asas*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1974.
- Vaz, Toninho. *O Bandido que sabia latim*. Rio de Janeiro, Record, 2001.

AGRADECIMENTOS

Meu muito obrigado, em primeiro lugar, à família Snege – Sheila, Iberê, Daniel, Lela e Teresinha –, e à família Bassani – Linda, Roberto Fonseca, Carlos, Dúlio, Duilton e Francisco “Chiquito”.

Agradeço também a imensa colaboração de todas essas pessoas (em ordem alfabética): Adherbal Fortes Sá, Airton Pisseti, Ali Chain, Alice Ruiz, Almir Feijó, Arapoti Lins, Arnaldo Goltcher, Bira Menezes, Birinha, Breno Bonin, Carlos “Minhoca”, César Marquesini, Cláudio Kambé, Cleto de Assis, Cristovão Tezza, Dalton Trevisan, Dante Mendonça, Desidério Pansera, Denise Camargo, Domingos Pelegrini Jr, João Carlos Motter, Ernani Buchmann, Fábio Campana, Gerson Bientinez, Graça Andrade, Ignácio Dotto Neto, Itaira Susko, José Dionísio Rodrigues, Jaime Brustolin, Dary Jr., José Wille, João Ozório Brizisnski, Jorge Menezes, José Maria Pizarro, Juarez Petterle, Karin Janz, Liamir dos Santos Hauer, Luis Carlos Zanoni, Luiz Geraldo Mazza, Luiz Renato Ribas, Luiza Helena, Manoel de Andrade, Manoel Carlos Karam, Solda, Marcelo Almeida, Márcio Renato dos Santos, Margarete Born, Margarita Wasserman, Massaharu Fukushima, Miguel Sanches Neto, Nadia Kanhoush, Nadyesda Almeida, Nelson Matulevicius, Nego Pessoa, Nelson Padrella, Nelson Silva, Néslio Pinheiro, Olinda Teles, Paulo Costa, Paulo Hecker, Paulo Vítola, Pedro Sanson, Percy Tamplin, Renato Manzanek, Renato Schaitza, Rettamozo, Reinaldo Omar, Roberto Salsa, Rody Janz, Rosimere Kredens, Rogério Dias, Rosângela, Rubens Campana, Sebastião Tapajós, Sérgio Reis, Solon, Sílvia Dias, Sylvio Back, Toninho Vaz, Tortato, Tota Malucelli, Vera Auberini, Vera Buck, Vitória Líbia, Victor Sieczko, Walmor Marcelino, Wilson Bueno, Wilson Martins, Wilson Rio Appa, Wilson Sagae.

Sou grato, igualmente, ao Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal do Paraná, à divisão do acervo paranaense da Biblioteca Pública do Paraná e à biblioteca da UNIFAE.